

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

A MUDANÇA DO PADRÃO DE EMISSÃO NA REPORTAGEM DA GAÚCHA:
UMA ANÁLISE DA PREPONDERÂNCIA DO AO VIVO
NA FASE DA CONVERGÊNCIA

Léo Henrique Saballa Junior

PORTO ALEGRE
2019

Léo Henrique Saballa Junior

**A MUDANÇA DO PADRÃO DE EMISSÃO NA REPORTAGEM DA GAÚCHA:
UMA ANÁLISE DA PREPONDERÂNCIA DO AO VIVO
NA FASE DA CONVERGÊNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Comunicação e Informação

Linha de pesquisa: Jornalismo e Processos Editoriais

Orientador: professor doutor Luiz Artur Ferraretto

Porto Alegre

Fevereiro 2019

Léo Henrique Saballa Junior

**A MUDANÇA DO PADRÃO DE EMISSÃO NA REPORTAGEM DA GAÚCHA:
UMA ANÁLISE DA PREPONDERÂNCIA DO AO VIVO
NA FASE DA CONVERGÊNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Comunicação e Informação

Aprovado em: ___ de ___ 2019

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Luiz Artur Ferraretto (Orientador)
PPGCOM - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Flávio Antônio Camargo Porcello
PPGCOM - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dra. Cassilda Golin Costa
PPGCOM - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dra. Dóris Fagundes Haussen
PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

À minha esposa, Maíra, e à minha filha, Malu. Pela compreensão, incentivo e amor.

À minha mãe e ao meu padrasto, por me permitirem condições de avançar nos estudos.

Ao meu pai, por me transferir a paixão pelo rádio.

Ao professor Luiz Artur Ferraretto, pela paciência e pelos ensinamentos, fundamentais para a realização desta pesquisa. Foi em privilégio enorme ter sido orientado por uma das maiores referências em estudos de rádio do país.

Aos colegas do NER, Núcleo de Estudos de Rádio da UFRGS.

Aos profissionais da Gaúcha, que permitiram a realização da pesquisa.

Às professoras Cida Golin e Doris Haussen pelas contribuições na banca de qualificação.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que faz parte da minha trajetória.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar a reportagem da Gaúcha dentro da chamada fase de convergência do rádio (FERRARETTO, 2012). Parte da suposição de que, na contemporaneidade, se estabeleceu um novo padrão de transmissões predominantemente ao vivo na emissora. Considerando como parâmetro teórico a economia política da comunicação, em uma análise voltada ao rádio como empresa em busca de lucro (FERRARETTO, 2007), apresenta as características das participações desta reportagem, em que se apresenta mais vinculada ao gênero informativo e utilitário (MELO; ASSIS, 2010). Identifica uma pressão do tempo no trabalho dos repórteres em diferentes situações (FRANCISCATO, 2005); (MORETZOHN, 2012), relacionada com alterações causadas pela reestruturação capitalista (HARVEY, 2017) e com o avanço da tecnologia. Para alcançar os objetivos propostos, optou-se pelo **newsmaking**, baseado na observação participante (WOLF, 2008). Além da presença na emissora, foram realizadas entrevistas e gravações de programas que permitiram apresentar detalhadamente a reportagem da Gaúcha nesta fase. A partir da escuta de cerca de 50 horas de programação, foram feitas transcrições e classificações das participações da reportagem, apresentadas em gráficos e tabelas.

Palavras-chave: Radiojornalismo; Reportagem; Ao vivo; Convergência; Rádio Gaúcha.

ABSTRACT

This research aims to analyze the Gaúcha reports within the so-called radio convergence phase (FERRARETTO, 2012). It is based on the assumption that, in contemporary times, a new pattern of live transmissions was predominantly on the broadcaster. Considering as a theoretical parameter the political economy of communication, in an analysis focused on the radio as a company looking for profits (FERRARETTO, 2007), presents the characteristics of the participations of this report, in which it is more linked to the informative and utilitarian genre (MELO; ASSIS, 2010). Identifies a time pressure on reporters work in different situations (FRANCISCATO, 2005); (MORETZOHN, 2012), related to changes caused by capitalist restructuring (HARVEY, 2017) and to the advancement of technology. In order to achieve the objectives proposed, we opted for “newsmaking”, based on participant observation (WOLF, 2008). In addition to the presence on the radio station, interviews and recordings of programs were carried out which made possible to present in detail the report of Gaúcha in this phase. From listening to about 50 hours of programming, transcripts and classifications of the participations of the report were made, presented in charts and tables.

Keywords: Radiojournalism; Report; Live; Convergence; Radio Gaúcha.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Proposta de periodização do rádio brasileiro.....	75
Tabela 2 - Elementos básicos da reportagem radiofônica.....	77
Tabela 3 - <i>Chamada Geral</i> , fevereiro de 2007.....	90
Tabela 4 - <i>Gaúcha Hoje</i> , segunda-feira	95
Tabela 5 - <i>Gaúcha Hoje</i> , terça-feira	95
Tabela 6 - <i>Gaúcha Hoje</i> , quarta-feira	95
Tabela 7 - <i>Gaúcha Hoje</i> , quinta-feira	95
Tabela 8 - <i>Gaúcha Hoje</i> , sexta-feira	96
Tabela 9 - <i>Gaúcha Atualidade</i> , segunda-feira	99
Tabela 10 - <i>Gaúcha Atualidade</i> , terça-feira	99
Tabela 11 - <i>Gaúcha Atualidade</i> , quarta-feira	99
Tabela 12 - <i>Gaúcha Atualidade</i> , quinta-feira.....	99
Tabela 13 - <i>Gaúcha Atualidade</i> , sexta-feira.....	100
Tabela 14 - <i>Chamada Geral</i> , 1ª edição, segunda-feira.....	106
Tabela 15 - <i>Chamada Geral</i> , 1ª edição, terça-feira.....	107
Tabela 16 - <i>Chamada Geral</i> , 1ª edição, quarta-feira.....	107
Tabela 17 - <i>Chamada Geral</i> , 1ª edição, quinta-feira.....	107
Tabela 18 - <i>Chamada Geral</i> , 1ª edição, sexta-feira.....	108
Tabela 19 - <i>Gaúcha +</i> , segunda-feira.....	125
Tabela 20 - <i>Gaúcha +</i> , terça-feira.....	125
Tabela 21 - <i>Gaúcha +</i> , quarta-feira.....	125
Tabela 22 - <i>Gaúcha +</i> , quinta-feira.....	126
Tabela 23 - <i>Gaúcha +</i> , sexta-feira.....	126
Tabela 24 - <i>Chamada Geral</i> , 2ª edição, segunda-feira.....	134
Tabela 25 - <i>Chamada Geral</i> , 2ª edição, terça-feira.....	134
Tabela 26 - <i>Chamada Geral</i> , 2ª edição, quarta-feira.....	134
Tabela 27 - <i>Chamada Geral</i> , 2ª edição, quinta-feira.....	134
Tabela 28 - <i>Chamada Geral</i> , 2ª edição, sexta-feira.....	134
Tabela 29 - <i>Estúdio Gaúcha</i> , segunda-feira.....	139
Tabela 30 - <i>Estúdio Gaúcha</i> , quinta-feira.....	139
Tabela 31 - <i>Estúdio Gaúcha</i> , sexta-feira.....	140
Tabela 32 - Proposta de classificação dos gêneros radiojornalísticos.....	141

Tabela 33 - Gêneros na reportagem do <i>Gaúcha Hoje</i>	146
Tabela 34 - Gêneros na reportagem do <i>Gaúcha Atualidade</i>	147
Tabela 35 - Gêneros na reportagem do <i>Chamada Geral, 1ª edição</i>	149
Tabela 36 - Gêneros na reportagem do <i>Gaúcha +</i>	155
Tabela 37 - Gêneros na reportagem do <i>Chamada Geral, 2ª edição</i>	155

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Repórteres Lucas Abati e Vitor Rosa.....	48
Figura 2 - Daniel Scola, Andressa Xavier e Jocimar Farina.....	48
Figura 3 - Repórter Cid Martins.....	49
Figura 4 - Fragmento do roteiro do <i>Chamada Geral, de 5 de junho de 2018</i>	50
Figura 5 - Fragmento do roteiro do <i>Chamada Geral, de 4 de junho de 2018</i>	51
Figura 6 - Parecer Cep.....	54
Figura 7 - Publicação de reportagem no site GaúchaZh.....	66
Figura 8 - Repórter Eduardo Matos, com celular acoplado no tripé.....	69
Figura 9 - Repórter Eduardo Paganella com Acess.....	70
Figura 10 - Equipamento Acess.....	71
Figura 11 - Eduardo Paganella com bastão de selfie como suporte do celular.....	71
Figura 12 - Leitura de informações direto na tela do celular.....	73
Figura 13 - Repórter Bibiana Dihl entrando no ar.....	73
Figura 14 - Repórter Vitor Rosa.....	74
Figura 15 - Passagem de microfone na redação.....	84
Figura 16 - Fragmento de roteiro do programa <i>Gaúcha Hoje</i>	91
Figura 17 - Fragmento de roteiro do <i>Gaúcha Atualidade</i>	97
Figura 18 - Fragmento do roteiro do <i>Timeline</i>	101
Figura 19 - Fragmento do roteiro do <i>Chamada Geral, 1ª edição</i>	103
Figura 20 - Fragmento do roteiro do <i>Gaúcha +</i>	108
Figura 21: Manchete da reportagem em GaúchaZH.....	116
Figura 22: Texto da reportagem em GaúchaZH.....	117
Figura 23: Gráficos da reportagem em GaúchaZH.....	118
Figura 24: Texto e mapa de reportagem em GaúchaZH.....	119
Figura 25: Gráficos de reportagem em GaúchaZH.....	120

Figura 26: Gráficos e texto de reportagem em GaúchaZH.....	121
Figura 27: Depoimentos em reportagem de GaúchaZH.....	122
Figura 28: Depoimento em reportagem de GaúchaZH.....	123
Figura 29: Reportagem na versão gravada publicada no site GaúchaZH.....	124
Figura 30: Fragmento de roteiro do programa <i>Chamada Geral, 2ª edição</i>	128
Figura 31: Fragmento de roteiro do programa <i>Chamada Geral, 2ª edição</i>	129
Figura 32: Fragmento de roteiro do programa <i>Estúdio Gaúcha</i>	135
Figura 33: Fragmento de roteiro do programa <i>Estúdio Gaúcha</i>	136
Figura 34: Compilado de fragmentos do programa <i>Chamada Geral, 1ª edição</i>	150
Figura 35: Representação da pressão do tempo no trabalho do repórter.....	161

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Esquema resumido da metodologia.....	52
Gráfico 2 - Participação de repórteres ao vivo x gravado.....	88
Gráfico 3 - Duração das inserções de repórteres.....	89
Gráfico 4 - Uso de sonoras pela reportagem.....	90
Gráfico 5 – Gêneros jornalísticos na reportagem da Gaúcha.....	145

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. UMA APROXIMAÇÃO TEÓRICA COM ECONOMIA POLÍTICA DA COMUNICAÇÃO	25
2.1 - Fordismo e pós-fordismo	27
2.2 - Aceleração e velocidade no jornalismo.....	30
2.2 - A economia política do rádio.....	35
2.2.1 A convergência no rádio.....	40
2.3 - De Rádio Gaúcha a Gaúcha.....	41
3. UMA BASE METODOLÓGICA PARA COMPREENDER A REPORTAGEM AO VIVO NO RÁDIO	45
3.1 - Questão ética.....	53
4. A REPORTAGEM AO VIVO NA GAÚCHA	55
4.1 - A reportagem na Gaúcha: alguns apontamentos históricos.....	60
4.2 - A reportagem ao vivo no rádio e o modo de emissão autenticante.....	63
4.3 - Rotinas de trabalho na reportagem.....	64
4.3.1 - A reportagem na fase da segmentação.....	75
4.3.2 - A reportagem na fase da convergência.....	83
4.3.2.1 <i>Gaúcha Hoje</i>	91
4.3.2.2 <i>Gaúcha Atualidade</i>	96
4.3.2.3 <i>Timeline</i>	100
4.3.2.4 <i>Chamada Geral, 1ª edição</i>	102
4.3.2.5 <i>Gaúcha +</i>	108
4.3.2.6 <i>Chamada Geral, 2ª edição</i>	126
4.3.2.7 <i>Estúdio Gaúcha</i>	135
4.4 - Os gêneros jornalísticos na reportagem da Gaúcha.....	140
4.4.1 Gêneros na reportagem do <i>Gaúcha Hoje</i>	145
4.4.2 Gêneros na reportagem do <i>Gaúcha Atualidade</i>	142

4.4.3 Gêneros na reportagem do <i>Timeline</i>	149
4.4.4 Gêneros na reportagem do <i>Chamada Geral, 1ª edição</i>	149
4.4.5 Gêneros na reportagem do <i>Gaúcha +</i>	152
4.4.6 Gêneros na reportagem do <i>Chamada Geral, 2ª edição</i>	155
4.4.7 Gêneros na reportagem do <i>Estúdio Gaúcha</i>	158
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	160
REFERÊNCIAS	164

1. INTRODUÇÃO

Nenhum pedido de silêncio. Redação agitada e muitas conversas paralelas. Neste cenário, microfones passam de mão em mão entre os repórteres que entram no ar. Ao contrário de outras épocas¹, o tradicional estúdio de gravações, com isolamento acústico, não é utilizado pelos profissionais observados durante a realização deste estudo. Nenhum gravador portátil foi visto no período da pesquisa de campo. Em contrapartida, os celulares aparecem com frequência. Seja espalhados pelas mesas, seja nas mãos dos repórteres, são utilizados, na maioria das vezes, para consultar a internet, falar com fontes e ler as anotações feitas para serem transmitidas ao vivo. Se o repórter está na rua, o aparelho ainda tem outras funções, que serão detalhadas ao longo do trabalho.

A emissora em estudo é controlada pelo Grupo RBS², cujo fundador, o radialista Maurício Sirotsky Sobrinho, participou, como sócio minoritário, do processo de compra da Gaúcha³ em 1957. Em 2018, situa-se como líder nos segmentos **hard news** e esporte na Grande Porto Alegre, segundo a Kantar Ibope (GRUPO RBS, 9 ago. 2018). Desde 1983, opera no formato **talk and news**, que se caracteriza por um modelo intensivo de cobertura, “com o máximo de recursos materiais e humanos disponíveis, ao vivo e direto do palco de ação dos fatos” (FERRARETTO, 2013, f.13). Este formato é uma mistura do **all-news** – modo exclusivo de notícias com **all-talk** – preponderante na conversa (FERRARETTO, 2014a, p.65).

É possível ouvir a Gaúcha nas seguintes plataformas: AM, FM, TV a cabo, aplicativos para **smartphones**, **website**, além da Rede Gaúcha Sat, em que emissoras de outras cidades, inclusive de outros estados, retransmitem parte da programação. Esta rede foi formada em março de 1995, inicialmente, com 12 afiliadas (FERRARETTO, 2007, p.245). Em 2017, reúne 145 emissoras em sete estados (RÁDIO GAÚCHA, 11 maio 2017), com retransmissão de parte da programação que é produzida em Porto Alegre. Em julho de 2012, o Grupo RBS deu início a um processo de expansão com a abertura de emissoras próprias em Santa Maria, Caxias do Sul e Pelotas (RÁDIO GAÚCHA, abr.

¹ Até a primeira década dos anos 2000. Período em que o autor trabalhou na emissora como repórter.

² Empresa de comunicação multimídia sediada no Rio Grande do Sul, afiliada da Rede Globo, que produz conteúdo e entretenimento em rádio, televisão, jornal e plataformas digitais. (GRUPO RBS, 2017).

³ Ao longo desta dissertação, adotou-se apenas a denominação “Gaúcha” – e não “Rádio Gaúcha” –, reproduzindo idêntica atitude da emissora em seu reposicionamento como veículo multiplataforma.

2014). Levam os nomes de Gaúcha Santa Maria, Gaúcha Serra e Gaúcha Zona Sul, respectivamente.

Esta pesquisa irá trabalhar as particularidades da reportagem de rádio que, conforme Klöckner (In: FELIPPI et al, 2006, p.89), divide-se em (1) ao vivo, (2) gravadas e (3) uma mescla de ambas. Aprofunda-se, aqui, a rotina do repórter da Gaúcha na contemporaneidade, em que se observa uma priorização das emissões ao vivo (FERRARETTO; SABALLA, 2018), diferentemente do verificado na fase da segmentação, de acordo com proposta de periodização de Ferraretto (2012.). Serão abordados, também, alguns aspectos deste período que antecede a convergência, indo ao encontro do entendimento de que “a comparação aparece como sendo inerente a qualquer pesquisa no campo das ciências sociais, esteja ela direcionada para a compreensão de um evento singular ou voltada para o estudo de uma série de casos previamente escolhidos” (SCHNEIDER; SCHMITT, 1998, p.49).⁴

Considerando o meio rádio como uma indústria cultural, que funciona sob a vigência do sistema capitalista, é feita uma abordagem do estudo também a partir deste sistema, lançando olhar sobre a mudança do fordismo⁵ para o pós-fordismo. Ao detalhar o modo como trabalha o repórter da Gaúcha na contemporaneidade, tenta-se identificar se há relação com a dinâmica capitalista deste período (pós-fordismo), cuja característica central é o regime de acumulação flexível, marcado por um confronto direto com a rigidez do fordismo, que, segundo Harvey, “se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo.” (2017, p.140).

A partir disso, entende-se como relevante a reflexão em torno da pressão que o tempo pode exercer no trabalho do repórter, que está inserido num contexto de desenvolvimento de tecnologia, redes sociais e maior velocidade de circulação das notícias. Tal cenário, também, remete a estudos de David Harvey, cuja análise de compressão do tempo-espaço, marcada por uma aceleração generalizada, apresenta uma influência particular nas maneiras pós-modernas de pensar, de sentir e de agir (HARVEY, 2017, p.258).

⁴ Optou-se por não fazer uma análise comparativa para se concentrar no momento atual, considerando o tamanho do corpus escolhido.

⁵ Termo criado a partir da produção de carros na montadora Ford, nas primeiras décadas do século XX. De acordo com Laranjeira (In: Cattani, 1997, p.89), o fordismo caracterizar-se-ia como prática de gestão na qual se observa a radical separação entre concepção e execução, baseando-se no trabalho fragmentado e simplificado, com ciclos operários muito curtos, requerendo pouco tempo para formação e treinamento dos trabalhadores.

Essa influência tem origem em diversos fatores que surgem nesta transição para a acumulação flexível, como a rápida implantação de novas formas organizacionais e de novas tecnologias produtivas. Ao fazer a ponte para as complexidades do trabalho do repórter na contemporaneidade, em meio à compressão do tempo, lança-se mão de estudos de Sylvia Moretzsohn, que questiona como se pode admitir que o jornalista desempenhe funções, se não tem tempo para pensar (2012, p.164). Entretanto, a autora não centra as críticas, apenas, nas rotinas nas redações. Ela sugere uma reflexão sobre eventuais falhas na universidade que, segundo ela, encontra-se “isolada em sua função de só pensar, incapaz de fazer, porque fazer é com os jornalistas, detentores autorizados daquele saber específico”. (MORETZSOHN, 2012, p. 164).

A questão da temporalidade do jornalismo também pode ser abordada a partir de estudos de Franciscato (2005, p.112-162), que aponta cinco tipos de fenômenos temporais imbricados na atividade jornalística. O autor constata características que parecem surgir na contemporaneidade, mas que existiam em outros tempos. Segundo o pesquisador, são fenômenos que se constituíram historicamente como parte de um processo de formação do próprio jornalismo como uma instituição social: (1) instantaneidade; (2) simultaneidade; (3) periodicidade; (4) novidade; (5) revelação pública. Em relação a estas, como nas enumerações seguintes, haverá ampliação ao longo do trabalho

A pesquisa ampara-se, do ponto de vista teórico, na economia política da comunicação para auxiliar na análise da priorização do ao vivo pelo repórter da Rádio Gaúcha, bem como para entender as novas atribuições deste profissional. A compreensão dessa teoria passa por um retorno aos anos 1940, quando Adorno e Horkheimer criaram o conceito de indústria cultural, segundo o qual consideram mercadorias essa produção industrial dos bens. Comparam a produção dos filmes, programas de rádios e revistas com a fabricação de automóveis, afirmando que “a técnica da indústria cultural levou apenas à padronização e à produção em série, sacrificando o que fazia a diferença entre a lógica da obra e a do sistema social.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.114).

A partir de 1975, a economia política encaminha-se para uma reflexão que não versa mais sobre a indústria cultural, mas sobre as indústrias culturais, abandonando uma visão genérica dos sistemas de comunicação, conforme Mattelart e Mattelart (1999, p.113). Ainda de acordo com os autores, esse entendimento indica reflexos nas modalidades de organização do trabalho e na caracterização dos próprios produtos. É uma segmentação das formas de rentabilização da indústria cultural pelo capital (1999, p.122). Portanto, indo ao encontro desta ideia, de que cada meio de comunicação é diferente e

tem uma lógica própria, Ferraretto (2014b, p.946) aponta que há uma passagem do negócio radiofônico ao seu estágio de indústria cultural.

Para tentar compreender como a reportagem na Gaúcha é feita atualmente, a pesquisa está centrada no radiojornalismo no contexto de convergência (JENKINS, 2009), utilizando o conceito de rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016), indo ao encontro de estudos de Ferraretto (2015). A partir disso, busca-se identificar se há uma predominância da reportagem ao vivo e, conseqüentemente, um desaparecimento das inserções de repórteres gravados. Entende-se como relevante, ainda, detalhar aspectos sobre eventual alteração nas atribuições do repórter, profissional que trabalha na apuração, internamente ou externamente (DE FELICE, 1981), com a função de colher, elaborar e transmitir a informação (PORCHAT, 1989), e que, no caso do rádio, segundo McLeish (2001), precisa compreender a importância dos sons.

Tendo em vista que a convergência não é só tecnológica (JENKINS; SANTOS, 2009), leva-se em conta a vigência da fase da multiplicidade da oferta (BRITTOS, 1999), ideia esta que foi pensada inicialmente para a televisão, após o surgimento da modalidade paga, mas que, posteriormente, passou a ser trabalhada de forma mais geral, sendo adotada inclusive para o rádio (BRITTOS, 2002). Inspirado parcialmente nesses trabalhos, Ferraretto (2012) sugere, em sua proposta de periodização do rádio, a vigência de uma fase de convergência, que começou em meados de 1990 e é marcada pela influência da internet e dos dispositivos móveis, principalmente o celular.

Consideram-se, ainda, os conceitos de rádio plural, de Mariano Cebrián Herreros (2001), rádio hipermediático, de Debora Cristina Lopez (2009), porém usa-se, aqui, a ideia de rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016), em que o veículo adota uma forma expandida de atuação, provocando, como uma de suas conseqüências, transformações na rotina do profissional, que passa a desempenhar múltiplas funções. Nesse cenário, as tecnologias, como extensões do ser humano (MCLUHAN, 1974), apresentam aspectos positivos e negativos.

Este trabalho, no entanto, não trata apenas de rádio. Impõem-se como fundamentais as questões que envolvem o jornalismo neste processo de priorização do ao vivo. Nesse sentido, identificam-se, nos estudos de Jean Charron e Jean de Bonville (2016), aspectos que vão ao encontro do que se apresenta aqui. Os autores apontam quatro fases de transformação profunda, que serão detalhadas ao longo do trabalho: (1) jornalismo de transmissão; (2) jornalismo de opinião; (3) jornalismo de informação; (4) jornalismo de comunicação. Entende-se como relevante o aprofundamento - pela pesquisa dos autores

franceses, da quarta fase - o jornalismo de comunicação, em que os empresários da mídia e os investidores, “em busca de novos mercados e estimulados pelas inovações técnicas [...] favorecem a multiplicação de suportes midiáticos e dos serviços de informação (CHARRON; BOVILLE, 2016, p. 30). Além disso, dentro da reflexão dessa transformação, entendem que a informação circula mais rapidamente, podendo ser relatadas imediatamente e em sua continuidade, à medida que ocorrem, já que o tempo deste jornalismo de comunicação é o presente (CHARRON; BOVILLE, 2016, p.194).

Como *corpus* para este estudo, foram selecionados todos os programas da Gaúcha que abordam o jornalismo em geral⁶, durante cinco dias seguidos, de 4 a 8 de junho de 2018, entre segunda-feira e sexta-feira: *Gaúcha Hoje*, *Gaúcha Atualidade*, *Timeline*, *Chamada Geral* – primeira e segunda edição –, *Gaúcha Mais e Estúdio Gaúcha*⁷. Estão dentro de uma faixa de horário que começa às 5h da manhã e vai até à meia-noite. Em comum a todos, há participação de repórteres. Resumidamente, caracterizam-se da seguinte maneira:

a) *Gaúcha Hoje*: Das 5 às 8h. É apresentado por Antônio Carlos Macedo, com participações, ao longo de todo o programa, do meteorologista Cléo Kuhn e do repórter Jocimar Farina, que fica no estúdio. Além destes, há constante entrada de repórteres. Prioriza informações do trânsito, do tempo e assuntos que serão destaque ao longo do dia.

b) *Gaúcha Atualidade*: Das 8h10min às 10h. São três apresentadores, sendo dois em Porto Alegre e um em Brasília, e tem participação esporádica da reportagem. Baseado em entrevistas, trata, prioritariamente, de assuntos de política, mas também aborda temas do cotidiano.

c) *Timeline*: Das 10 às 11h. São três apresentadores, sendo dois em Porto Alegre e um em Boston, nos Estados Unidos, com participação eventual da reportagem. Aborda, por meio de entrevistas, assuntos de destaque nas redes sociais.

d) *Chamada Geral*: Há duas edições ao longo do dia, sendo uma das 11 às 12h, e outra das 16h30min às 17h30min. É o programa com maior espaço para a reportagem. Há a presença de um apresentador que aciona, constantemente, os repórteres com assuntos que são destaque no estado, no país e no mundo.

⁶ Do ponto de vista organizacional, há uma separação entre esporte (compreendido normalmente como futebol) e as demais áreas de cobertura jornalística. Neste trabalho, opta-se pela concentração no segundo, utilizando-se essa denominação para identificar tal prática.

⁷ No caso do *Estúdio Gaúcha*, foram três edições. Nas outras duas noites, o programa não foi ao ar devido à transmissão de futebol. Historicamente, os programas noturnos na Gaúcha são intercalados com coberturas de futebol.

e) *Gaúcha* +⁸: Das 14h30min às 16h30min. São três apresentadores que abordam assuntos do momento, predominantemente, por meio de entrevistas e com participações de comentaristas. Há inserções da reportagem ao vivo, principalmente, das relacionadas ao trânsito.

f) *Estúdio Gaúcha*: Das 22 às 24h. Tem um apresentador e divide-se entre assuntos de jornalismo geral e esporte, com entrevistas e participação da reportagem.

Foi analisada uma semana comum, sem coberturas jornalísticas que, eventualmente, pudessem destoar da rotina da reportagem. Chegou-se a um total aproximado de 52 horas de programação gravada⁹.

A pesquisa leva em conta - como um dos objetivos centrais, de modo a contribuir para as reflexões do trabalho do repórter na contemporaneidade - as considerações a respeito de gêneros jornalísticos categorizados por Marques de Melo (In: Melo; Assis, 2010, p.23-41), a partir de uma leitura para o meio radiofônico¹⁰ (FERRARETTO, 2014a, p. 95-98):

(1) informativo, que se limita a narrar o assunto a ser noticiado com o mínimo de detalhes necessários à sua compreensão;

(2) interpretativo, que contextualiza a narrativa;

(3) opinativo, englobando um julgamento próprio;

(4) utilitário, no qual se incluem informações como a previsão do tempo e o trânsito;

(5) diversional, correspondendo à incorporação de técnicas de narrativa ficcional na descrição de fatos reais;

Considerando que a reportagem ao vivo é o ponto central do trabalho, são feitas, também, breves considerações que vão ao encontro da autentificação da notícia pelo repórter. Sem a pretensão de adentrar profundamente nos conceitos da autentificação no jornalismo, utilizam-se, nesta pesquisa, estudos do autor francês, François Jost (2001), que propõe uma classificação pensando no conteúdo de televisão: (1) autenticante; (2) ficcional; e (3) lúdico. O pesquisador indica, porém, a possibilidade de se pensar também

⁸ Lê-se Gaúcha Mais.

⁹ Para este procedimento, foram utilizados rádio e gravador portáteis, ambos com funcionamento a pilha. Além disso, a emissora cedeu uma parte das gravações.

¹⁰ Tais gêneros inclusos nesta categorização serão objeto de aprofundamento em um capítulo específico.

no rádio, ao detalhar sua visão do modo autenticante, na medida em que há uma simultaneidade entre a captação e a recepção, visto que transmissões ao vivo dão a impressão de acessar-se diretamente o acontecimento.

Ferraretto (2014b; 2017) amplia o estudo desta ideia para o rádio, analisando o desempenho do comunicador ao vivo, sugerindo que, ao existir a simulação de uma conversa com o ouvinte, há uma autenticação do processo. O autor centra foco em três funções essenciais das emissoras de rádio: (1) âncora; (2) comentarista; e (3) repórter. Nesta pesquisa, entende-se como relevante lançar olhar para a terceira função citada, em que o profissional, além de obter os fatos corretamente, também precisa entender, no caso do rádio, a importância dos sons, como o barulho de uma obra, ou gritos de uma manifestação (McLEISH, 2001).

Supondo-se que as notícias circulam mais rapidamente, sob a influência, por exemplo, das redes sociais, além de novas atribuições surgidas na fase da convergência, considera-se a hipótese de que a compressão do tempo na rotina do repórter tenha influência na preponderância do ao vivo na Gaúcha.

A partir desse entendimento, o estudo propõe-se a responder às seguintes perguntas:

(1) Existe um movimento de extinção das reportagens gravadas em detrimento das veiculações ao vivo?

(2) Como a suposta exigência de estar sempre ao vivo interfere na rotina do trabalho do repórter?

(3) Qual a influência das redes sociais neste processo?

(4) Qual a justificativa da emissora em assumir o ao vivo como prioridade?

(5) As gravações mantêm-se nas chamadas grandes reportagens?

A pesquisa tem por objetivo geral, portanto, identificar de que forma a convergência impacta na preponderância da emissão ao vivo pela reportagem da Gaúcha. Pretende-se, ainda, compreender e analisar os seguintes pontos:

(1) De que forma as mudanças na rotina do repórter, pressionado pelo tempo e pela aceleração das notícias, com mais tarefas e com diferentes tipos de apoios tecnológicos, influenciam nesta suposta preponderância do ao vivo;

(2) As explicações oficiais de gestores para as alterações;

(3) A orientação da rádio sobre a execução da reportagem;

(4) Quantas inserções de repórteres ao vivo ao longo do período estudado e qual o percentual desse tipo de participação, na relação com as gravações;

(5) Quantas entrevistas (sonoras) são veiculadas pelos repórteres ao longo do período estudado e qual o percentual na relação com a quantidade de participações;

(6) Quantas inserções de repórteres têm até um minuto de duração e quantas passam de um minuto;

(7) Em quais gêneros jornalísticos, a partir de uma leitura para o meio radiofônico, segundo Ferraretto (2014, p. 95-98), a reportagem da Rádio Gaúcha mais se enquadra atualmente.

No meio acadêmico, a reportagem em rádio é estudada em pesquisas. Entretanto, especificamente a reportagem ao vivo não chega a ser abordada na totalidade da sua complexidade. Um levantamento feito em bibliotecas on-line de cinco universidades (Universidade Feral do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Universidade Estadual de Campinas e Universidade de São Paulo) aponta apenas um trabalho (entre monografias, teses e dissertações) que aborda a tendência de tornar predominante a reportagem ao vivo. Trata-se de uma dissertação do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, de 2013, cujo título é *Radioreportagem: referências para a prática, o ensino e a pesquisa*, de Nadine de Almeida Lopes. Na UFRGS, na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, uma monografia de 2016 estudou a reportagem da Gaúcha na fase da convergência, de autoria de Ludmila Drumond Cafarate, com o título *A reportagem radiofônica na fase da convergência: um estudo de caso da Rádio Gaúcha de Porto Alegre*. Entretanto, tem como foco reportagens especiais, gravadas e editadas, diferentemente do que está sendo proposto neste trabalho. Embora se trate de um trabalho de conclusão de curso de graduação, a monografia vai ao encontro desta pesquisa não só por utilizar base teórica semelhante mas também por ter sido orientada pelo mesmo pesquisador. Ainda na UFRGS, uma monografia analisa as transformações da linguagem da reportagem em rádio. Tal trabalho é de 2002 e não trata diretamente da reportagem ao vivo. Tem como título: *Reportagem de rádio: a linguagem em transformação de 1959 até hoje*, de autoria de Milena Schoeller, que atualmente é chefe de reportagem da Rádio Gaúcha. A tese de doutorado de Nivaldo Ferraz, da Universidade de São Paulo, de 2016, com o título *Reportagem no rádio: realidade brasileira, fundamentação, possibilidades sonoras e jornalísticas a partir da peça radiofônica reportagem* aborda muitos aspectos da reportagem, porém tem como objeto de estudo reportagens gravadas e editadas.

Em consulta feita no Google Acadêmico, apenas um trabalho aproxima-se da pesquisa aqui sugerida. Trata-se uma dissertação da Universidade Federal de Santa Catarina, do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, de autoria de Juliana Gomes. Com o título: *Impactos da mobilidade do rádio na produção do radiojornalismo: um estudo dos programas Gaúcha Repórter e Notícia na Tarde*, o estudo aborda, em meio à comparação dos dois noticiários, a tendência do uso mais frequente da reportagem ao vivo, porém sem aprofundamento do tema específico proposto nesta pesquisa. Em consultas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTC), na Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e na Red de Revistas Científicas de América Latina y El Caribe, España y Portugal (Redalyc), não foi encontrado nenhum trabalho que tenha como tema principal a reportagem ao vivo em rádio e a tendência desse formato como predominante na programação.

Portanto, conclui-se que, diante da ausência de pesquisas com este foco, um estudo atualizado e direcionado a este tema é útil, oferecendo elementos para reflexões tanto para profissionais de mercado quanto para professores e estudantes.

Para alcançar os objetivos propostos, opta-se pelo **newsmaking**, que se baseia na observação participante (WOLF, 2008), com objetivo de reunir e obter, sistematicamente, as informações e os dados fundamentais sobre as rotinas de produção que atuam na indústria da mídia (WOLF, 2008, p.191). O investigador junta-se à equipe pesquisada, sem fazer parte dela propriamente, debruçando-se sobre as rotinas de produção em jornalismo, dando atenção às diferentes etapas de produção, desde a captação até a distribuição da informação. “Envolve a observação da relação entre a cultura organizacional do veículo de comunicação e a cultura profissional dos jornalistas envolvidos”. (STRELOW, 2010, p. 27).

Os critérios específicos que regem a seleção e a estruturação do material de observação, acumulado pouco a pouco, podem ser diferentes: o importante é que a fase de observação (isto é, da presença do pesquisador em campo) esteja sempre ligado a hipóteses de pesquisa, que seja orientada segundo aceitações teóricas precisas, e que não se constitua de maneira indistinguível e casual. (WOLF, 2008, p.191).

Para manter o espírito crítico, segue-se o que foi dito por Hohlfeldt (2001), já que, após a coleta dos dados, o pesquisador afasta-se para melhor descrever, analisar e, eventualmente, criticar as práticas observadas. Essas observações, destaca Wolf (2008), podem ser passivas, com o mínimo de interações com os indivíduos analisados, ou mais

participativas e integradas. De qualquer forma, o autor italiano observa que, mais cedo ou mais tarde, o observador corre o risco de ter sua função confundida com a de participante e acaba assimilando o modo de proceder, de pensar, de avaliar dos jornalistas, tornando-se *um deles*, modificando o próprio papel. “Mesmo não sendo, no sentido estrito, um participante do processo de produção de notícias, ele deixa de ser um simples observador” (WOLF, 2008, p. 192). Em resumo, ressalta Wolf (2008), o **newsmaking** se articula, principalmente em duas frentes: uma relacionada à cultura profissional dos jornalistas, outra ligada à organização do trabalho e dos processos de produção.

Além das informações coletadas na redação, acrescentam-se os dados obtidos a partir das gravações dos programas e da análise dos roteiros¹¹ obtidos junto à emissora. Também foi feita uma pesquisa bibliográfica, buscando estudos publicados a respeito do tema, que irão auxiliar na orientação da pesquisa.

Nas entrevistas com os profissionais da emissora, foram feitas aquelas consideradas do tipo abertas (DUARTE, 2005), exploratórias e flexíveis, sem precisar haver uma sequência predeterminada de questões. Terá como um ponto de partida um tema, que será o trabalho da reportagem. “A capacidade de aprofundar as questões a partir das respostas torna esse tipo de entrevista muito rico em descobertas” (DUARTE, 2005, p.65). A partir daí, aprofunda-se em determinado rumo, de modo que a resposta pode originar a pergunta seguinte.

Após a introdução, a pesquisa divide-se em outros cinco capítulos:

(1) O capítulo dois, *Uma aproximação teórica com a economia política da comunicação*, faz uma ponte entre rádio, jornalismo e alterações no sistema capitalista. Busca amparo em autores como Theodor Adorno e Max Horkheimer (1985), Armand e Michèle Mattelart (1999), Jean Charron e Jean De Bonville (2016). É feito um resgate histórico de conceitos, a fim de servir de base para uma relação com a atualidade e a realidade da redação de uma grande emissora de rádio, adentrando, também, nos estudos da economia política do rádio, baseados em pesquisas de Luiz Artur Ferraretto (2007, 2009, 2012, 2013), Dallas Smythe (1983), Cebrian Herreros (1994), Marcelo Kischinhevsky (2010) e Valério Brittos (1999, 2002), indo ao encontro da convergência no rádio com Henry Jenkins (2009), Ainara Larrondo Ureta (In: DOURADO et al, 2016), Nélia Del Bianco

¹¹ Material consolidado após o fim do programa, que serve como um relatório do que foi ao ar.

(2012) e Suzy Santos (2009). Procura, ainda, entender como as reflexões em torno do tempo e da velocidade podem-se relacionar com o estudo, a partir de autores como Carlos Franciscato (2005) e Sylvia Moretzohn (2012). Como pano de fundo, entende-se como relevante passar por questões do sistema capitalista, abordando os períodos do fordismo e pós-fordismo, com autores como David Harvey (2017), Fernando Tenório (2011), Sônia Larangeira (1997) e Idalberto Chiavenato (2003).

(2) O capítulo três, *Uma base metodológica para compreender a reportagem ao vivo no rádio*, apoia-se em autores como Mauro Wolf (2008), Antônio Hohlfeldt (2001), Alfredo Vizeu (In: LAGO; BENETTI, 2007), Aline Strelow (2010), Jorge Duarte e Antônio Barros (2005), Susana Hornig Priest (2011). Detalha os métodos utilizados na pesquisa, além de revelar, parcialmente, os resultados das gravações, entrevistas e observações na redação.

(3) No capítulo 4, *A reportagem ao vivo na Gaúcha*, aparece a maior parte dos resultados da pesquisa. Busca-se, aqui, responder às questões propostas, como a quantidade de inserções de repórteres ao vivo, comparando-a com as participações gravadas, além dos resultados sobre classificações dos gêneros jornalísticos, apoiando-se em José Marques de Melo e Francisco Assis (2010). Usam-se as entrevistas e descreve-se a rotina de trabalho do repórter da Gaúcha, buscando relacioná-lo às fases do rádio comercial no Brasil, a partir de Luiz Artur Ferraretto (2012). Considera-se, ainda, como válida para o estudo teórico deste trabalho, uma revisão em manuais de radiojornalismo, através de autores como Luciano Klockner (1997, 2006), Maria Elisa Porchat (1986, 1989) e Heródoto Barbeiro (2003). Mesmo que possam estar em desuso nas emissoras, entende-se que, por meio desses manuais, é possível traçar comparativos em diferentes épocas e promover reflexões acerca do rigor técnico ao desempenhar a função de repórter. A partir disso, detalha-se a estrutura da reportagem de rádio, com auxílio de estudos de Emílio Prado (1989) e Luiz Artur Ferraretto (2014).

(4) Ao fim do processo, o capítulo das *Considerações finais*, apresenta as conclusões obtidas, descrevendo os objetivos alcançados em relação à hipótese inicialmente sugerida.

O projeto foi submetido à provação do Comitê de Ética em Pesquisa, vinculado à

Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Cada participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme preconizado pelas resoluções 466/2012 e 510/2016, do Ministério da Saúde.

2. UMA APROXIMAÇÃO TEÓRICA COM ECONOMIA POLÍTICA DA COMUNICAÇÃO

A utilização da economia política da comunicação, nesta pesquisa, auxilia no entendimento sobre como o jornalismo está inserido nas cadeias produtivas, bem como se dá o controle do mercado sobre o conteúdo dos meios de comunicação. Desenha-se, neste capítulo, uma ponte entre jornalismo, rádio e alterações no sistema capitalista. A economia política da comunicação, segundo Mosco (1999, p.107), descreve e observa a importância das formas estruturais responsáveis pela produção, distribuição e troca de produtos de comunicação e pela regulação do mercado de comunicação. Ocupa-se, principalmente, do estudo da comunicação como negócio, conforme Rüdiger (2002, p.115), no qual se observam as conexões entre os sistemas de produção e estrutura de classes como elementos de manutenção e/ou mudanças das relações de poder social.

A economia política rejeita a análise da transformação da sociedade levando em conta o individualismo e a racionalidade do mercado. Insiste nos processos sociais, focando-se nas classes sociais e no trabalho, em oposição ao poder de classe. (MOSCO, 1998, p.112). No livro *The political economy of communication*, Mosco afirma que se pode pensar em economia política como o estudo das relações sociais, particularmente as relações de poder que, mutuamente, constituem a produção, a distribuição e o consumo de recursos.

Deste ponto de vista, os produtos de comunicação, como jornais, livros, vídeos, filmes e audiências, são os recursos primários. Essa formulação tem um certo valor heurístico para os estudiosos da comunicação, porque chama a atenção para forças e processos fundamentais em ação no mercado. Enfatiza o circuito institucional de produtos de comunicação que liga, por exemplo, uma cadeia de produtores primários a atacadistas, varejistas e consumidores, cujas compras e atenção são redirecionados para novos processos de produção. (MOSCO, 1996, p.25, tradução nossa).

O estudo da produção industrial dos bens culturais como mercadoria remete ao conceito de indústria cultural, criado pelos alemães Theodor Adorno e Max Horkheimer,

em meados de 1940. (MATTELART; MATTELART, 1999, p.77). Dentro dessa concepção, relaciona-se a produção de filmes, revistas e programas de rádio à fabricação de automóveis em série.

Cada setor de produção é uniformizado e todos o são em relação aos outros. A civilização contemporânea confere a tudo um ar de semelhança. A indústria cultural fornece por toda a parte bens padronizados para satisfazer as numerosas demandas, identificadas como distinções às quais os padrões de produção devem responder. (MATTELART; MATTELART, 1999, p.77).

Aprofundando esse conceito na obra *Dialética do Esclarecimento*¹², Adorno e Horkheimer (1985, p.114) afirmam que rádio e filme, por exemplo, passam a ser um negócio, não sendo mais necessário serem empacotados como arte: “Eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem”. Consideram cada filme um *trailer* do próximo filme, que irá apresentar os mesmos heróis. (1985, p.153). Mesmo que utilizem diferentes exemplos, torna-se ainda mais ilustrativo destacar aqui como os autores pensavam, na época, o próprio meio em estudo neste trabalho, o rádio:

Democrático, o rádio transforma-os a todos igualmente em ouvintes, para entregá-los, autoritariamente aos programas, iguais uns aos outros, das diferentes estações. [...]. Acresce-se a isso o acordo, ou pelo menos a determinação comum dos poderosos executivos, de nada produzir ou deixar passar que não corresponda a suas tabelas, à ideia que fazem dos consumidores e, sobretudo, que não se assemelha a eles próprios. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.114-115).

Reforçando e resumindo o posicionamento crítico, Adorno e Horkheimer (1985, p.136) entendem que a indústria cultural coloca o homem como um ser genérico, fungível, um mero exemplar, absolutamente substituível.

Ao direcionar essa análise para o rádio¹³, dentro do contexto da economia política da comunicação, destaca-se o entendimento de que este meio é um ramo particular de investimento e reprodução do capital (FERRARETTO, 2007) - característica esta, que será ampliada adiante. Admite-se, então, que o rádio possui uma lógica própria, uma indústria específica, indo ao encontro da ideia de abandono de uma visão demasiado genérica dos sistemas de comunicação, segundo Mattelart e Mattelart (1999, p.113). Isso

¹² Dependendo da tradução, o livro pode ser nomeado como *Dialética do Iluminismo*.

¹³ Tem-se consciência da existência de outros rádios, como o comunitário e educativo (FERRARETTO, 2007), mas se considera aqui apenas o rádio comercial.

ocorre a partir de 1975, de acordo com os autores, quando a economia política se enca-minha para uma reflexão que não versa mais sobre a indústria cultural, mas sobre o con-ceito de indústrias culturais (MATTELART; MATTELART, 1999, p.113), assim descrito por Zallo:

[...] um conjunto de ramificações, segmentos e atividades industriais auxiliares produtoras e distribuidoras de mercadorias com conteúdos simbólicos, concebidas por um trabalho criativo, organizadas por um capital que se valoriza e destinadas, finalmente, aos mercados de con-sumo, com uma função de reprodução ideológica e social. (ZALLO, 1988, p.26).

A partir desta década, dos anos 1970, após as reflexões sobre o conceito de indús-trias culturais e o entendimento de que existem indústrias específicas, é que se estabelece um novo arranjo capitalista, com a reestruturação das relações de trabalho e aceleração da inovação tecnológica. (BOLAÑO; BRITTOS In: HAUSSEN; BRITTOS, 2009, p.19). Passa-se de um modo de produção padronizado e rígido para um período de maior flexi-bilidade. (Harvey, 2017).

2.1. Fordismo e pós-fordismo

O fordismo foi um termo criado a partir da produção de carros na montadora Ford, nas primeiras décadas do século XX. De acordo com Larangeira (In: Cattani,1997, p.89), caracteriza-se como prática de gestão na qual se observa a radical separação entre con-cepção e execução. Tem como base o trabalho fragmentado e simplificado, com ciclos operários muito curtos, requerendo pouco tempo para formação e treinamento dos traba-lhadores.

O processo de produção fordista fundamenta-se na linha de montagem acoplada à esteira rolante, que evita o deslocamento de trabalhadores e mantém um fluxo contínuo e progressivo das peças e partes, permitindo a redução dos tempos mortos, e, portanto, da porosidade. O trabalho, nessas condições, torna-se repetitivo, parcelado e monótono, sendo sua velocidade e ritmo estabelecidos independentemente do trabalhador, que o executa através de uma rígida disciplina¹⁴. (LARANGEIRA In: CATTANI, 1997, p.90)

¹⁴ O método fordista teve um surpreendente crescimento de produção de carros. Passou de mais de 300 mil veículos na fábrica de Detroit, em 1913, para dois milhões em 1923. (LARANGEIRA In: CATTANI, 1997, p.90)

O surgimento deste período se dá, conforme Harvey (2017, p.121), quando Henry Ford, fundador da montadora Ford, introduz o dia de oito horas e cinco dólares como recompensa para os trabalhadores da linha automática de montagem de carros. Segundo o autor, foi uma forma corporativa de organização de negócios aperfeiçoada pelas estradas de ferro, ao longo do século XIX, que permitiu ganhos de produtividade, por meio da racionalização de velhas tecnologias e de uma detalhada divisão de trabalho.

Antes do fordismo, a fabricação de veículos dependia da habilidade da mão de obra envolvida, num processo considerado artesanal, desde a elaboração do projeto, até a execução e distribuição (TENÓRIO, 2011, p.1152). Com a racionalização da produção, foi possível criar uma linha de montagem que permite a produção em série, cujo produto é padronizado, bem como o maquinário e a mão de obra, proporcionando um custo mínimo (CHIAVENATO, 2003, p.65). Para a obtenção de um esquema caracterizado pela aceleração da produção, Ford adotou, conforme Chiavenato (2003, p. 66), três princípios básicos:

(1) Princípio da intensificação: Diminuir o tempo de duração com a utilização imediata dos equipamentos e matéria-prima e a rápida colocação do produto no mercado.

(2) Princípio de economicidade: Reduzir ao mínimo o volume do estoque da matéria-prima em transformação, fazendo com que o automóvel fosse pago à empresa antes de vencido o prazo de pagamento dos salários e da matéria-prima adquirida. A velocidade de produção deve ser rápida.

(3) Princípio de produtividade: Aumentar a capacidade de produção do homem no mesmo período (produtividade) por meio da especialização e da linha de montagem. O operário ganha mais e o empresário tem maior produção.

A ideia de Ford, segundo Harvey, passava pela idealização de uma produção em massa geradora de um consumo de massa.

[...] um novo sistema de reprodução de força do trabalho, uma nova política de controle e gerência de trabalho, uma nova estética e uma nova psicologia, em suma, um novo tipo de sociedade democrática, racionalizada, modernista e populista. (HARVEY, 2017, p.121).

Segundo o autor (2017, p. 134), os padrões materiais de vida para a massa da população nos países capitalistas avançados se elevaram em um ambiente relativamente estável para os lucros corporativos. Entretanto, uma aguda recessão, em 1973, forçou uma transição rápida, dando início ao chamado regime de acumulação flexível. Em meio a muitas incertezas no campo social, há uma série de fatores que forcem a transição dos

regimes. Entre os principais, estão a estagnação da produção de bens e alta inflação. (HARVEY, 2017, p.140). Começam a surgir dificuldades de aceitação da padronização da produção fordista, segundo a qual, conforme Larangeira (In: CATTANI, 1997, p.92), passava-se a exigir produtos diferenciados, de acordo com as demandas de diferentes segmentos socioculturais. Para tanto, de acordo com a autora, utilizar-se-iam novas tecnologias e novas formas de gestão da força de trabalho, valorizando o trabalho em equipe, com ênfase na cooperação, na multifuncionalidade e na polivalência. Tudo isso demandaria um trabalhador mais qualificado e flexível.

Portanto, neste período, segundo Harvey (2017, p.140), há um confronto direto com a rigidez do fordismo, quando se cria um ambiente de flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo.

Havia problemas com a rigidez dos investimentos de capital fixo de larga escala e de longo prazo em sistemas de produção em massa que impediam muita flexibilidade de planejamento e presumiam crescimento estável em mercados de consumo invariantes. Havia problema de rigidez nos mercados, na alocação e nos contratos de trabalho [...]. E toda tentativa de superar esses problemas de rigidez encontrava a força aparentemente invencível do poder profundamente entrincheirado da classe trabalhadora. (HARVEY, 2017, p.135).

David Harvey (2017, p.141-142) explica que essa fase permitiu aos empregadores maior poder para pressionar os trabalhadores, enfraquecidos pelo desemprego. Com isso, completa o autor, o mercado de trabalho passou por uma radical reestruturação, impactando em modestos salários. “Os patrões tiraram proveito do enfraquecimento do poder sindical e da grande quantidade de mão de obra excedente [...] para impor regimes e contratos de trabalho mais flexíveis”. (2017, p.143).

Na flexibilidade que se estabelece nos contratos de trabalho, Harvey (2017, p.143) explica que, mesmo para os empregados regulares, há uma sobrecarga para o trabalhador em períodos de pico de demanda, compensado com menos horas em períodos de redução de demanda. Conforme o autor, o aumento do trabalho em tempo parcial, temporário ou subcontratado implica redução do emprego regular. Portanto, a transformação da estrutura do mercado de trabalho acarretou mudanças na organização industrial.

Por exemplo, a subcontratação organizada abre oportunidades para a formação de pequenos negócios e, em alguns casos, permite que sistemas mais antigos de trabalho doméstico, artesanal, familiar (patriarcal)

e paternalista (“padrinhos, “patronos” e até estruturas semelhantes à da máfia) revivam e floresçam, mas agora como peças centrais, e não apêndices dos sistemas dos sistemas produtivos (HARVEY, 2017, p.145).

Tanto o fordismo quanto o pós-fordismo, marcado pela acumulação flexível, podem-se relacionar com o jornalismo e, por consequência, com o rádio, se analisados no âmbito das indústrias culturais detalhadas anteriormente. Muitas das características citadas aparecem nas discussões em torno das práticas nas redações, desde a padronização de produção, organização do trabalho até o surgimento de novas tecnologias e flexibilidade de processos de produção. Nesse sentido, conforme Fonseca (2005, f.24), o leitor¹⁵ é tratado como cliente. Desse modo, segundo a professora, destaca-se uma concepção de jornalismo como informação, prestação de serviço e entretenimento. No caso desta pesquisa, as relações que eventualmente se estabeleçam com a reportagem da Gaúcha serão apresentadas adiante.

Ao pontuar a análise dos períodos sob a ótica do jornalismo, parte-se, agora, para as reflexões da compressão do tempo-espaço nesta fase. A indicação da linha de raciocínio é feita por Harvey (2017, p.257), que cita a *aceleração* na produção ocorrida devido a mudanças organizacionais do período. Com isso, surgem novos e aperfeiçoados sistemas de comunicação, diferentes técnicas de distribuição, com empacotamento e controle de estoques, que possibilitaram a circulação de mercadorias a uma *velocidade* maior.

2.2. Aceleração e velocidade no jornalismo

São justamente estas duas palavras, velocidade e aceleração, que fazem a ponte para as reflexões em torno das inovações técnicas no jornalismo (FRANCISCATO, 2005, p.114). De acordo com o autor, essas duas características eram vistas com fascínio na transição do século XIX e XX, desde a chegada da bicicleta, passando pela invenção do automóvel. “As organizações jornalísticas, já transformadas em empresas com seus ritmos industriais e de administração de tempo, experimentavam, de forma específica, essa ênfase à velocidade e à aceleração”. (2005, p.119).

É impensável, à nossa concepção contemporânea de tempo, que o termo instantaneidade pudesse ser utilizado na Europa dos séculos XVII e XVIII para se referir ao envio, aos jornais, de cartas manuscritas por correspondentes localizados à distância da sede com o objetivo de municiar estas publicações com novidades das províncias, utilizando para isso o sistema de correios da época, com sua periodicidade ampliada.

¹⁵ Aqui, entende-se como aceitável aplicar, também, ao ouvinte de rádio.

Também não nos parece razoável falar de instantaneidade quando consideramos as notícias estrangeiras desta época, em que uma rede precária de transmissão fazia com que uma informação sobre um evento em um país estrangeiro demorasse dias para chegar à sede do jornal. (FRANCISCATO, 2005, p.115).

Ao analisar os diferentes fenômenos imbricados na atividade jornalística, Franciscato (2005, p.112) apresenta cinco categorias, com o objetivo de auxiliar na percepção a respeito das relações diferenciadas que jornalistas, organizações e processos sociais estabelecem com seus produtos e processos sociais. Entende o autor que esses fenômenos se constituíram historicamente como parte de um processo de formação do próprio jornalismo como uma instituição social. São elas, em resumo (2005, p.112-162):

(1) Instantaneidade: conduz para uma apreensão da temporalidade do presente, não só porque o sentido de tempo presente surge de experiências como a vivência do agora, do momento, como também aponta para uma situação de emergência de algo que é inadiável ou indispensável, que está na iminência de acontecer. Refere-se a uma desejada ausência de intervalo de tempo entre a ocorrência de um evento e sua transmissão e recepção por um público.

(2) Simultaneidade: possibilitou que o sentido de tempo presente pudesse ser vivenciado por diferentes grupos de pessoas localizadas em diferentes locais. Trata-se de uma marca decisiva para a formação de uma cultura do presente em que o amplo leque de experiências pudesse ser compartilhado por diversas pessoas localizadas em pontos cada vez mais distantes.

(3) Periodicidade: surgiu a partir de uma necessidade social de que a sociedade fosse abastecida por notícias em períodos regulares. É uma categoria ligada à própria caracterização do jornalismo, mesmo em seus primórdios, considerando a regularidade na produção e a oferta de informações. Com a introdução de um padrão industrial nos séculos XIX e XX, a periodicidade se tornou um fator orientador para a aplicação de um controle preciso do tempo e das etapas de produção.

(4) Novidade: está entranhado nas definições mais comuns de jornalismo e é um dos principais componentes de noticiabilidade. Não é um componente que orienta toda a produção de forma natural, mas sim uma referência a que o jornalismo recorre para, num processo de fabricação, pôr um objeto complexo como a notícia. A busca por notícias mais recentes fez editores e repórteres redobram seus esforços para tornarem os leitores

informados com rapidez, acelerando todo o processo de produção.

(5) Revelação pública: é um exercício de trazer a público um conteúdo novo, que pode ser desconhecido porque ocorreu há poucos instantes. Entretanto, situações, assuntos, ou questões de interesse público - ocorridos num intervalo mais ampliado de tempo, mas fora do conhecimento público - tornam-se atuais no momento em que o exercício jornalístico de investigação desfaz barreiras de 'segredo' e veicula esses conteúdos para informação e debate público.

Todas as categorias, em menor ou maior grau, apresentam-se como relevantes para a discussão pretendida neste trabalho. No entanto, faz-se aqui um recorte para a reflexão sobre a instantaneidade, indo ao encontro da reportagem ao vivo, foco desta pesquisa. Diante disso, surge como uma necessidade um breve resgate histórico sobre a influência da tecnologia no jornalismo. Franciscato (2005, p.116) cita a criação do telegrafo, como a primeira grande promessa de uma instantaneidade. De fato, conforme o autor, apesar das limitações, o equipamento acelerou o processo de produção de notícias, propiciando um efeito social e cultural, reforçando, no público, seu vínculo com o tempo presente dos eventos em desdobramentos. O pesquisador relata, ainda, que o sentido de instantaneidade, experimentado pelos jornais impressos até as décadas iniciais do século XX, foi deixado de lado após o surgimento da tecnologia do rádio e, posteriormente, da televisão. É o início das transmissões ao vivo. Serão esses veículos, que irão dar um novo sentido da instantaneidade no jornalismo, introduzindo novos modos de o jornalista atuar como mediador social. (2005, p.121).

Indo ao encontro dessas reflexões, recorre-se aos pesquisadores Jean Charron e Jean de Bonville (2016), que identificam quatro formas de jornalismo ao longo da história. São, em resumo, assim definidas:

(1) *Jornalismo de transmissão*, em que há uma preponderância de agentes sociais no financiamento do jornal, o que torna o editor muito sensível à opinião desses autores. Leitores e anunciantes pertencem à elite sociocultural e política. Tem uma periodicidade ampla, sendo a semanal a categoria típica, não sendo necessário que as ocorrências sejam recentes.

(2) *Jornalismo de opinião*, que se caracteriza pela polarização de ideias e das opi-

niões em torno dos interesses dos patrocinadores, geralmente políticos. Várias periodicidades convivem, do semanal (bastante frequente) ao diário (mais raro).

(3) *Jornalismo de informação*, cuja periodicidade típica é o diário, concentrando-se no que se passou desde a última entrega, focando-se na narração dos acontecimentos. Agências de notícias especializam-se na coleta e na transmissão da informação destinada aos jornais, priorizando o tempo presente.

(4) *Jornalismo de comunicação*, que não considera a periodicidade, pois a informação circula em uma velocidade e ritmos tais que as ocorrências podem ser relatadas imediatamente. Rádio, televisão e internet asseguram a transmissão da informação quase ininterruptamente. O presente é o tempo do jornalismo de comunicação: presente do ao vivo, da informação contínua, do comentário sobre o acontecimento recente ou em curso.

Destaca-se, aqui, o jornalismo de comunicação como o que mais se aproxima da instantaneidade, posta nesta pesquisa em destaque, considerando a relação com o jornalismo ao vivo que se pretende abordar no trabalho. Tal conceito - jornalismo de comunicação - converge com ponderações de Franciscato sobre noções de tempo real. Uma delas se situa na dinâmica de produção de conteúdos em fluxo contínuo, num movimento constante de notícias, às vezes 24 horas por dia, seja em rádio, televisão ou internet, numa aproximação induzida pela tecnologia. (2005, p.238)

Induz o leitor a pensar que, se a disponibilização é contínua, a produção é contínua também, o que significaria mais pessoas produzindo mais conteúdos decorrentes de um envolvimento direto com mais situações, eventos ou temas – sequência indutiva que tende a não ser comprovada na averiguação de experiências práticas. (FRANCISCATO, 2005, p.238).

No mesmo sentido, Sylvia Moretzsohn (2012, p.47) aponta que, na era do “tempo real”, a informação, para ter valor, precisa ser instantânea. A pesquisadora avalia que o jornalismo mudou profundamente, a ponto de descaracterizar-se, embora os grandes conglomerados multimídia venham consolidando seu poder econômico e político. “A ênfase no ao vivo, além de reduzir o tempo da análise e da reflexão, cria o efeito de que todos, repórteres e público, são testemunhas oculares da história em movimento”. (2012, p.48).

A propósito, Franciscato (2005, p.240-241) ressalta que o jornalismo ao vivo “não é apenas uma tecnologia de transmissão, mas um novo contrato de sentido ou modo de

interação, em que o evento, jornalista e público agem simultaneamente”. No entanto, frisa o pesquisador que esse jornalismo em tempo real não supera a mediação do jornalista, seja nas questões técnicas, seja na interpretação do profissional, que seleciona conteúdos, linguagens e enquadramentos. Entretanto, essa mediação ficaria ameaçada, segundo Moretzsohn (2012, p.168), que alerta para os riscos de valorizar em demasia a informação instantânea. Ela coloca em dúvida se o trabalho do jornalista não poderia ser considerado desnecessário no contexto em que a velocidade é vista como um fetiche. (2012, p.169). Dessa forma, entraria em crise o sentido de serviço público que originalmente orientava o jornalismo.

Faz sentido, portanto, a considerável mudança de orientação no trabalho jornalístico: “servir ao público” passa a ser uma atividade pautada por máximas de supermercado segundo as quais é preciso “servir bem para servir sempre”, pois “o cliente tem sempre razão”. Como mercadoria, a notícia deve ser oferecida de acordo com o gosto do freguês. E, evidentemente, a qualidade do produto passa a ser medida exclusivamente por esse padrão mercadológico: um jornal é bom simplesmente porque vende ou tem audiência. (MORETZSOHN, 2012, p.171).

Dessa forma, entende-se, portanto, o jornalismo como um negócio. Conforme pontua Traquina (2004, p.158), com exceção das empresas públicas, todas as outras acabam enfrentando, em algum momento, o que ele classifica de tirania do balanço econômico final, com atenção voltada às receitas com publicidade. Nesse sentido, Kovach e Rosenstiel (2003, p.98) explicam que a relação de negócios do jornalismo é diferente do marketing de consumo tradicional, em que o anunciante é que compra mercadorias e serviços, não a audiência. Então, ao invés de vender conteúdo aos clientes, os praticantes de jornalismo constroem uma relação com o público baseada em valores, capacidade de análise, profissionalismo, compromisso com a comunidade, entre outros. “Ao fornecer tudo isso, o jornalista cria uma ligação com o público que as organizações jornalísticas então alugam aos anunciantes.”

Nesta relação entre audiência, cliente e velocidade no jornalismo, Kovach e Rosenstiel (2003, p.228) ampliam a discussão do tempo no jornalismo, indicando outros prejuízos ao jornalista. Eles se dão não pela falta de tempo para a apuração, mas pela exigência de reportagens cada vez mais curtas, o que dificultaria na hora de contar bem uma história. Isso se deve, de acordo com os autores, ao entendimento das empresas jornalísticas de que leitores ou espectadores têm cada vez menos atenção às notícias. Consideram, inclusive, a consolidação de um cenário que pode levar a uma autodestruição do

jornalismo. Por isso, alertam sobre a necessidade de se refletir sobre a forma como a notícia é transmitida à audiência, já que, conforme os autores, é preciso tornar essa informação relevante e envolvente.

Em um jornalismo que se apresenta cada vez mais sob a pressão do tempo, em diversos aspectos, como visto aqui, Sylvia Moretzsohn (2012, p.163) provoca uma reflexão a partir da constatação de que se assumem como naturais as declarações de que jornalista “não tem tempo para pensar” e que “vocês (estudantes) aproveitem para pensar enquanto estão na universidade, porque, quando forem trabalhar em jornal, não vão ter tempo para isso”. Nessa linha de raciocínio, a pesquisadora considera as afirmações como um indicativo de uma demarcação bastante clara dos campos universitário e profissional, vistos pela ótica do jornalista.

Assim, aquilo que num primeiro momento se insinuaria como a valorização da atividade acadêmica e como uma autocrítica depreciativa, indicadora das limitações (e mesmo das impossibilidades) do jornalismo nas condições de trabalho atuais, pode ser compreendido em sentido precisamente oposto: a desqualificação da universidade, isolada em sua função de só pensar, incapaz de fazer, porque fazer é com os jornalistas, detentores autorizados daquele saber específico. (MORETZSOHN, 2012, p.164)

Neste ponto, em que se questiona a relação entre o jornalista x universidade x mercado, destaca-se o dito por Miquel Alsina (2009, p.14) sobre a redação vista como o local onde se aprende a profissão. Corre-se o risco, dessa forma, que o aprendiz de jornalista chegue à profissão sem uma bagagem de conhecimentos prévios, tornando os próprios jornais escolas de jornalistas. Acrescenta-se a isso o entendimento do autor de que há um esforço dos novos jornalistas para uma adaptação rápida à organização, bem como aos costumes de produção.

No mesmo sentido, Traquina (2004, p.25) descreve o jornalismo como uma atividade altamente condicionada, apesar da relativa autonomia. Enfrentam-se, na profissão, situações difíceis, marcadas por múltiplas incertezas, com pressões pela hora do fechamento da edição, pela tirania do fator tempo, pelas hierarquias superiores e pelos imperativos do jornalismo como negócio.

2.2. A economia política do rádio

Ao consolidar o entendimento do jornalismo como negócio, após reflexões em torno de das pressões que a profissão enfrenta pela aceleração das notícias e encurtamento do tempo, adentra-se na economia política do rádio, que permite abordar o meio como uma indústria cultural. É de se considerá-lo, portanto, a partir desta perspectiva teórica, como um negócio de comunicação que visa ao lucro. Apoia-se na definição de César Bolaño (2012, f.4) de que o rádio (e também a TV) é um produto constituído de uma grade de programação, definida de acordo com a audiência a que se procura fidelizar. O financiamento, explica o pesquisador, “depende não do pagamento de ingresso ou da compra de uma mercadoria individualizada, mas de um “terceiro pagante”, que pode ser o Estado (rádio pública), ou os anunciantes (rádio comercial). (2012, f.4).

A propósito, afirma o canadense Dallas Smythe:

Que é o que compram os anunciantes com seus gastos em publicidade? Como sólidos homens de negócio, não estão pagando inutilmente pela sua publicidade, nem lhes move o altruísmo. Sugiro que o que compram é o serviço de certos públicos, de especificações previsíveis, que deverão de prestar sua atenção em quantidades previsíveis e, em certos momentos, particulares para determinados meios particulares de comunicação (televisão, rádio, jornais, revistas, outdoors, impressos distribuídos pelo correio). Como coletividades, esses públicos são mercadorias. Como tais, são traficados nos mercados, por produtores e consumidores (estes últimos são os anunciantes). Tais mercados estabelecem seus preços, no modo habitual do capitalismo monopólico¹⁶. (SMYTHE, 1983, p.76).

Esta audiência, vista como mercadoria, não pode ser considerada como algo inflexível, unitário. Cebrian Herreros atenta para o fato de que há uma diversidade de públicos, não devendo haver, portanto, uma abordagem exclusivamente quantitativa, mas também buscar-se uma análise qualitativa, “especialmente aos fatores psicológicos que influenciam e condicionam a forma de escuta, decodificação, retenção e compreensão das mensagens”. (1994, p.221). Nesta linha, pode-se admitir a ideia de que o rádio vende, além de audiência, relacionamento:

Quando se realizam pesquisas com o objetivo de detectar aquilo que os ouvintes sentem em relação a uma emissora, uma palavra sempre se destaca: pertencimento. A sensação de que aquela programação é feita ‘sob medida’, reforçada com a forte interatividade promovida tanto dentro quanto fora do ar, desperta no ouvinte a ideia de que aquela emissora

¹⁶ Ideia pensada para TV, porém válida para a radiodifusão sonora tradicional (FERRARETTO, 2011, f.7)

‘é dele’ e que, através dela, ele pertence a um grupo especial de pessoas. Essa identificação, mais forte no rádio que em outras mídias, é a base que constrói uma audiência fiel e confiante para consumir não apenas os conteúdos oferecidos pela emissora como também os produtos anunciados nos seus espaços comerciais. Afinal, fidelidade também envolve credibilidade: algo primordial para a obtenção de resultados junto aos ouvintes. (MORGADO, 29 mar. 2011).

Fernando Morgado observa, portanto, que esse pensamento é a base que constrói uma audiência fiel e confiante para consumir não apenas os conteúdos oferecidos pela emissora, como também os produtos anunciados nos seus espaços comerciais. (29 mar. 2011). Nesse sentido, supõe-se que uma programação voltada para o ao vivo aproxima o ouvinte, na medida em que se estabelece um ambiente favorável à conversa e à coloquialidade.

Baseado na economia política da comunicação, Ferraretto (2014) propõe uma reflexão a respeito das relações estabelecidas entre empresa, público e anunciantes. Para entender a realidade no Brasil a respeito do tema, recorre-se à pesquisa de Ferraretto (2014, p.946), que indica como ponto-chave o advento da sociedade de consumo no período da ditadura militar, que marcou uma fase de crescimento econômico entre 1967 e 1973.

Como em outros ramos da produção cultural, a passagem do negócio radiofônico ao seu estágio de indústria cultural está relacionada ao advento da sociedade de consumo, que coincide com o chamado “Milagre Brasileiro”, denominação ufanista cunhada pela ditadura militar, instaurada em 1964, para o período de crescimento econômico, registrado entre 1967 e 1973. (FERRARETTO, 2007, p.945-946).

Foi neste período, portanto, que o rádio alcançou o patamar de um ramo específico econômico, dentro das indústrias culturais, dedicado à obtenção de lucro. Conforme Adorno (1978, p.288), identifica-se uma audiência massiva, tratada como objeto da indústria cultura. Esse processo acontece no rádio, no Brasil, o que Ferraretto chama de fase de segmentação (2012), em uma proposta de periodização que se apresenta em quatro fases:

a) implantação, que corresponde à instalação das estações pioneiras, organizadas sob a forma de associações sem fins lucrativos. Compreende o período que vai do final da década de 1910 até a segunda metade dos anos 1930.

b) difusão, marcada pela regulamentação da publicidade. Vai do início da década de 1930 até a segunda metade dos anos 1960, quando predomina uma programação generalista e focada no entretenimento.

c) segmentação, na qual as estações enfocam parcelas do mercado, no período entre o final da década de 1950 até o início do século 21. Essa transformação ocorre sob o impacto da introdução da TV no ambiente comunicacional.

d) convergência, marcada pela influência dos dispositivos móveis, principalmente o celular. É a atual fase, que começou em meados da década de 1990.

Esta última fase expressa, segundo Ferraretto (2015, p.219), “a consciência em nível empresarial da aproximação entre comunicação de massa, informática e telecomunicações”. É a partir deste momento que se percebe o conteúdo produzido pelas emissoras disponibilizado em outras plataformas, além das ondas do rádio. Ocorre o fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas, nas quais todo consumidor é cortejado e a circulação de conteúdos depende fortemente da participação dos consumidores (JENKINS, 2009). Nesse sentido, aceita-se como rotineiro o comunicador no estúdio apresentar o programa e, ao mesmo tempo, receber as mensagens dos ouvintes, que podem opinar, criticar e corrigir o apresentador. (JUNG, 2004). Ao considerar o crescimento dessa interação, fica claro que o papel do público não se restringe a ser uma audiência passiva:

O ouvinte participa, a cada dia mais, ativamente da programação. Tanto a participação emitindo sua opinião em programas jornalísticos quanto a interação através do contato com a equipe de produção sugerindo pautas configuram-no como fonte. (LOPEZ, 2010, p.78).

Diante disso, mesmo que a pesquisa não se proponha a aprofundar os conceitos de interação¹⁷, é importante não desconsiderar o papel do ouvinte dentro da abordagem do radiojornalismo na convergência. Apóia-se em Prata (2003, p.135) ao destacar que o ouvinte precisa, cada vez mais, ser fidelizado. Nas palavras da pesquisadora, promover uma análise da audiência do ponto de vista das teorias de marketing e administração,

¹⁷ O termo interação é utilizado para toda comunicação estabelecida entre o ouvinte e a emissora (LOPEZ; QUADROS, 2015, p.172). Dentro da interação, têm-se dois tipos: a) interatividade, b) participação. Cada um desses dois tipos carrega consigo outras subcategorias. Considera-se interatividade as trocas comunicacionais entre ouvinte e rádio ou resposta do ouvinte para iniciativas interativas da rádio. As participações são sempre espontâneas e isoladas. Já Luciano Klöckner aponta três tipos de interatividade no rádio: a) completa: é a que oportuniza o diálogo direto e ao vivo, em circunstância equivalente de espaço e de tempo, com réplicas e tréplicas; b) parcial: estabelecida quando, igualmente no mesmo tempo e espaço, o ouvinte opina, pergunta, mas não conquista um lugar ou não se interessa pela réplica ou tréplica; c) reacional: ocorreria quando o ouvinte apenas reage a uma situação proposta no programa, sem que ele próprio exija ou obtenha uma resposta, como no caso de envio de e-mails e de torpedos à rádio que são apenas lidos no ar. (Klöckner, 2011, p. 127).

trata-se do “sonho dourado de qualquer empresa”, relacionando o ouvinte a um cliente, o que vai ao encontro do descrito por Fonseca (2005) e Moretzsohn (2012).

Neste caminho, ainda lançando uma reflexão sobre a convergência, o trabalho leva em conta o conceito de rádio expandido¹⁸, de Marcelo Kischinhevsky (2016), segundo o qual o veículo adota uma forma expandida de atuação, provocando, como uma de suas consequências, transformações na rotina do profissional, que passa a desempenhar múltiplas funções. Entende-se, portanto, que a reinvenção do rádio passa pela busca da internet como uma aliada, em que este conceito transborda não só para as mídias sociais, o celular, a TV por assinatura, mas também para os sites de jornais e os portais de música, extrapolando, assim, as transmissões em ondas hertzianas, até chegar ao celular.

O estudo também, considera a vigência da fase da multiplicidade da oferta (BRITTOS, 1999), ideia esta que foi pensada inicialmente para a televisão, após o surgimento da modalidade paga, cuja principal característica era a ampliação na quantidade de canais oferecidos, relacionando-se com a aceleração definitiva da globalização. Diante disso, percebe o autor que o receptor ganha com a ampliação das opções de que dispõe na televisão, mas a propriedade dos meios segue concentrada, com o domínio do setor dividido entre um limitado grupo de corporações, com interesses transnacionais.

Posteriormente, no entanto, essa fase passou a ser trabalhada de forma mais geral, sendo adotada, inclusive, para o rádio, segundo Brittos (2002), que cita o avanço sobre a radiodifusão de técnicas de gestão capitalista, reposicionando produtos e reunindo emissoras em uma mesma rede para otimizar recursos.

[...] o próprio conceito de rádio muda, por considerar-se emissora toda transmissão de um mesmo áudio para mais de um grupo remoto de consumidores, independentemente da tecnologia usada, e materializar-se a possibilidade – tendência que vai crescer com a massificação da digitalização dos sistemas terrestres – de aliar-se ao som, a difusão de textos e até mesmo de imagens em movimento, neste caso via internet. (BRITTOS, 2002, p.41)

É um período no qual se identificam novas lógicas de produção, comercialização, distribuição e consumo de conteúdos radiofônicos em tempos de convergência (FERRARETTO; KISCHINHEVSKY, 2010).

¹⁸ Existem, ainda, outros conceitos, como rádio plural, de Mariano Cebrián Herreros (2001), a respeito de formas tecnológicas de transmissão, em que há, do ponto de vista da irradiação, uma ampla gama de alternativas. E o conceito de rádio hipermediático, de Debora Cristina Lopez (2009), que descreve a evolução da tecnologia do rádio desde o seu início até a implantação do rádio digital e a utilização da internet como fonte e como suporte do rádio informativo.

2.2.1 A convergência no rádio

Por convergência, entende-se uma série de transformações, desde tecnológicas e mercadológicas até culturais e sociais. A afirmação é de um dos mais renomados pesquisadores do assunto, Henry Jenkins (2009), que considera esta fase como um fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, com a cooperação entre múltiplos mercados midiáticos. (2009, p.30). Configura, nesse sentido, conforme Suzy Santos (2009, p.79), uma aproximação dos setores de produção de conteúdo comunicacional (televisão, cinema, rádio), distribuição (telecomunicações) e tecnologias da informação, permitindo transmissões e armazenamento em sistemas integrados.

Diante disso, Kischinhevsky (2016, p.53) explica que, em uma emissora de rádio, as etapas de criação/produção, edição, distribuição e consumo alteraram-se com o surgimento de novos dispositivos e, por consequência, de novos hábitos de escuta. O autor cita, por exemplo, o uso de microfones direcionais, que tornaram mais frequente a participação de repórteres, ao vivo, diretamente da redação, dispensando as cabines de gravação. Soma-se a isso, a evolução tecnológica dos celulares, com aplicativos, que permitem uma cobertura jornalística mais ágil em centros urbanos.

No entanto, recorrendo-se, mais uma vez, ao que diz Jenkins (2009), a convergência, apresenta-se além das mudanças tecnológicas. Segundo o autor (2009, p.43-44), é uma transformação que não ocorre por meio de aparelhos, mas dentro dos cérebros dos consumidores e nas interações sociais com outros. É uma transformação que promove diversas alterações, como a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos. Modifica a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento.

[...] a convergência não depende de qualquer mecanismo de distribuição específico. Em vez disso, a convergência representa uma mudança de paradigma – um deslocamento de conteúdo de mídia específico em direção a um conteúdo que flui por vários canais, em direção a uma elevada interdependência de sistemas de comunicação, em direção a múltiplos modos de acesso a conteúdos de mídia e em direção a relações cada vez mais complexas entre a mídia corporativa, de cima para baixo, e a cultura participativa, de baixo para cima. (JENKINS, 2009, p.325).

Essa mudança é conduzida por interesses econômicos; não por um desejo de dar

mais poderes ao público. Dessa forma, completa o autor (2009, p.325), as empresas podem: (1) explorar as vantagens de conglomerados; (2) criar múltiplas formas de vender conteúdos aos consumidores; (3) fidelizar o consumidor.

Neste cenário, surgem preocupações com relação ao eventual excesso de trabalho dos jornalistas. A pesquisadora espanhola Ainara Larrondo Ureta (In: DOURADO et al 2016, p.96) entende, por exemplo, que a mentalidade multiplataforma traz consequências positivas em nível econômico, mas também envolve mudanças que podem não ser tão positivas, como as rotinas produtivas dos jornalistas. Já Marcelo Kischinhevsky (2010, p. 79), mais crítico, questiona o acúmulo de funções, “ocasionado mais pelas tecnologias digitais de edição e de distribuição de conteúdos on-line do que propriamente pela sinergia com outros meios de comunicação”. A propósito, Becker (2016) também avalia o quadro:

Para os jornalistas “monomídia” – a grande maioria dos que saíram das escolas até 2015 –, imaginar que um mesmo repórter faça produções para diferentes plataformas causa arrepios e até indignação. Aqueles que passaram por cursos estruturados em disciplinas fechadas sobre o aprendizado de cada meio (jornal/revista, rádio e TV), sempre tendo como ponto de partida o texto para o jornal impresso, e/ou que trabalharam por anos em um só tipo de suporte, percebem a produção multimídia ou multiplataforma muitas vezes apenas como uma imposição das empresas para aumento de seus lucros. (BECKER, 2016, p.112).

Entretanto, Del Bianco (2012, p.35) indica que o futuro do rádio brasileiro está na combinação com os outros meios e suportes. Alerta que, se permanecer no isolamento, corre o risco de não ter sustentabilidade, considerando que a audiência se apresenta cada vez mais simultânea com outros meios e dividida com outras atividades, como trabalho, estudos e lazer.

2.3. De Rádio Gaúcha a Gaúcha

Os profissionais da Gaúcha abandonaram a palavra rádio ao se referirem à emissora. A explicação está no entendimento de que o conteúdo produzido não se restringe mais apenas ao rádio, mas distribui-se em multiplataforma.

A Gaúcha percebeu a relevância do novo mercado que se desenhava. Produtores de conteúdo, veículos tradicionais e a internet em geral competiam, mas novos players, como as redes sociais, se tornaram concorrentes e passaram a abocanhar verba publicitária. Essa constatação fez a Gaúcha se perguntar: devemos aceitar tais *players* como ameaça ou utilizá-los como oportunidades? A decisão foi transformar, por meio do mundo digital, a Rádio Gaúcha em Gaúcha, “uma solução moderna

de comunicação multiplataforma”, capaz de atender usuários e anunciantes a partir da geração de conteúdo para as diversas plataformas – tradicionais ou de vanguarda. As ameaças viraram oportunidades, e a base continuaria sendo a rádio tradicional, de onde se expandiria para todas as plataformas. (MARTINS, 20 mar. 2017).

Tal reflexão vai ao encontro do que diz Ainara Larrondo Ureta (In: DOURADO et al., 2016, p.95), sobre a mentalidade multiplataforma, segundo a qual o “importante é levar o produto jornalístico ao maior número possível de dispositivos, obtendo o máximo proveito dos recursos disponíveis a partir de sinergias de diferentes tipos”.

Com 92 anos completados em 2019, o caminho até essa produção em multiplataforma, vivida na fase da convergência pela Gaúcha, foi traçado em meio a muitas transições (FERRARETTO, 2014). Uma delas é a entrada da Gaúcha na fase da segmentação¹⁹, no começo dos anos 1970. É um período em que o rádio é obrigado a “buscar nichos específicos para serem trabalhados em termos comerciais e de conteúdo, bem antes de que o mesmo ocorra, de forma mais disseminada, em outros setores da economia. (FERRARETTO, 2007, p.165). No caso específico da emissora em estudo, Ferraretto (2012, p.2010) aponta como marco para essa transição, o primeiro ano de existência do tradicional programa de debates *Sala de Redação*, apresentado por Cândido Norberto.

Em meio à fumaça de cigarros, há um movimento exagerado de pessoas em torno do aquário, que isola a conversa transmitida aos ouvintes do burburinho dos repórteres e do dedilhar constante dos jornalistas nas máquinas de escrever. A presença ali, de Maurício Sirotsky Sobrinho, diretor-presidente da Rede Brasil Sul, atesta o sucesso junto ao público e a importância para a empresa deste primeiro aniversário do *Sala de Redação*. (FERRARETTO, 2007, p. 2010).

Essa transição, no entanto, não foi imediata. Foi um processo lento e gradual, até que a Gaúcha começasse a deixar para trás posições desfavoráveis nos levantamentos da época realizados pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística. (FERRARETTO, 2007, p.229). Abandona, aos poucos, a programação eclética e inconstante e passa a ter uma programação baseada no noticiário, nas reportagens, nas entrevistas e nos comentários. (2007, p.219). O então presidente da RBS, Nelson Pacheco Sirotsky, conta que foi influenciado após retornar de uma viagem aos Estados Unidos, em 1972, onde foi convencido sobre a ideia de segmentação do rádio: “Eu afirmo então que estava tudo errado e devíamos fazer uma rádio diferente, uma rádio que fosse 24 horas o *Sala de*

¹⁹ Conforme periodização descrita na página 34 deste trabalho.

Redação.” (SIROTSKY apud FERRARETTO, 2007, p.230).

Um dos mais renomados jornalistas do Rio Grande do Sul, Flávio Alcaraz Gomes, relata que, ao assumir a gerência executiva da Gaúcha no começo dos anos 1980, prometeu fazer a emissora dar lucro. O ex-gerente relata que transformou a Gaúcha numa rádio eminentemente falada e criou o histórico slogan ‘A fonte da informação’. Descreve, ainda, que buscou profissionais esquecidos ou desprezados.

Criei uma série de programas, todos na base do **talk news**, e vesti-a toda com uma nova formatação. Paulatina, mas firmemente, fui eliminando a música. Diariamente, pastinha sob o braço, saía a visitar agências e clientes. E vá programa novo no ar. Pouco a pouco a audiência foi crescendo, e o faturamento dobrou. Depois de anos, a rádio saiu do vermelho e começou a coçar a concorrência, especialmente a Guaíba. (GOMEZ; 1995, p.242).

Nos anos seguintes, de 1991 a 1998, conforme Ferraretto (2007, p.220), a RBS, vive uma posição predominante e consolidada nos mercados de jornal, rádio e televisão no Rio Grande do Sul. Diante desse quadro, ensaia um passo na direção da convergência tecnológica. Primeiro, na busca de parcerias, como a aproximação com a Globocabo para a televisão por assinatura. Em telecomunicações, a principal sociedade foi estabelecida com a Telefónica de Espanha, que acabou propiciando uma crise no grupo, em meio a uma negociação cuja complexidade não cabe ser aprofundada neste trabalho. A partir de 1999, ocorre um retorno gradativo aos negócios originais da RBS, com o surgimento, por exemplo, do portal *clicRBS*, que dá acesso ao conteúdo dos jornais, emissoras de rádio e canais de televisão do grupo.

Atualmente, em plena fase da convergência - e, como já referido, numa intensa produção em multiplataforma - a Gaúcha lidera em jornalismo na Grande Porto Alegre, segundo a Kantar Ibope (GRUPO RBS, 9 ago. 2018). A cobertura específica de um evento foi considerada pela gerência da emissora um marco para a redefinição da marca de Rádio Gaúcha para, simplesmente, Gaúcha:

Em 2013, quando a Gaúcha realizou uma forte cobertura das manifestações nas ruas de Porto Alegre, a audiência foi forte e positivamente impactada, alcançando a liderança geral. Uma evidência de que deveria estar mais presente nos grandes eventos de forma intensa e direta. Saindo dos estúdios e fazendo coberturas ao lado da população. A experiência serviu de referência para um projeto maior que deveria vir. (MARTINS, 20 mar. 2017).

A partir deste momento, o então gerente de jornalismo da Gaúcha, Cyro Silveira

Martins Filho (20 mar. 2017), afirma que se entendeu como necessária uma aproximação com as redes sociais, sob risco de perder verba publicitária. Além disso, enxergou-se a possibilidade de aproximar a audiência, numa visão de que é preciso valorizar o relacionamento, o que vai ao encontro do descrito por Morgado (29 mar.2017), já mencionado nesta pesquisa. Martins (20 mar. 2017) avalia que o consumo da informação está atrelado, entre outros fatores, ao envolvimento com quem o disponibiliza, incrementando o engajamento com a marca, “com o site na rede e mobile, com o aplicativo para smartphones e tablets e a presença da marca e seus conteúdos nas redes sociais”. O atual gerente de jornalismo da emissora, Daniel Scola (05 jun. 2018), endossa o dito pelo antecessor e amplia esta reflexão, explicando que essa aproximação com a audiência passa, sobretudo, por um jornalismo cada vez mais ao vivo.

3. UMA BASE METODOLÓGICA PARA COMPREENDER A REPORTAGEM AO VIVO NO RÁDIO

Para responder ao objetivo proposto pela pesquisa, conforme indicado na introdução deste trabalho, optou-se pelo **newsmaking**, que se baseia na observação participante, com foco sobre as rotinas de produção (WOLF, 2008, p.191). Neste caso, o investigador junta-se à equipe pesquisada, sem fazer parte dela propriamente, porém dando atenção às diferentes etapas de produção, desde a captação até à distribuição da informação, levando em conta a cultura profissional dos jornalistas envolvidos. (STRELOW, 2010, p.27). No entanto, seguindo o que diz Hohlfeldt (2001), após a coleta de dados, o pesquisador afasta-se para melhor descrever, analisar e, eventualmente, criticar as práticas observadas. Na pesquisa aqui apresentada, foram feitas observações de dois tipos, conforme indica Wolf (2008, 191): (1) passivas, com o mínimo de interações com os indivíduos analisados; (2) mais participativas e integradas.

Seguindo indicação do **newsmaking**, os dados foram coletados junto aos profissionais seja pela observação sistemática de tudo o que acontece, seja por conversas, que podem ser informais e ocasionais, ou entrevistas. (WOLF, 2008). O **newsmaking** tem como preocupação central as articulações, as conexões e as relações existentes entre a cultura profissional do jornalista, a organização do trabalho e os processos produtivos. (VIZEU in: LAGO; BENETTI, 2007, p.223). Aceita-se a ideia do autor de que as empresas jornalísticas são obrigadas a construir estratégias e impor ordem no espaço e no tempo. (2007, p.224). Para este estudo, adotaram-se apontamentos de Priest (2011, p.126), que aconselha, ao fazer-se uma observação participante, ser honesto e aberto com o grupo que está sendo estudado, explicando-lhe os motivos da presença naquele ambiente. Porém é importante que o grupo esqueça o máximo possível que se está no local.

Assim seu primeiro objetivo é se misturar com os outros membros. Relaxe e tente ser o mais natural possível, mas sem se sobressair a ponto de ter muita influência na dinâmica do grupo. Uma realidade da etnografia é que você irá mudar o cenário social de alguma maneira pela sua presença. Isso não pode ser evitado, somente minimizado. (PRIEST, 2011, p.127).

Com base nas orientações da autora, na maior parte do tempo, não foram feitas anotações de modo tão visíveis, para não causar constrangimentos nos profissionais observados. Buscou-se um exercício de memorização para em seguida, discretamente, fazer

os registros escritos o mais rápido possível. “Isso é muito importante. Caso contrário, pode ser difícil lembrar tudo o que apreendeu e observou”. (2011, p.128). Nesta pesquisa, ainda conforme Priest, foram anotados os mais diversos detalhes, sem preocupação em fazer filtragem sobre o que pode ou não ser importante no momento.

A propósito, Michael Angrosino orienta:

[...] é crucial que as observações sejam registradas de modo a facilitar a recuperação da informação. Não há nenhum formato universalmente aceito para o registro de observações etnográficas. Alguns pesquisadores preferem listas de verificação altamente estruturadas, grades, tabelas e assim por diante; outros preferem narrativas mais livres. Outros gostam de inserir os dados diretamente em programas de computador, outros gostam (ou precisam, dependendo das condições locais) de usar meios manuais como cadernos, fichários, etc. O ponto principal é que o melhor método é aquele que ajuda o pesquisador a recuperar e analisar tudo o que foi coletado, o que sempre será variável de um pesquisador para o outro. (ANGROSINO, 2009, p.79).

Optou-se por fazer entrevistas em profundidade, considerada uma técnica qualitativa, que explora um determinado assunto a partir de percepções e experiências de informantes. Dessa forma, o pesquisador permite ao entrevistado definir os termos da resposta, enquanto pode ajustar livremente as perguntas. (DUARTE In: BARROS; DUARTE, 2015, p.62). O uso de entrevistas permite identificar as diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos:

Neste percurso de descobertas, as perguntas permitem explorar um assunto, ou aprofundá-lo, descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer prospectivas. Possibilitam ainda identificar problemas, microinterações, padrões e detalhes, obter juízos de valor e interpretações, caracterizar a riqueza de um tema e explicar fenômenos de abrangência limitada. (DUARTE In: BARROS; DUARTE, 2015, p.63).

Neste trabalho, as entrevistas foram gravadas em vídeo. Nesta etapa, seguiu-se o proposto por Rosa e Arnoldi (2008, p.60), já que foi preciso certificar-se de que o entrevistado estava sentindo-se à vontade, para não comprometer suas respostas. Ainda de acordo com as autoras, buscou-se estabelecer um vínculo de confiabilidade entre entrevistador e entrevistado. A tomada de notas, ressaltam as pesquisadoras, tem sido deixada de lado, porém é uma alternativa para momentos fora do contexto da entrevista, em um ambiente de informalidade.

Para tornar essas entrevistas mais úteis na busca de respostas, optou-se por adotar aquelas consideradas do tipo abertas (DUARTE In: BARROS; DUARTE, 2005, p.65), exploratórias e flexíveis, sem precisar haver uma sequência predeterminada de questões. Tiveram como um ponto de partida um tema, que é a reportagem ao vivo. Segundo os autores, dessa maneira há uma capacidade de aprofundar as questões a partir das respostas, tornando esse tipo de entrevista muito rica em descobertas. Diante disso, é possível que uma resposta possa originar a pergunta seguinte.

Nesse sentido, Angrosino avalia que, à medida que a pesquisa avança, podem surgir novas questões e novas percepções. (2009, p.79-82). Admitindo essa possibilidade, o estudo aqui apresentado, deparou-se com essa situação. Além do tema principal – a reportagem ao vivo – outra abordagem mereceu destaque e questionamentos, que não estavam previstos, como o engajamento dos profissionais e o tempo despendido na elaboração de reportagens para o site da emissora, o GaúchaZH²⁰.

A observação participante na redação da Gaúcha foi feita nos dias 4, 5, 6 e 7 de junho de 2018, alternando turnos da manhã, tarde e noite. Durante o trabalho, foram feitas algumas fotos, com discrição, tentando não constranger os profissionais.

²⁰ Plataforma digital do Grupo RBS lançada em 21 de setembro de 2017, que une conteúdo produzido por profissionais de Gaúcha e Zero Hora. Conforme o Grupo RBS (GAÚCHAZH, 21 set 2018), um ano depois, alcançou a marca de 2,3 milhões de inscritos para receber notificações de notícias, seja nos aparelhos portáteis ou no computador. Em um ano, foram 480 milhões de visualizações de páginas do portal.

FIGURA 1: Repórteres Lucas Abati e Vitor Rosa



Foto: Léo Saballa Júnior (6 jun. 2017)

FIGURA 2: Daniel Scola, Andressa Xavier e Jocimar Farina



Foto: Léo Saballa Jr (6 jun. 2017)

FIGURA 3: Repórter Cid Martins



Foto: Léo Saballa Jr (5 jun. 2018)

Foram entrevistados os seguintes profissionais:

(1) Daniel Scola: gerente-executivo e apresentador dos programas *Gaúcha Atualidade* e *Chamada Geral*, segunda edição. Desde 1998 na emissora, já atuou como repórter, também, na RBSTV;

(2) Antônio Carlos Macedo: apresentador dos programas *Gaúcha Hoje* e *Chamada Geral*, primeira edição. Está na Gaúcha desde 1984, onde também já foi repórter esportivo;

(3) Giane Guerra: está na Gaúcha desde 2001. É repórter, colunista de economia e apresentadora do programa dominical *Acerto de Contas*;

(4) Eduardo Matos: repórter, apresentador substituto do Chamada Geral e Correspondente Ipiranga. Está desde 2002 na emissora. Ocupa a posição 15 na região sul, no ranking de pontuação de prêmios do site Jornalistas & Companhia. (JORNALISTAS & COMPANHIA. 3 jan 2018);

(5) Vitor Rosa: desde 2015 na Gaúcha, é repórter da editoria geral;

(6) Eduardo Paganella: repórter de trânsito; está na emissora desde 2017;

(7) Cid Martins: repórter da emissora desde 2001, integrante do GDI, Grupo de Investigação da RBS, onde são feitas reportagens especiais. Lidera o ranking de prêmios na região sul, segundo o portal Jornalistas & Cia (JORNALISTAS & CIA, 3 jan 2018).

Além das informações coletadas na redação e de uma pesquisa bibliográfica, acrescentam-se os dados obtidos a partir das gravações dos programas: *Gaúcha Hoje*, *Gaúcha Atualidade*, *Timeline*, *Chamada Geral* – primeira e segunda edição –, *Gaúcha Mais* e *Estúdio Gaúcha*. Para auxiliar na pesquisa, a emissora cedeu os roteiros de todos os programas veiculados no período da pesquisa.

FIGURA 4: fragmento do roteiro do programa *Chamada Geral*, de 5 de junho de 2018

CHAMADA GERAL PRIMEIRA EDIÇÃO - COM ANTONIO CARLOS MACEDO

DATA: 5 de JUNHO 2018 - TERÇA-FEIRA

Produção: Central de Jornalismo

Edição: Mariana Ceccon

LOC - Pelo menos 19 pessoas que solicitaram visto americano em Porto Alegre são vítimas de golpe. Prejuízo é superior a 20 mil reais. Cid Martins.

TEC - VIVO

LOC - Mesa Diretora da Assembleia decide que projeto sobre plebiscito de estatais vá a plenário. Gabriel Jacobsen.

TEC - VIVO

LOC - Após greve dos caminhoneiros, Câmara dos Deputados discute hoje projeto com regras para transporte de cargas. Matheus Schuch|

TEC - VIVO LINHA BSB

FIGURA 5: fragmento do roteiro do Chamada Geral, de 4 de junho de 2018

CHAMADA GERAL SEGUNDA EDIÇÃO com DANIEL SCOLA

Segunda-feira, 04/06/18

Produção: Kathlyn Moreira

=====

=====

LOC - Boa tarde! Hora./ Está no ar, Chamada Geral Segunda Edição, programa da reportagem da Rádio Gaúcha./ Temperatura POA / SANTA MARIA /CAXIAS.///

=====

=====

LOC - Governo encerra comitê de crise montado na greve dos caminhoneiros e promete reforçar fiscalização sobre preço do diesel./ Da RBS Brasília, Matheus Schuch./

TEC - VIVO ESTÚDIO

LOC - Litro gasolina passou de 10 reais durante a greve dos caminhoneiros./ Eduardo Matos./

TEC - VIVO

LOC - Sócio da Libra contradiz presidente Michel Temer sobre atuação do coronel Lima em campanha./ Paulo Rocha./

TEC - VIVO

LOC - Governo desiste de construir complexo dos Bombeiros na área onde hoje funciona centro de treinamento em Porto Alegre./ Paulo Germano./

TEC - VIVO

LOC - Motorista encontrada morta em Porto Alegre não estava trabalhando com transporte por aplicativo desde fevereiro./ Eduardo Pinzon./

TEC - VIVO

Após a escuta dos programas, que totalizaram 52 horas de gravações, juntamente com o acompanhamento dos roteiros, fez-se uma separação de informações, que serão organizadas a partir do levantamento dos seguintes dados:

(1) número de inserções de repórteres ao longo de todo o período analisado, especificando a quantidade em cada programa;

(2) quantas dessas inserções são ao vivo e quantas são gravadas;

- (3) em quantas dessas inserções foram usadas sonoras²¹;
- (4) quantas inserções têm duração de até 1 minuto e quantas ultrapassam esse tempo;
- (5) em quais gêneros jornalísticos, a partir de uma leitura para o meio radiofônico (FERRARETTO, 2014), conforme já descrito no trabalho, estão classificadas essas inserções de repórteres.

GRÁFICO 1: esquema resumido da metodologia.



²¹ Também chamada de ilustração, é um trecho editado de entrevista. A palavra “sonora” é originária do jargão profissional de televisão, mas assimilada, gradativamente, pelo rádio. As duas palavras são usadas como sinônimo, mas possuem uma leve diferença. Ilustração tem um sentido mais amplo, de qualquer áudio além da voz do repórter, enquanto sonora remete mais à entrevista em si. (FERRARETTO, 2014, p. 163).

3.1. Questão ética

A questão ética foi obedecida, possibilitando que os participantes desistissem em qualquer fase do estudo, ou se recusassem a participar dele. Os procedimentos envolvidos neste estudo devem proporcionar desconfortos ou riscos para os entrevistados, além de um leve desgaste decorrente do tempo empregado nas entrevistas (cerca de 30 minutos). Caso fosse necessário um período maior de tempo para a realização da entrevista, este seria solicitado ao entrevistado, ficando a critério dele a continuidade, a marcação de um novo contato em outra oportunidade conforme disponibilidade ou a interrupção, sem retomada, do mesmo.

Ao participar desta pesquisa, o entrevistado não teve nenhum benefício direto. Entretanto, espera-se que este estudo traga informações importantes sobre a mudança no padrão de emissão da reportagem da Gaúcha, de forma que o conhecimento que foi construído a partir desta pesquisa possa contribuir para os estudos de reportagem de rádio na fase da convergência.

Como já mencionado anteriormente, este projeto foi submetido à provação do Comitê de Ética em Pesquisa, vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e a Plataforma Brasil - base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos para todo o sistema CEP/CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa). A plataforma permite que as pesquisas sejam acompanhadas em seus diferentes estágios, desde sua submissão até a aprovação final pelo CEP e pela CONEP, possibilitando, inclusive, o acompanhamento da fase de campo, o envio de relatórios parciais e dos relatórios finais das pesquisas (quando concluídas). Assim, esta pesquisa está em conformidade com a resolução CNS no 466/12 para a área da Saúde e com a nova Resolução CNS no 510/16 para as áreas Social e Humana. Antes da coleta de dados, foi lido e entregue a cada participante o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, no mesmo momento, solicitada a permissão para a gravação da entrevista, conforme preconizado pelas resoluções 466/2012 e 510/2016, do Ministério da Saúde.

FIGURA 6: parecer CEP



Continuação do Parecer: 2.469.678

Considerações Finais a critério do CEP:

APROVADO.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1012436.pdf	07/11/2017 20:56:33		Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_assinada.pdf	07/11/2017 20:56:02	Luiz Artur Ferraretto	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento.pdf	09/10/2017 23:18:46	Luiz Artur Ferraretto	Aceito
Outros	Autorizaca_previa_da_Radio_Gaucha.pdf	09/10/2017 23:17:33	Luiz Artur Ferraretto	Aceito
Outros	Termo_de_compromisso_para_utilizacao_de_dados.pdf	09/10/2017 23:15:54	Luiz Artur Ferraretto	Aceito
Outros	Instrumento_de_coleta_de_dados.pdf	09/10/2017 23:15:05	Luiz Artur Ferraretto	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes.pdf	09/10/2017 23:14:31	Luiz Artur Ferraretto	Aceito
Outros	Correcao_solicitada.pdf	09/10/2017 23:13:56	Luiz Artur Ferraretto	Aceito
Outros	Aprovacao_na_Compesq.pdf	09/10/2017 23:12:11	Luiz Artur Ferraretto	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	09/10/2017 23:11:38	Luiz Artur Ferraretto	Aceito

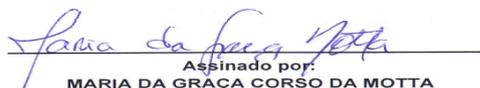
Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 18 de Janeiro de 2018


Assinado por:
MARIA DA GRAÇA CORSO DA MOTTA
(Coordenador)

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
Bairro: Farroupilha **CEP:** 90.040-060
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-3738 **Fax:** (51)3308-4085 **E-mail:** etica@propesq.ufrgs.br

4. A REPORTAGEM AO VIVO NA GAÚCHA

A participação de repórteres ao vivo tem sido facilitada desde a introdução da telefonia celular, em 1990, e da internet comercial, em 1995. (FERRARETTO; SABBALLA, 2018, f.1). Tais tecnologias deram mobilidade e melhoraram a qualidade de áudio. Na contemporaneidade, contudo, esse tipo de inserção se tornou predominante na Gaúcha, praticamente afastando as reportagens gravadas. Outros fatores, para além dos avanços tecnológicos, podem provocar essas alterações, conforme se pretende demonstrar ao longo do trabalho. Antes, no entanto, faz-se necessário resgatar alguns conceitos e fatos históricos que ajudarão a entender a pesquisa aqui proposta.

Entende-se o trabalho do repórter como sendo a base do processo radiojornalístico (PORCHAT, 1989, p. 49), com o profissional procurando esforçar-se, ao máximo, para ouvir todos os lados envolvidos (BARBEIRO; LIMA, 2003, p.44). Deve unir capacidade de observação com habilidade de comunicação. (FERRARETTO, 2014, p.155) e, segundo Mcleish (2001, p.44): “Nada deve ser transmitido sem que os fatos tenham sido verificados duas vezes, não por ouvir dizer ou por alguma sugestão, mas com total confiabilidade. ‘Retorne à fonte’ é um ditado muito útil”. Mesmo que se busque o imediatismo, considerado o grande trunfo do rádio, é preciso entender a checagem de informações como um cuidado básico. (PORCHAT, 1989, p.26). Por sinal, é importante destacar que a ideia de notícia imediata no rádio não é uma característica recente. Décadas atrás, Mauro De Felice destacava:

A principal característica de um programa de radiojornalismo é o imediatismo, a instantaneidade, a possibilidade de se levar ao ouvinte um fato simultaneamente ao acontecimento ou com diferença de minutos. Por isso, devem sempre ter precedência sobre os demais assuntos aqueles que tenham acontecido HOJE, que estejam acontecendo HOJE ou que ainda estejam previstos para acontecer HOJE. (DE FELICE, 1981, p.88).

Conforme Klöckner (In: FELIPPI et al, 2006, p.89), as reportagens de rádio dividem-se em (1) ao vivo, (2) gravadas e (3) uma mescla de ambas. Ao fazer a gravação, o repórter, geralmente, obtém um material que precisa passar por edição, cuja estrutura será detalhada adiante neste trabalho.

Já quando está ao vivo, o profissional é submetido a provas a todo o momento, como a exigência de “rapidez mental e verbal para transmitir o fato enquanto o observa,

vasto vocabulário, facilidade de exposição, dotes de improvisação e o mais importante: um acentuado senso de ética profissional” (PORCHAT, 1989, p.43). Exige-se do repórter grande habilidade, por implicar um bom grau de improvisação. (FERRARETTO, 2014, p.163). Nesse sentido, Emílio Prado (1989, p.87) também ressalta a dificuldade da reportagem ao vivo, na medida em que a narração requer improviso, sendo necessário profundo conhecimento do tema para fugir de lugares-comuns. A propósito, a respeito das observações de Prado (1989), destaca-se que o autor utiliza outra nomenclatura para classificar os tipos de reportagens em rádio, divididas por ele em: (1) simultânea e (2) diferida. A simultânea se realiza ao vivo e tem a criação executada paralelamente ao desenrolar da ação reportada, provocando uma sensação de participação. Faz-se presente um ambiente acústico, interferindo na imaginação do ouvinte. Provoca uma sensação de participação

Neste tipo trabalha-se sobre a marcha dos acontecimentos, e o jornalista deve selecionar constantemente aquelas representações fragmentárias mais significativas. Isto obriga a um exercício de valoração constante. [...] A grande vantagem das reportagens simultâneas é o sentido de participação nos fatos que produz no ouvinte. Este sentido vem em primeiro lugar pelo ambiente acústico ou cenário sonoro da ação, que transmite com grande riqueza de matizes o ambiente e outras amostras sonoras definidoras e insubstituível pela narração verbal. (PRADO, 1989, p.89).

Nesse sentido, Barbeiro e Lima (2003, p.56) também destacam que, para dar o clima do acontecimento, é importante que se deixe passar para a reportagem o som ambiente nas transmissões ao vivo, como sons de carro no trânsito, chuva, buzinas e manifestantes.

Já na reportagem diferida, conforme Prado, permite-se a montagem, com a seleção das representações fragmentadas da realidade após o conhecimento da ação. Não precisa seguir uma sequência cronológica, mas uma ordem lógica.

Este tipo de reportagem permite reproduzir os acontecimentos com a menor intervenção explícita do jornalista. Este selecionará as amostras e as ordenará de forma que transmita ao público, em poucos minutos, a ideia de uma ação desenvolvida em frações de tempo superiores sem esconder informação. Na seleção deve procurar incluir ao máximo o som ambiente, que favorece a compreensibilidade, provoca a intervenção da imaginação do ouvinte e, sobretudo, dá credibilidade à informação. Por outro lado, estes elementos dão dinamismo e ritmo à reportagem. (PRADO, 1989, p.89).

Cabe lembrar ainda que Eduardo Meditsch propôs uma classificação da emissão ao vivo no rádio, indo além das participações da reportagem (2001, p.210-213):

(1) *Vivo em primeiro grau*: segundo o autor, está presente no rádio desde a sua origem, época em que se pressupõe um rádio totalmente transmitido por antena, por ondas eletromagnéticas. Esse tipo de vivo não implica necessariamente a simultaneidade entre o tempo de produção do enunciado e sua enunciação. Esse enunciado pode ter sido produzido antecipadamente, como num caso de programa gravado.

(2) *Vivo em segundo grau*: refere-se à situação em que há um texto escrito, memorizado ou planejado antecipadamente para ser interpretado no rádio e, embora mantenha as características de um conteúdo diferido, pode ser considerado um *vivo em segundo grau*.

(3) *Vivo em terceiro grau*: considerado pelo autor como um nível intermediário, seria aquele em que não apenas a interpretação viva é agregada a um conteúdo diferido, mas a própria elaboração do conteúdo é realizada simultaneamente à enunciação - predominantemente, com improviso, sem planejamento prévio.

(4) *Vivo em quarto grau*: aplica-se tanto à cobertura de acontecimentos anteriormente previstos, quanto à de fatos inesperados, como um incêndio. Nesse nível, conforme o autor, ocorre a “isocronia entre os quatro tempos: o do acontecimento, o da produção do relato, o da enunciação e o da recepção”. (2001, p.2013).

Independentemente do modo como a reportagem for apresentada (gravada ou ao vivo, simultânea ou diferida) - nas palavras de Emílio Prado (1989) - é permitida a criatividade, sem esquecer, no entanto, que se trata de uma narração de caráter informativo. Conforme Prado (p.85, 1989), trata-se de “uma agrupação de representações fragmentadas da realidade que, em conjunto, dão uma ideia global do tema”. Para Ferraretto (2014, p.151), a falta de repórteres em uma emissora de rádio indica ausência de jornalismo, forçando-a ficar dependente de agências de notícias, redes sociais e outras empresas de comunicação.

Ainda a respeito da elaboração de reportagens de rádio, sugerem-se seguir as orientações de Barbeiro e Lima (2003, p.56-57), descritas em 30 tópicos:

(1) O rigor na apuração dos fatos é determinante para a qualidade da reportagem. O repórter precisa ter o máximo de informações sobre o assunto que cobriu. A reportagem deve responder a todas as perguntas comuns que o ouvinte poderia fazer.

(2) A reportagem deve ser completa em si mesma, com começo, meio e fim. Nunca imagine que o ouvinte já conheça os antecedentes do fato, mesmo que este venha

sendo noticiado com insistência.

(3) O ceticismo é uma qualidade do jornalista. Ele deve desconfiar do que ouve e vê. Muitas vezes, a notícia não está na forma como se apresenta, mas escondida em declarações e fatos aparentemente relevantes.

(4) Sempre que possível, o jornalista deve gravar e guardar as entrevistas com as fontes, ainda que nem tudo seja reproduzido na reportagem. A fonte pode se arrepender e recuar no que disse. A fonte deve ser avisada de quando se irá gravar.

(5) Repórter desinformado dificilmente escapa de ser manipulado pela fonte.

(6) O repórter não julga os entrevistados nem opina na elaboração de seu trabalho. Conta o que viu e o que apurou ao ouvinte. Não é função do repórter querer mudar comportamentos.

(7) Não faça generalizações de fatos isolados. Evite julgar o todo pela parte, situação comum no rádio, que tem audiência rotativa.

(8) Cuidado com o uso dos adjetivos. Um fato descrito como *sensacional* ou *dramático* pode não ser nem *sensacional* nem *dramático*. Dê preferência aos verbos.

(9) Para se fazer uma boa reportagem, não é necessário arriscar a vida. O repórter não precisa assumir o personagem de super-homem, entrando em prédios em chamas, pendurando-se em janelas, etc.

(10) O repórter nunca deve se oferecer como refém em acontecimentos policiais. Não é sua função. Deixe isso para Clark Kent.

(11) O repórter deve conferir os números que usa na reportagem. É preciso bom senso quando se comparam grandezas. Às vezes, as pessoas tendem a exagerar para mais ou para menos. No cálculo de multidão em acontecimentos públicos, é melhor perguntar para as autoridades presentes. Se houver divergência entre os organizadores, citar as duas fontes.

(12) Seja criterioso com as matérias técnicas. O excesso de dados pode confundir o ouvinte, que não terá a chance de ouvir a reportagem novamente.

(13) Não é admissível tratar com humor a humilhação e o sofrimento das pessoas. Um tombo deixa de ser engraçado se alguém se machuca.

(14) Detalhes desnecessários para o entendimento do fato devem ser dispensados.

A narração precisa ser direta para que o ouvinte não se perca. Não esqueça que o único recurso é o som.

(15) A reportagem deve ser iniciada com um fato novo, mesmo que o assunto seja conhecido.

(16) Nas suítes, é indispensável rememorar o fato, em poucas palavras, para que o ouvinte possa acompanhar a informação principal.

(17) Informações e sons de ambiente, quando possíveis de serem relacionados ao fato, ajudam a enriquecer a reportagem.

(18) A sonorização ou uso de música nas reportagens devem ser feitos de forma criteriosa e apenas se a matéria comportar. Imagine o resultado de uma reportagem sobre um acidente com mortos e feridos, tendo ao fundo o som de uma música alegre.

(19) As entradas ao vivo, principalmente em improvisações, exigem do repórter o controle das emoções, além de um bom vocabulário e concentração para transmitir corretamente o fato observado. É preciso cuidado para não ficar repetindo as informações sem concluí-las. A capacidade de improvisação se adquire com tempo e treinamento.

(20) Atenção ao tom de voz. Não faz sentido relatar um acidente, por exemplo, com uma voz alegre ou de consternação. O tom ideal, de acordo com cada acontecimento, é alcançado com a prática.

(21) O jornalismo é trabalho em equipe. O entrosamento do repórter com a redação e com os técnicos é fundamental para a qualidade da reportagem.

(22) Mantenha a chefia informada sobre o andamento da reportagem. De posse de acusações ou informações comprometedoras em relação a terceiros não ouvidos na reportagem, cabe ao repórter alertar a chefia para que seja providenciado o direito de resposta ou a checagem de determinadas informações.

(23) Entregue um relatório detalhado ao editor. Informações que não constam na entrevista podem ser importantes para a edição. Devem-se sugerir trechos de gravações, discutir o tempo da matéria e a cabeça dos boletins.

(24) A qualidade da reportagem também depende do som. O esforço na apuração dos fatos pode ser inútil se a gravação ficar distorcida ou se não for possível compreender o que está sendo dito durante a entrada ao vivo. Siga as orientações dos técnicos.

(25) Informações obtidas durante a reportagem podem servir de gancho para nova pauta. Todo repórter deve apresentar uma sugestão de pauta por dia.

(26) A velocidade na transmissão das notícias (principalmente via internet) exige mudanças na forma de agir do repórter que está fora do Brasil. Não basta relatar o que aconteceu. O correspondente deve repercutir o fato e relacioná-lo, quando possível, à importância que tem para o Brasil.

(27) Um telefonema pode determinar o sucesso ou o fracasso de uma reportagem. Mantenha a agenda atualizada.

(28) A prestação de serviços é uma das razões de uma rádio jornalística. O ouvinte, muitas vezes, liga o rádio para saber das condições de trânsito e das estradas. Seja preciso na localização dos congestionamentos e indique caminhos que sirvam de opção. Tenha sempre um mapa para consultas. Não seja prolixo.

(29) A liberdade de imprensa não autoriza o repórter a cometer qualquer deslize e não lhe dá imunidade contra toda a sociedade.

(30) Todo jornalista é repórter. Ele deve entrar em contato com a rádio mesmo fora do horário de trabalho, se presenciar algum fato de interesse público.

Percebe-se, na lista, a preocupação do autor em destacar a importância da busca pela precisão na informação a ser passada ao público, além de indicações para que a reportagem seja atraente à audiência, fácil de ser entendida, sempre priorizando a atualização para fatos que sejam novos. Remete-se, portanto, ao entendimento de que a reportagem precisa aliar agilidade, técnica e responsabilidade.

4.1. A reportagem na Gaúcha: alguns apontamentos históricos

A utilização de reportagem no rádio do Rio Grande do Sul teve início, de forma embrionária, na década de 1930, quando foram registradas irradiações externas de eventos, com características mais aproximadas da crônica, segundo Ferraretto (2007, p.425). Entre essas transmissões, conforme o autor, estão as da Rádio Sociedade Gaúcha, como a abertura da primeira edição da Festa da Uva, em fevereiro de 1932, na cidade de Caxias do Sul, e a Assembleia Constituinte Estadual, em Porto Alegre, no mês de abril de 1935.

A primeira rotina moderna da atividade do repórter ocorre somente no final da década de 1950, quando João Aveline, então chefe do Departamento de Notícias da Gaúcha, determina que a captação de informações seja feita junto à fonte. Identifica-se,

neste ponto, uma nova fase para o jornalismo radiofônico no Rio Grande do Sul, com a adoção de critérios mais profissionais para a seleção da notícia.

A prática de gravar e irradiar entrevistas, ilustrando reportagens com vozes dos protagonistas dos acontecimentos torna-se habitual no dia a dia da Gaúcha, sendo logo seguida pelas de outras emissoras, como na Difusora, estação que, ao longo da década de 60, também adota sistêmicas operacionais semelhantes. (FERRARETTO, 2007, p.426)

Em meados da década de 1960, entretanto, vive-se o período da Ditadura Militar. Naquela época, o jornalismo sofreu para se consolidar como um segmento específico no contexto das emissoras de Porto Alegre, com óbvias repercussões no trabalho do repórter. Segundo Ferraretto (2007, p. 153), “os comunicados da censura chegam, de início, na forma de um ofício, identificando de quem parte as determinações”. Posteriormente, os textos são enviados de forma cada vez mais vaga, sem identificação de origem, para ampliar a possibilidade de autocensura.

No começo dos anos 1970, a RBS cria a Central Gaúcha de Notícias²², onde o trabalho da reportagem ganha destaque, de acordo com Ferraretto (2007, p.439). Há, nesta estrutura, uma integração das redações de rádio e da TV Gaúcha com a do jornal Zero Hora.

São os repórteres desta emissora que, em março de 1971, informam à população de Porto Alegre o rompimento do reservatório da Hidráulica Loureiro da Silva, no bairro Menino Deus. Além de acompanharem o atendimento aos feridos junto ao hospital de Pronto Socorro, descrevem os estragos provocados pelo vazamento de 15 milhões de litros de água, que destroem residências e alagam ruas. (FERRARETTO, 2007, p.439).

Dentro desse breve resgate histórico, destacam-se ainda, algumas coberturas que consolidaram o trabalho da reportagem da Gaúcha. Uma delas é a da morte de Tancredo Neves, em 1985, com envolvimento de toda a equipe da emissora durante 38 dias, quando o Brasil acompanhava o estado de saúde do presidente eleito. Repórteres falavam de vários pontos do país, com repercussões e homenagens ao político. (FERRARETTO, 2007, p.240). Poucos anos depois, reportagens sobre as sucessivas crises no sistema prisional do Rio Grande do Sul ganharam reconhecimento de importantes premiações, como o da

²² Também chamada de Central RBS de Notícias (FERRARETTO, 2007, p.439).

Associação Rio-grandense de Imprensa em 1987 e 1988, pelas coberturas, respectivamente, do motim no Presídio Central²³ e da rebelião na Penitenciária Estadual do Jacuí. (FERRARETTO, 2007, p.449).

A partir de década de 1990, a Gaúcha passa a contar com enviados especiais próprios, ou compartilhados com outros veículos do grupo RBS, para acompanhamento de conflitos internacionais, como as guerras do Golfo (1990-1991)

[...] em 15 de janeiro, coincidindo com o fim do prazo dado pela Organização das Nações Unidas para que o governo de Saddam Hussein retire-se do território invadido, o repórter de Zero Hora, Marcelo Rech chega à região, narrando, a partir do dia seguinte, o início das operações militares da coalização de países liderada pelos Estados Unidos. Nas primeiras 24 horas de intenso bombardeio às posições iraquianas, o jornalista chega a intervir 17 vezes na programação da Rádio Gaúcha. A partir daí, mantém, no mínimo, cinco participações diárias. (FERRARETTO, 2017, p. 449-450).

A reportagem da Gaúcha ainda se faz presente nos conflitos do Afeganistão (2001), do Iraque (2003), além dos atentados de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos. Em todos esses momentos, fez-se presente a reportagem ao vivo, porém ainda com limitações técnicas, que serão superadas pelo avanço da tecnologia, como será explicada ainda neste trabalho.

Nas duas fases destacadas nesta pesquisa, que são a segmentação e a convergência, conforme periodização já descrita anteriormente, verifica-se a existência de cinco tipos de repórteres ao longo do período (FERRARETTO et al, 2018, f. 3):

(1) o *polivalente*, trabalhando na área de geral - polícia, sindical, ensino, trânsito etc. –, mas, na falta de outro, cobrindo também da política à economia;

(2) o *setorista*, atuando em uma área específica;

(3) o *repórter especial*, profissional experiente e qualificado, responsável pela cobertura aprofundada e mais investigativa relacionada a grandes temáticas;

(4) o *correspondente*, aquele que desenvolve suas funções cotidianamente fora da cidade-sede da emissora e de seu entorno;

(5) o *enviado especial*, que é deslocado para a cobertura em outros municípios, estados ou países.

²³ A partir de 2017, passa a ser chamado de Cadeia Pública.

4.2. A reportagem ao vivo no rádio e o modo de emissão autenticante

Quanto mais participações ao vivo, supõe-se, ampliam-se as possibilidades de que se estabeleça um ambiente de conversa, não só entre repórter e âncora mas também com o ouvinte, de modo simulado. Dessa forma, entende-se que há uma autenticação do processo, em que, segundo FERRARETTO (2017, p.160), “o repórter conversa com âncoras e comentaristas e, em meio à interação gerada no estúdio e fora deste nas redes sociais, são inseridos os trechos previamente preparados de seu trabalho”.

Admitindo-se que esta participação ao vivo reforça a ideia de veracidade da narrativa do repórter, lança-se mão de formulações de François Jost (2001). O pesquisador francês propõe um modelo de compreensão e análise de conteúdo, contemplando três modelos de emissão (1) autenticante; (2) ficcional; (3) lúdico. Destaca-se aqui o primeiro, que considera o repórter no papel de comunicador de rádio. Esse modo autenticante, proposto por Jost, engloba emissões que “possuem asserções verdadeiras sobre o mundo, fornecendo informações para ampliar o conhecimento que se destacam, em última instância, como um exercício da prova” (JOST, 2001, p. 19). Em um primeiro momento, ele propõe esse modelo para analisar o conteúdo televisivo. No entanto, amplia a possibilidade de se pensar a ideia no rádio, entendendo que há uma simultaneidade entre a captação e a recepção, visto que as transmissões ao vivo dão a impressão de acessar diretamente o acontecimento.

Uma das maneiras pela qual a televisão atesta que um acontecimento é real – característica compartilhada com o **rádio** [grifo nosso] – é a simultaneidade entre a captação e a recepção. Se alguém, por vezes, considera passível de contestação o tema de uma emissão de um espetáculo, por convenção, reconhecido como irradiado em tempo real, é porque produtores e telespectadores concordaram que nele existe veracidade. Eu chamo isto de modo autenticante, e não apenas informativo. Para além das transmissões de notícias do mundo, de sua atualidade, identifica todos os programas que remetem a um discurso de realidade e que nós interpretamos sobre o eixo verdadeiro-falso. As transmissões ao vivo nos dão a impressão de acessar diretamente os acontecimentos, de ser testemunhas do mundo [...]. (JOST, 2001, p.19).

O foco deste trabalho é o repórter de rádio na contemporaneidade, portanto cabe observar a análise de Ferraretto (2010), cuja avaliação é de que todos se tornam comunicadores, incluindo o repórter. Dessa maneira, o comunicador de rádio, torna-se figura central da programação em emissoras que passam a ter um predomínio de transmissão ao

vivo: “É o responsável pelo diálogo imaginário – e com dose significativa de coloquialidade – estabelecido pela estação de rádio com o ouvinte”. (FERRARETTO, 2010, p. 312).

Conforme Jost (2001, p.19), a audiência aceita como autêntica uma transmissão, admitindo que esta (a) propõe algo considerado válido; (b) expressa uma verdade profunda, um sentimento ou relato, como nos depoimentos e nas transmissões ao vivo em geral e (c) possui a marca de um indivíduo, cuja autoridade não pode ser contestada, valorizando, por vezes, uma informação em razão da sua fonte. De acordo com Ferraretto (2014a, p. 64): “Observa-se que esses fatores estão presentes na postura que o comunicador radiofônico assume, no cotidiano, frente ao microfone em emissões predominantemente ao vivo”.

Neste contexto, Luiz Gonzaga Motta, afirma que, para provocar um efeito de real, são usadas estratégias, fazendo com que o público interprete a narrativa como uma verdade, “como se os fatos estivessem falando por si mesmos” (MOTTA, 2013, p. 199). Uma dessas, segundo o pesquisador, é utilizar expressões que remetem ao momento presente, como “aqui” e “agora”, por meio das quais também o hoje, o ao vivo e o *on-line* passam a ser valorizados: “Na afirmação radical do presente (a atualidade), o jornalismo constrói a sua versão de neutralidade e objetividade, reduzindo e encerrando tudo no momento atual” (MOTTA, 2013, p. 200).

4.3. Rotinas de trabalho na reportagem

Os repórteres da Gaúcha desenvolvem seus trabalhos em diferentes rotinas, mas com pontos que se assemelham, como: (1) pressão exercida pelo tempo; (2) compromisso com o site de notícias, o *GaúchaZH*; (3) participações ao vivo. Através da observação participante e da série de entrevistas feitas com os jornalistas, de acordo com a metodologia aplicada, é possível identificar as principais características que compõem a rotina do repórter na emissora. Em junho de 2018, período em que foi realizada observação na redação, a equipe de repórteres da Gaúcha, na redação de Porto Alegre, apresentava-se assim:

- (1) Marina Pagno;
- (2) Bibiana Dihl;
- (3) Vitor Rosa;
- (4) Tiago Bitencourt;
- (5) Cid Martins;
- (6) Francine Silva;
- (7) Gabriel Jacobsen;

- (8) Giane Guerra;
- (9) Eduardo Paganella;
- (10) Lucas Abati;
- (11) Paloma Fleck (estagiária);
- (12) Yasmin Luz (também é produtora);
- (13) Felipe Daroit;
- (14) Tiago Boff;
- (15) Eduardo Matos;
- (16) Bruno Teixeira;
- (17) Mateus Schuch;
- (18) Eduardo Pinzon (estagiário);
- (19) Jocimar Farina;

Sem, ainda, aprofundar a análise de aspectos específicos da fase da convergência, como o conteúdo que vai para o ar, descreve-se, a partir de agora, o ambiente para o desenvolvimento do trabalho desses profissionais; entre eles, o repórter Vitor Rosa, que, diariamente, pouco antes das seis horas da manhã, bate o cartão ponto para começar sua jornada. Sobre o ponto, a propósito, há um controle rigoroso para que o profissional não ultrapasse a carga horária estabelecida em contrato. Horas extras somente são autorizadas em casos considerados extraordinários, após avaliação criteriosa das chefias.

No caso do repórter Vitor Rosa, apenas dez minutos depois de chegar à emissora, ele já está no ar com informações no programa *Gaúcha Hoje*:

Recuperando alguma informação, em geral, da madrugada, que já foi apurada pelos colegas que estavam antes [...]. É o tempo de ver o que teve de novidade em casos de polícia, seja crime, de investigação que foi deflagrada na madrugada, e seis e seis, seis e sete, eu já entro no ar com um boletim de 30, 40 segundos. (VITOR ROSA, 4 jun. 2018).

O relato aponta para a pressão do tempo já no começo do dia de trabalho. No entanto, ressalta-se que não há uma exigência para que o repórter saia para a rua imediatamente. Pelo contrário, a saída ocorre apenas se o fato estiver acontecendo naquele momento. Na maioria das vezes, a apuração é feita por telefone, explica Rosa: “Não faz sentido, como na TV, ir para o local e fazer uma entrada do local, a não ser que seja uma situação extraordinária”. (VITOR ROSA, 4 jun. 2018).

Reuniões de pauta foram extintas na Gaúcha, com a justificativa de que não se pode perder tempo. Entre seis e oito horas da manhã, as atenções do repórter Vitor Rosa voltam-se para os assuntos que estejam acontecendo no momento, ou que repercutam neste intervalo de tempo. Após este horário, o ritmo de trabalho segue intenso. Recebe de

duas a três pautas da chefia de reportagem, avalia o que pode ser feito e trabalha na apuração, principalmente por telefone (ligações ou aplicativo de conversas WhatsApp). Além disso, monitora alguns assuntos diariamente, independentemente da pauta recebida. São investigações policiais, do Ministério Público e processos judiciais em andamento.

Nesta mesma linha de pautas (policiais), está o repórter Cid Martins, que tem um horário mais flexível, devido às constantes operações policiais, que demandam o acompanhamento presencial dele. A relação com o site GaúchaZH é citada espontaneamente já no primeiro contato com Cid Martins, enquanto escrevia uma manchete para o texto que estava publicando no site GaúchaZH. A reportagem estava disponível, on-line (ver figura 7), instantes antes da entrada ao vivo, da redação, usando um microfone que circula de mão em mão entre os repórteres.

FIGURA 7: publicação de reportagem no site *GaúchaZh*

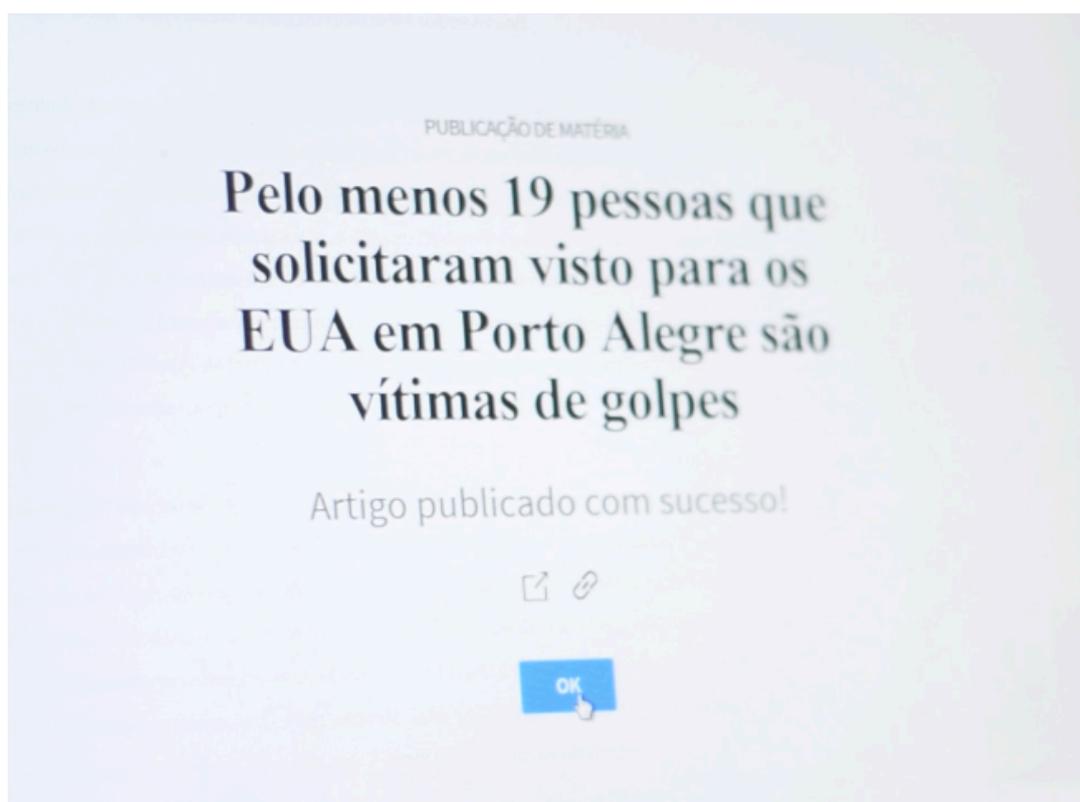


Foto: Léo Saballa Jr (2018)

Seja pelas entrevistas, conversas informais seja pela observação, identifica-se o engajamento e a importância dada às reportagens escritas e publicadas no portal de notícias. Tem-se, neste ponto da pesquisa, uma questão não esperada, mas aceita no estudo,

indo ao encontro das orientações postas pela metodologia aplicada. Todos os profissionais entrevistados e observados fizeram menção destacada às publicações que precisam ser feitas no site. É uma atribuição que não se restringe, apenas, a produzir o material mas também a executar uma série de procedimentos específicos para que a reportagem seja publicada, desde a inserção de links ao longo do texto, com sugestões de reportagens relacionadas, até a escolha das fotos. Cid Martins relata que, muitas vezes, prepara, primeiro, a reportagem para o site e, depois, adapta a entrada na rádio. Outras vezes, no entanto, pensa tudo ao mesmo tempo. “Quando tem um assunto, eu já tenho ele assim no meu cérebro: divulgar em pílulas para o twitter, fazer um resumo para a rádio e um texto mais amplo para o site, já pensando numa virada de manchete”. (CID MARTINS, 6 jun. 2018).

É uma situação que está de acordo com o que diz Vitor Rosa, que admite pensar, primeiro, a reportagem do site.

Porque no rádio eu sei que vou conseguir simplificar aquilo de uma maneira mais fácil e, no on-line, eu preciso contar aquilo de uma maneira que fique mais atraente. E o texto do on-line posso adaptar para o do rádio. O do rádio não vou conseguir adaptar para o on-line. Muitas vezes, lendo o texto que você preparou para o on-line, no ar, já vai fazendo as adaptações naquele momento, no improviso. (VITOR ROSA, 4 jun. 2018).

Vitor Rosa relata, inclusive, que tem meta de duas reportagens escritas em *GaúchaZH* por dia. Afirma não ter dificuldade com essa atribuição e conta que, em média, publica três diariamente. Ele admite um grau de dificuldade devido à atribuição a mais, que, em outros tempos, não existia para um repórter de rádio, no entanto vê vantagens que se refletem num trabalho de apuração com mais profundidade, já que os textos do site são apresentados com mais detalhes. (4 jun. 2018).

Essa relação próxima com o site aparece de forma ainda mais acentuada na rotina da repórter e colunista de economia, Giane Guerra. A exemplo dos colegas, ela afirma que apura a informação já pensando no texto que vai publicar em *GaúchaZH*. Nota-se um grau de envolvimento que causa entusiasmo ao acompanhar a audiência fornecida em tempo real dos leitores que acessam os textos pelo site. “Eu sigo a regra de que o leitor vai ler os dois primeiros parágrafos e, depois, tem que tentar captá-lo para ir até o final. Enfim, ele ficando 15 segundos; já conta como acesso”. (GIANE GUERRA, 4 jun. 2018). Essa divisão entre site e rádio ocasiona uma pressão no trabalho para que a informação

chegue rapidamente para leitores e ouvintes, como nesta situação relatada pela profissional:

Eu recebi um alerta de um analista de mercado, de um comunicado divulgado nos Estados Unidos. De imediato, entrei no editor de texto de *GaúchaZH* e coloquei uma manchete com um asterisco embaixo dizendo “acompanhe que está sendo atualizado”, e fui escrevendo ali, nem tinha o comunicado na mão [...]. Aí, entrei no ar no *Gaúcha Atualidade*, enquanto eu escrevia o do on-line. Depois, as próximas entradas eram todas em cima do texto do on-line. Vou adaptando, se é uma entrada correndo no meio do programa, se é uma entrada no *Notícia na Hora Certa*, se é uma coisa mais com análise, como acabou sendo no *Chamada Geral*, e, aí, inclusive no *Chamada* o Macedo me perguntou uma outra coisa que estava na minha outra matéria, que eu estava escrevendo ainda, então já antecipei no *Chamada* algumas coisas que eu já estava publicando na segunda matéria. Mas tudo em cima do on-line. (GIANE GUERRA, 4 jun. 2018).

Atento às informações de trânsito, o repórter Eduardo Paganella entra no ar diversas vezes ao longo da programação. Também relata ter atribuições com o site *GaúchaZH*, porém, como está circulando pelas ruas, na maioria das vezes ele escreve no celular os textos das reportagens que serão publicadas no site, que passam, antes, pela avaliação do editor.

Eduardo Matos (7 jun. 2018) classifica como extremamente grande o envolvimento com o site *GaúchaZH*. Ele explica que se exige agilidade na redação do texto e atenção em pegar declarações exatas de entrevistados para usá-las nestas reportagens do site. Além disso, são atribuições do repórter fazer fotos, se estiver no palco de ação do fato, caso contrário, precisa buscar alguma imagem no arquivo, fazer vídeos e abastecer redes sociais. Também, em alguns programas, o repórter faz transmissões em vídeo, as chamadas **lives**, que demandam ainda mais esforço do profissional, já que é preciso testar conexão e avaliar se o aplicativo está funcionando normalmente.

Muitas vezes você está em uma pauta que não está familiarizado. Então você tem que se preocupar com a pauta, com tudo isso que eu relatei (texto para o site, fotos, gravação de vídeos e redes sociais) com vivo em áudio e com vivo em vídeo. Então são assuntos que pesam para a reportagem, hoje em dia, que não tinha antes. Evidente que a gente acaba se adaptando, mas o trabalho, realmente, dobrou. As funções do repórter, se não dobraram, triplicaram. (EDUARDO MATOS 7 jun. 2018).

FIGURA 8: Eduardo Matos, com celular acoplado no tripé, preparando entrada ao vivo



Foto: Léo Saballa Jr (2018)

Assim como os demais colegas, Eduardo Matos conta que recebe de duas a três pautas por dia. Afirma que, em outros tempos, chegava a receber até sete pautas em um dia. Porém, atribui essa diminuição à quantidade de outras tarefas que o repórter precisa executar: “Tu tens outros trabalhos, além de fazer rádio. Tens que fazer vídeo, tens que fazer texto. Antes, a gente entrava no ar com o que tinha e era isso”. (EDUARDO MATOS, 7 jun. 2018). Ele lamenta que a falta de tempo, provocada por essas diversas outras atribuições, impeça que ele aprimore as entradas no ar, ao longo da programação. Já o apresentador Antônio Carlos Macedo defende a gravação de vídeos pelo repórter.

Hoje não podemos perder em velocidade de informação para o ouvinte, que transmite vídeos entre eles com uma velocidade incrível. Então, não adianta eu fazer um vídeo muito bem-acabado sobre um acontecimento, se vários dos meus ouvintes já estão trocando informação entre eles. (ANTÔNIO MACEDO, 6 jun. 2018).

Quando estão na rua, os repórteres da Gaúcha levam uma série de equipamentos:

- (1) um **smartphone** modelo iPhone da emissora;
- (2) um **smartphone** pessoal;
- (3) um celular da marca Nokia, modelo fabricado no começo dos anos 2000, com a função apenas de fazer ligações, que é utilizado em situações de emergência, como na falta de bateria dos aparelhos **smartphones**;

- (4) Access²⁴ – equipamento para transmissão de áudio com qualidade semelhante à de estúdio (ver figuras 9 e 10);
- (5) bastão de selfie (ver figura 11), utilizado em transmissões, ao vivo, de vídeo;
- (6) rádio portátil e fones de ouvido;
- (7) tripé para o **smartphone** (ver figura 8);
- (8) bateria portátil recarregável para **smartphone**.

FIGURA 9: repórter Eduardo Paganella com Access.



Foto: Léo Saballa Jr (2018)

²⁴ O equipamento Access é fabricado pela empresa norte-americana Comrex e utiliza conexão via internet.

FIGURA 10: Equipamento Access



Foto: Léo Saballa Jr (2018)

FIGURA 11: Eduardo Paganella utilizando bastão de selfie como suporte do celular



Foto: Léo Saballa Jr (2018)

O resultado da utilização de todos esses equipamentos e a descrição do conteúdo que vai para o ar serão detalhados a seguir. Por enquanto, trata-se aqui do impacto direto na rotina de trabalho do profissional pesquisado. Vitor Rosa, por exemplo, demonstra estar habituado, mas admite que o cenário pode assustar um repórter sem experiência:

Se ele não estiver preparado, vai ter que “pegar” na hora, vai acontecer, não existe uma preparação. Quando eu entrei aqui, não tinha essa preparação, foi acontecendo, vai pegando o ritmo, a rádio tem um ritmo muito acelerado e é meio que natural, as pessoas que entram aqui vão se adaptando. Tu pensas: como vou dar conta, vai faltar mão [...]. Acontece, as coisas fluem, meio que no caos, às vezes, mas acontece. (VITOR ROSA, 4 jun. 2018).

Ao encontro do que disse Rosa, o repórter Eduardo Paganella afirma que é preciso vencer algumas dificuldades impostas pela exigência de ter que segurar diferentes equipamentos para as transmissões:

É complexo, às vezes, de articular duas coisas ao mesmo tempo [...], mas a gente acaba se acostumando e pegando algumas técnicas para fazer uma boa transmissão, tanto no vídeo, quanto no áudio. O áudio, obviamente, é o primordial, mas a transmissão em vídeo precisa ter qualidade também. (EDUARDO PAGANELLA 7 jun. 2018).

A transmissão em áudio, fora do estúdio, é feita de três formas: (1) via Access; (2) aplicativo Tieline Report²⁵; (3) ligação telefônica. Alguns repórteres consideram o equipamento Access grande (ver fotos 9 e 10) e sentem-se incomodados em carregá-lo. Por isso, preferem utilizar o aplicativo Tieline Report, que tem função semelhante.

Anotações à caneta são raras. Praticamente tudo é escrito no celular ou no computador (ver figuras 10 e 11). Mesmo dentro da redação, quando precisa entrar no ar lendo, o repórter utiliza a tecnologia como aliada, descartando o papel: “Faz anos que não uso o bloco, aboli o bloco; minhas anotações são nos celulares, até aquelas anotações de coletiva, tudo no celular, quando não são direto nas redes sociais (EDUARDO MATOS, 7 jun. 2018).

²⁵ Pode ser instalado em celulares com sistema operacional Android e IOS. Permite transmissão de áudio com qualidade semelhante à de estúdio, utilizando a internet.

FIGURA 12: leitura de informações direto na tela do celular



Foto: Léo Saballa Jr

FOTO 13: Repórter Bibiana Dihl

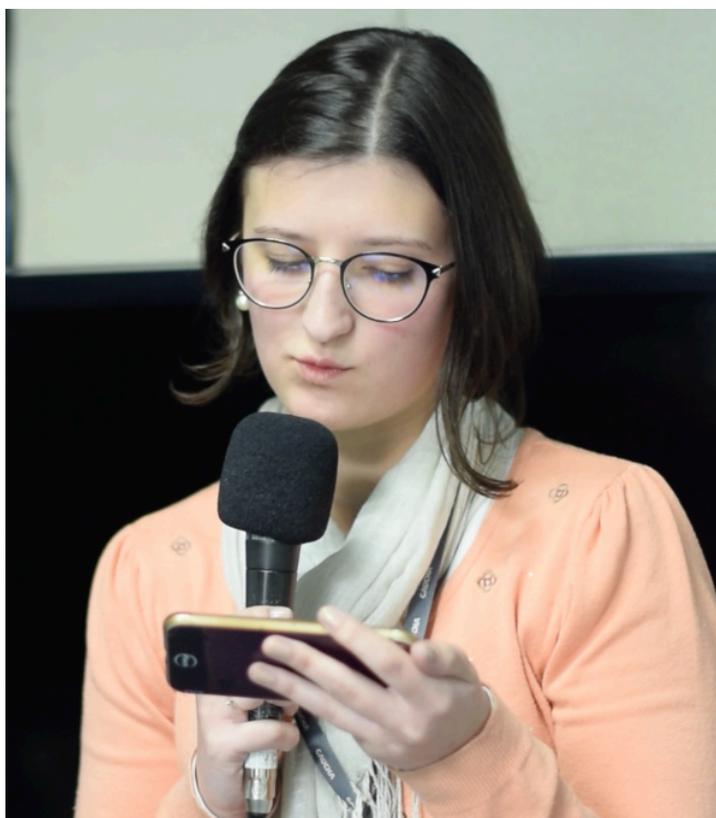


Foto: Léo Saballa Jr

FIGURA 14: Repórter Vitor Rosa

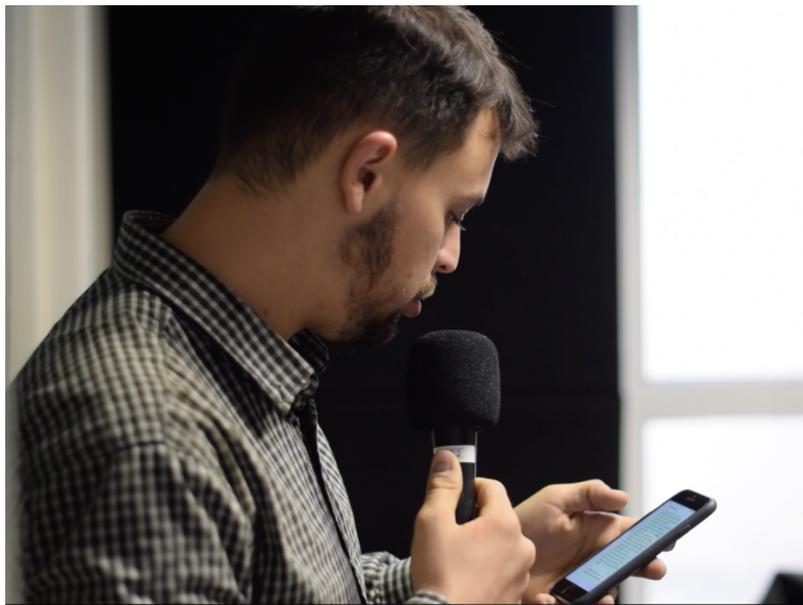


Foto: Léo Saballa Jr (2018)

Requer um destaque especial, ainda, a partir do constatado pela observação e pelas entrevistas, o uso intenso do *WhatsApp*. Ferramenta indispensável para os repórteres da Gaúcha, o aplicativo de conversas está instalado em todos os **smartphones** utilizados pelos profissionais. “É fonte de trabalho mais do que o telefone para ligação. Todas as minhas fontes, praticamente, eu falo por *WhatsApp*, sem ele [o aplicativo] seria um caos o dia”. (VITOR ROSA, 4 jun. 2018). Cid Martins também se mantém permanentemente conectado às mensagens que chegam a todo momento pelo aplicativo - a maioria, de autoridades policiais, que lhe informam, quase em tempo real, o andamento de investigações diversas. No entanto, apesar de fazer um uso constante do *WhatsApp*, ele defende com veemência, o contato pessoal entre o jornalista e as fontes.

Hoje em dia, muitas pessoas têm como fonte grupos de *WhatsApp*, ou nunca falaram pessoalmente com o policial, com a fonte. Os caras só falam no *WhatsApp*. O cara não vai passar uma informação quente. Quando tiver um rolo grande, ele não vai atender o telefone. Mas ele vai atender quando você for, e olha lá, ainda. Por que estou falando que isso é importante? Porque quando eu entro no ar com uma informação, depois que a polícia divulga, eu chego com o texto pronto, não vou precisar elaborar o texto para o site. (CID MARTINS, 6 jun. 2018).

Giane Guerra (4 jun. 2018) endossa a ideia de que o aplicativo é imprescindível.

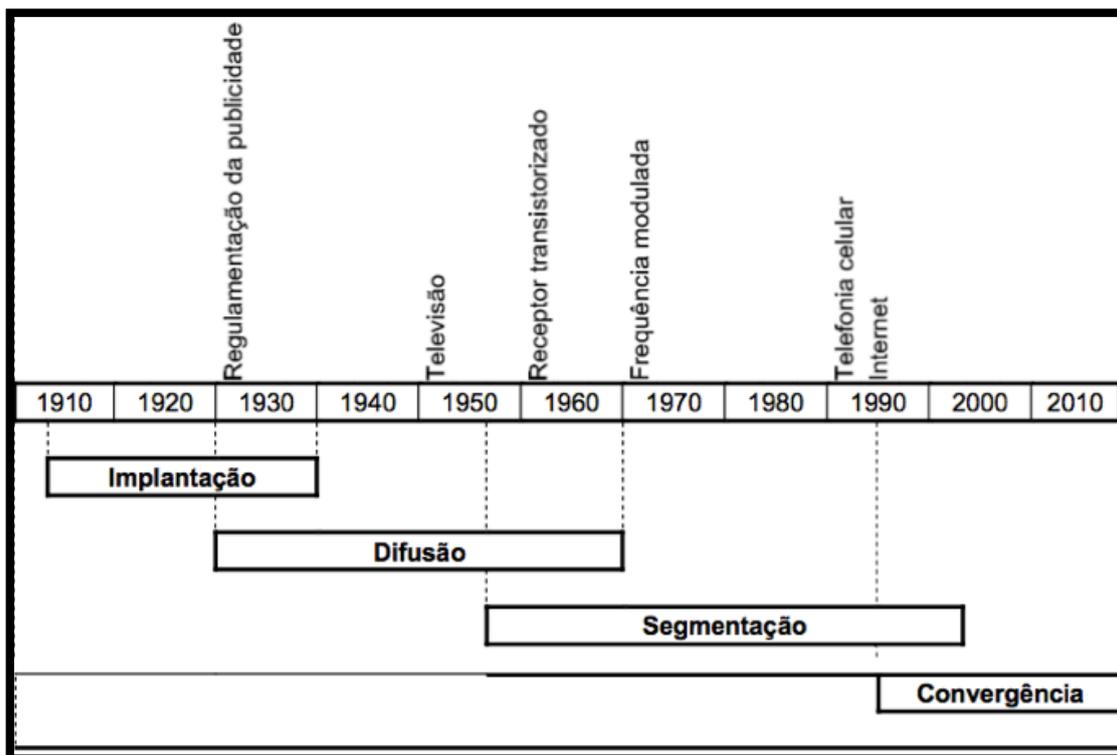
Relata que é por este canal que chegam as principais pautas, em meio a centenas de mensagens, diariamente. Há uma troca permanente de informações, com o envio de mensagens, também, pela repórter às fontes. O uso da ferramenta é tão frequente, que ela chega a fazer entrevistas por *WhatsApp*, com os entrevistados respondendo, através do recurso de gravação de áudio, a perguntas recebidas por escrito.

4.3.1 A reportagem na fase da segmentação

Partindo da proposta de periodização do rádio brasileiro (FERRARETTO, 2012), já descrita neste trabalho, detalha-se, a partir de agora, a chamada fase da segmentação, período anterior à fase da convergência. Apresentam-se, aqui, algumas características da época, reiterando o entendimento de que a comparação aparece como sendo inerente a qualquer pesquisa no campo das ciências sociais (SCHNEIDER; SCHMITT, 1998, p.49).

De forma geral, essa periodização apresenta-se da seguinte forma, conforme Ferraretto (2012):

TABELA 1



Fonte: (FERRARETTO, 2012, f. 6)

De 1950, quando a TV é introduzida no país, até meados da década de 1960, o

rádio brasileiro sofreu alterações significativas. Com o televisor na sala das casas, é estabelecida uma simulação diária de contato pessoal. É justamente neste ponto que Ferraretto (2012, f.13-14) entende surgir um novo protagonista para o rádio: o comunicador. Este, então, simula uma relação de proximidade com o ouvinte, em uma conversa constante e mais exclusiva, em meio à disseminação dos receptores transistorizados, como os rádios de pilha.

A massificação dos receptores portáteis a pilha vai permitir, assim, que o veículo se aproxime do cotidiano de públicos, para citar alguns, como as donas de casa, os motoristas de táxi, os torcedores de futebol e os estudantes universitários. Convertido, gradativamente em um bem de consumo barato, invade, ainda, as periferias e os morros das grandes cidades, onde se concentram, em virtude do êxodo rural, populações das classes C, D e E. (FERRARETTO, 2007, p.91).

Ferraretto (2012, f.14) aponta quatro fatores fundamentais na passagem para esta nova realidade:

(1) a sociedade de consumo que começa a se conformar em paralelo ao chamado Milagre Econômico Brasileiro, ao final do qual vai restar o crédito pessoal como forma consolidada de aquisição de bens;

(2) a população urbana superando a rural, de acordo com o censo de 1970, com 66% dos habitantes do país;

(3) a ascensão do jovem ao status de categoria social, ao longo da década de 1960;

(4) a revogação do Ato Institucional nº 5, em 31 de dezembro de 1978, e o processo de redemocratização do país, com a promulgação da nova Constituição Federal, em 1988, e as eleições presidenciais no ano seguinte.

O crescimento do jornalismo no rádio não foi um movimento global de mercado. O que ocorreu, segundo Ferraretto (2007, p.174), foi a segmentação de algumas emissoras a partir dos anos 1970, com mais espaço para notícias, debates e reportagens, que são detalhadas nesta pesquisa. Nesse sentido, conforme o autor, o marco principal é a adaptação, pela Gaúcha, à realidade do Rio Grande do Sul aos formatos norte-americanos **all-news** (modo exclusivo de notícias) e **all-talk** (preponderante na conversa).

Para auxiliar na pesquisa aqui proposta, é feito um resgate da estrutura tradicional da reportagem gravada, comum na fase da segmentação, descrita por Ferraretto (2014, p.164):~p

TABELA 2

Elementos básicos da reportagem radiofônica	
Cabeça	Introdução que resume o assunto a ser desenvolvido no texto. Corresponde ao lide ²⁶ da imprensa escrita.
Ilustração ou sonora	Trecho editado da entrevista realizado pelo repórter com a fonte.
Encerramento	Informação complementar. Em geral, acompanhada da identificação do entrevistado.
Assinatura	Local de onde a informação é transmitida e a identificação do repórter. Por vezes, inclui o nome do programa, o de um patrocinador ou um slogan da emissora.

Fonte: (FERRARETTO, 2014, p. 164)

Naquela fase, a rotina de trabalho do repórter era diferente da verificada na fase da convergência, como na coleta de informações:

[...] no final da década de 1980, (a) o repórter ia ao palco de ação do fato, coletava informações, ligava para a redação, passava dados que seriam convertidos em texto e entrava no ar, terminando, enfim, o seu trabalho; e (b) a tecnologia empregada englobava gravadores de fita, telefones fixos e unidades móveis com rádios em UHF para comunicação com a emissora e entrada ao vivo no ar (FERRARETTO, set.-dez. 2015, p. 226).

Eram comuns os pedidos de cuidados com as gravações. Na década de 1980, De Felice (1981, p.102) orientava ser preferível perder uma reportagem a levar ao ar uma gravação defeituosa, mesmo que um grande esforço tivesse sido empregado para a produção do material. A qualidade de áudio estava em primeiro lugar. Para evitar essa situação, recomendava atenção a algumas situações específicas:

De modo geral, três são as causas que podem determinar a gravação defeituosa: pilha fraca, gravador com defeito ou aparelho de ar condicionado funcionando no ambiente em que a gravação é realizada. Nos dois primeiros exemplos, o resultado pode ser uma gravação distorcida, com a voz de quem fala se arrastando, enquanto na terceira situação a consequência mais comum é um ruído na gravação que geralmente torna ininteligível o que está dizendo a pessoa entrevistada. (DE FELICE, 1981, p.102).

A respeito dos equipamentos utilizados naquela época, Ortriwano (1985, p.98) faz uma relação que inclui, além da máquina de escrever, gravadores “para que os repórteres possam realizar reportagens e entrevistas, que poderão ser colocadas no ar na íntegra ou

²⁶ A abertura do texto noticioso, aquela que resume os principais dados a respeito do tema abordado e tem a função de fisgar a atenção do público.

editadas”. A autora também descreve como se dava a transmissão ao vivo, do ponto de vista da tecnologia da época:

[...] para que a emissora possa transmitir diretamente do local do acontecimento, ao vivo, será necessário que ela disponha de unidades móveis de transmissão – as viaturas de FM – através das quais o repórter pode colocar no ar a sua informação no momento em que a está elaborando. (ORTRIWANO, 1985, p.98).

No período correspondente à fase da segmentação, era comum, também, a edição de manuais com orientações aos profissionais. Faz-se, aqui, uma breve consulta em alguns destes. No caso da Gaúcha, o manual de redação publicado em 1987 pedia ao repórter simplicidade na forma de transmitir a notícia, porém proibia saudações ao apresentador nas participações ao vivo.

Os repórteres participam da programação de duas maneiras básicas:

- 1) Com boletim, em média com 1 minuto de duração, ao vivo ou gravado, assinando sempre “Gaúcha, a Fonte da Informação, local e nome, a seguir”.
- 2) Com intervenções ao longo da programação, em diálogo ou não com apresentadores, sem tempo fixo. Nos dois casos, o repórter não deve começar com qualquer tipo de saudação [...], entrando direto na notícia. (RÁDIO GAÚCHA, 1987, f. 21).

No manual da emissora concorrente, editado nos anos 1970, os repórteres da Guaíba eram orientados para que, em uma transmissão ao vivo, combinassem com o apresentador os pontos nos quais poderia haver interrupção para perguntas. Havia, também, um alerta para a duração da participação. “Em casos normais, os boletins para o Agora²⁷ devem durar 3 minutos, no máximo. (RÁDIO GUAÍBA, 197-, p.).

Já na década de 1990, em um outro manual da Gaúcha, Luciano Klöckner (1997) sugere, genericamente, informalidade ao repórter que entra ao vivo, além de alertá-lo para a importância de fazer anotações a fim de dar-lhe mais segurança. Traz ainda detalhadas orientações para a reportagem gravada.

- 1) Escute a fita com a entrevista anotando as falas principais.
- 2) Faça um plano de edição (cabeça, fala do entrevistado, assinatura do repórter).
- 3) Na hora de escrever, preferencialmente, não diga no texto (cabeça) o que o entrevistado vai falar. Desperte no ouvinte o interesse pela declaração do entrevistado.
- 4) O som deve ser de ótima qualidade. Se ele estiver ruim, só deve ir ao ar se o depoimento for muito importante.

²⁷ Tradicional programa de radiojornalismo da Rádio Guaíba, criado em 14 de julho de 1975.

- 5) Identifique o entrevistado, no início, no meio e no fim da matéria pelo cargo e pelo nome completo.
- 6) Repita, sinteticamente, a principal informação ao final da reportagem ou boletim. (KLÖCKNER, 1997, p. 72).

Também em 1997, o manual do Sistema Globo de Rádio dá destaque para as reportagens gravadas, determinando, inclusive, a inclusão da sonora.

O motivo é óbvio. Passa, para o ouvinte, a certeza de que a emissora foi à fonte da notícia, o que aumenta sua credibilidade. O repórter, ou o redator, precisa obter harmonia entre o texto e a sonora. Devemos evitar uma redação burocrática da matéria. [...] O trecho de gravação do entrevistado que vai ilustrar a matéria precisa ser bem escolhido, para justificar sua inclusão na matéria. Existem duas opções: o detalhamento de uma informação importante contida na cabeça ou a apresentação de uma ou mais informações adicionais dentro da matéria. (SILVEIRA, 1997, p. 33-34).

No mesmo período, em 1998, a rádio Itatiaia, de Belo Horizonte, também lançava um manual, em que detalhava orientações para os repórteres. É um período no qual há uma sobreposição de datas na passagem da fase da segmentação para a convergência. Essas mudanças, ao longo de toda a periodização proposta, desenvolvem-se em meio a indícios de sua superação no futuro. (FERRARETTO, 2014, p.68). No entanto, destacam-se aqui características que remetem, ainda, à segmentação. “Editar, em rádio, exige criatividade e talento. O editor monta uma matéria depois de selecionar, ordenar e emendar trechos de gravação”. (CARVALHO, 1998, p.55). No mesmo manual, há um aviso para redobrar a atenção, caso a reportagem seja editada pelo próprio repórter. A recomendação é que passe, depois, pelo olhar do editor. No mesmo sentido, Maria Elisa Porchat (1989, p. 54), ao escrever o manual de redação da Jovem Pan do final da década de 1980, observa que, ao se optar pela reportagem gravada: “Perde-se a instantaneidade e um pouco da espontaneidade, em troca de tempo e de uma forma aperfeiçoada, já que a gravação permite que cortes e correções sejam feitos”. Além disso, em caso de entradas ao vivo do repórter, recomendava:

- (1) Antes de entrar no ar com reportagem ou boletim, instrua por escrito o apresentador a respeito do assunto de sua matéria. Isto é imprescindível.
- (2) Evite intimidades no ar com o apresentador do programa. Dirija-se sempre ao ouvinte. Chame o apresentador pelo nome completo. (PORCHAT, 1989, p.61):

Para aprofundar o estudo neste ponto, além da pesquisa em manuais, recorre-se a

gravações de programas da Gaúcha na fase da segmentação²⁸. Como não é habitual, nas emissoras, o arquivamento sistemático desse tipo de conteúdo, a análise é feita dentro do que for possível localizar, como um fragmento da edição do *Chamada Geral*, de 30 de julho de 1986. Aqui, encontra-se uma reportagem gravada, de Flávio Pereira, que aborda uma coligação partidária visando às eleições. Com duração de 2 min e 40 s, percebe-se que o repórter escreveu e gravou o texto. Há uma sonora com duração de 1 min e 9 s. O âncora João Carlos Belmonte lê a cabeça da reportagem:

- Pedessista²⁹ garante que coligação com PDT³⁰ visa aos interesses do Rio Grande do Sul. Os detalhes chegam através do repórter Flávio Pereira.

O repórter abre a reportagem:

- O vice-líder do PDS na Assembleia Legislativa, deputado Sérgio Ilha Moreira, entregou hoje à direção estadual do partido um documento pelo qual ele consente que seu nome seja examinado como candidato a vice-governador. (RÁDIO GAÚCHA, 30 jul. 1986).

O repórter utiliza parte de uma entrevista com o deputado citado, captada com um gravador. Na sequência, volta a citar o nome do entrevistado:

- Este foi o deputado Sérgio Ilha Moreira, vice-líder do PDS. (RÁDIO GAÚCHA, 30 jul. 1986).

No mesmo programa, há uma reportagem de Elódio Zorzetto, com 2 min e 9 s, também tratando da possibilidade de coligação entre o PDT e o PDS, além das articulações do PMDB³¹. Há duas sonoras: uma de 8 s, outra de 52 s. O apresentador lê a cabeça:

- Presidente do PDT gaúcho confirma acordo com o PDS para as próximas horas. No PMDB, é articulada a candidatura de Sinval Guazzelli para vice-governador. Repórter Elódio Zorzetto. (RÁDIO GAÚCHA, 30 jul. 1986).

O repórter abre o texto:

- Mais um dia de negociações para definir a aliança PDS e PDT. A assessoria jurídica dos dois partidos está reunida na assembleia analisando as recomendações legais para casos de coligação. (RÁDIO GAÚCHA, 30 jul. 1986).

²⁸ Parte do apresentado neste subcapítulo está no artigo *Alterações no formato da reportagem no programa Chamada Geral, da Gaúcha, de Porto Alegre: dos anos 1980 até a contemporaneidade* (FERRARETTO; SABALLA, 2018).

²⁹ Referência aos integrantes do Partido Democrático Social, atual Progressistas, após decisão de dirigentes do partido em agosto de 2017.

³⁰ Partido Democrático Trabalhista.

³¹ Atual Movimento Democrático Brasileiro. Após decisão de sua convenção, em dezembro de 2017, eliminou a palavra “partido” de sua denominação.

Mesmo que a reportagem trate de um fato que está acontecendo, o material é apresentado na forma gravada. É utilizada uma entrevista, captada usando gravador, com o presidente do PDT, Sereno Chaise, confirmando a aliança. Em seguida, o repórter acrescenta informações de uma outra reunião que estaria acontecendo. Mais uma vez, mesmo que o fato estivesse se desenrolando, a reportagem é apresentada na forma gravada. É utilizada ainda outra ilustração, a do deputado Lélcio Souza, vice-presidente do PMDB, falando sobre o possível candidato a vice-governador pelo partido:

- Não é preciso fazer grandes elocubrações, é o nome do ex-governador e ex-deputado, Sinval Guazzelli. (RÁDIO GAÚCHA, 30 jul. 1986).

Por fim, o repórter diz que o PFL³² vai definir, nos próximos dias, a composição da chapa majoritária.

Sete anos depois, para o *Chamada Geral* – Primeira Edição, de 26 de fevereiro de 1993, a repórter Nelcira Nascimento grava uma reportagem com duração de 2 min e 26 s, incluindo uma sonora de 1 min e 50 s. O assunto era uma reunião que ocorreria horas depois entre o então governador do Rio Grande do Sul, Alceu Collares, do PDT, e o senador gaúcho Pedro Simon, do PMDB:

- Alceu Collares e o senador Pedro Simon se reúnem ainda hoje na praia de Rainha do Mar a fim de debater financiamentos para recuperação das estradas federais do estado e os projetos para reforma da Constituição Federal de 88. No encontro, que acontece daqui a pouco, o governador vai entregar ainda ao senador uma carta destinada ao presidente Itamar Franco. (RÁDIO GAÚCHA, 26 fev. 1993).

Em termos de fala da repórter, há ainda a assinatura:

- Com informações sobre a reunião do governador Alceu Collares e o senador Pedro Simon, Nelcira Nascimento” (RÁDIO GAÚCHA, 26 fev. 1993).

Entre esses trechos, aparece o entrevistado gravado, ocupando 68% do total da reportagem. Alceu Collares explica os motivos para a conversa com o senador:

- Vou colocar esse problema das estradas, que ainda continuam nos enrolando, devemos colocar ainda o problema das nossas fronteiras [...], enfim, um conjunto de pleitos que o Rio Grande tem direito de ser beneficiado” (RÁDIO GAÚCHA, 26 fev. 1993).

Nos três exemplos citados, os repórteres, aparentemente, saíram da redação para a execução de seu trabalho. Em nenhum deles, por se tratar de material gravado, houve interação com o âncora no estúdio. Na época, era usual intercalar comentaristas entre as

³² Partido da Frente Liberal. Posteriormente, daria origem ao Democratas (DEM).

reportagens. Na edição do *Chamada Geral* de 26 de fevereiro de 1993, foram três: Cândido Norberto, Gilberto Simões Pires e José Barrionuevo. A propósito, neste mesmo programa, há um exemplo de como a velocidade da notícia era diferente. O programa, apresentado por João Carlos Belmonte, às 11 h da manhã, tinha como destaques de abertura as manchetes dos jornais impressos, com notícias do dia anterior, mesmo já estando próximo do horário de almoço:

- Bom dia. Onze horas e seis minutos, 26,8 a temperatura, começamos o *Chamada Geral*, primeira edição, com as manchetes dos principais jornais do Brasil e do exterior. *Zero Hora*: governo promete cortar dois bilhões e meio do orçamento. *Diário Catarinense*: plano de estabilização começa a ser definido [...] (RÁDIO GAÚCHA, 26 fev. 1993)

Nos anos 1980 e 1990, as participações ao vivo eram limitadas pela tecnologia existente. Uma alternativa para atualização das informações de trânsito, por exemplo, era conversar por telefone com o operador de plantão de uma cooperativa de táxi. Popular na década de 1990, este profissional, que tinha como função principal comunicar-se com a frota de táxi, fazendo a intermediação entre o taxista e o passageiro, ganhara uma nova atribuição, como podemos verificar no dia 26 de fevereiro de 1993. As informações eram repassadas ao vivo:

- Na Assis Brasil, sentido em direção ao centro, próximo ao Triângulo, nesse momento tem uma pequena retenção no trânsito devido a um caminhão que subiu em cima da mureta, aquela da divisória dos ônibus ali, tá sendo retirado. [...] (RÁDIO GAÚCHA, 26 fev. 1993).

O então coordenador de Jornalismo da Gaúcha, Claudio Moretto (20 jan. 2017), explica que os repórteres usavam equipamentos transeptores de mão ou em unidades móveis. A antena estava instalada na torre da RBS TV, no morro Santa Tereza. Segundo Francisco Paulo Bisogno (21 jan. 2017), responsável pelas transmissões externas da Gaúcha: “Funcionava, só que a qualidade de áudio era muito ruim”. Uma alternativa era o uso de telefones privados ou públicos. Repórter na época, Oziris Marins (20 jan. 2017) conta que, no começo da década de 1990, quando estava na rua, por vezes, recorria ao uso de orelhões e, a pedido do apresentador, fazia até enquetes com pessoas que passavam por perto. Relata que costumava circular por órgãos públicos em busca de pautas. Desses locais, muitas vezes, suas participações eram feitas em telefones fixos.

O meu dia era ir para a Assembleia Legislativa, passar pelos tribunais, o de Contas e o da Justiça, e ali eu tinha pautas específicas, mas poderia gerar outras, acabar mudando, caso surgisse algo nas comissões. Eu pegava muita coisa em comissão da Assembleia. O Macedo (apresentador do *Chamada Geral*) não gostava de política, e se eu ficasse na política, não entrava no ar. E eu queria entrar no ar duas, três, quatro vezes, quantas vezes desse, né? (OZIRIS MARINS, 20 jan 2017).

As rádios possuíam cabines na Assembleia Legislativa com linhas de transmissão para facilitar o trabalho do repórter. Oziris Marins resume, na sua visão, como era a forma de trabalhar da geração de repórteres do começo dos anos 1990: “a gente corria atrás da notícia, a gente sentia prazer em colocar uma notícia, em primeira mão, no ar”. (20 jan. 2017).

4.3.2 A reportagem na fase da convergência

Um permanente **breaking news**. É assim que o gerente de jornalismo da Gaúcha conceitua o trabalho feito pelos repórteres da emissora. (DANIEL SCOLA, 5 jun. 2018). Nos cinco dias de observação, percebeu-se, de fato, um ambiente de constante movimento, uma redação ruidosa, com profissionais entrando no ar a todo instante, passando o microfone de mão em mão.

FIGURA 15: Passagem de microfone na redação



Foto: Léo Saballa Jr (junho, 2018).

Daniel Scola defende a ideia de participações sempre ao vivo pela reportagem, buscando, quando possível, transmitir a informação de modo conversado, dialogado e atualizado.

O ao vivo fornece todos estes elementos que, para nós, são fundamentais para garantir que a informação esteja atualizada, que o ouvinte

esteja conectado e que nós estabeleçamos uma conexão com o ouvinte que é muito importante. Essa mudança não aconteceu de uma hora para outra, não foi abrupta, ela foi se transformando ao longo do tempo, ela foi adquirindo esses contornos ao longo do tempo (DANIEL SCOLA, 5 jun. 2018).

Scola (5 jun. 2018) ressalta que, se o repórter parar para editar um material antes de ir ao ar, há o risco de que as informações fiquem desatualizadas. Lembra que, em anos anteriores, a repercussão de um determinado assunto apurado por um repórter levava horas para acontecer. Para exemplificar, cita, hipoteticamente, uma entrevista coletiva do governador:

Como ele fazia? Ia lá, gravava entrevista, talvez entrasse com boletim e botava uma gravação. Essa entrevista coletiva tinha uma repercussão, a informação da entrevista se mantinha a mesma durante algumas horas, até chegar nos debates da Assembleia Legislativa, até chegar na rua e ter uma reação da população. Demorava um tempo, cinco ou seis horas, talvez um dia inteiro, e lá à noite nós tínhamos uma repercussão. Então, nós tínhamos um boletim que poderia ser rodado duas ou três vezes ao longo do dia. Como é que é hoje? Governador está falando lá e, ao mesmo tempo que ele está falando para todas as emisoras, ele está no Facebook live dele, captando imediatamente a interação com o público dele, o deputado está tuitando, os assessores estão passando informação. E essa reação é imediata, então a coletiva do governador, e o que está dizendo agora tem uma repercussão imediata, que exige uma atualização em tempo real. (DANIEL SCOLA, 5 jun. 2018).

Nas palavras de Scola, ainda usando o exemplo da coletiva do governador, o público já está acostumado a buscar saber quais as reações dos políticos envolvidos na notícia. Para o gerente de jornalismo da emissora, essa velocidade dá ainda mais relevância para o rádio. “Porque o rádio é o único que consegue fazer tudo isso ao mesmo tempo, ao vivo, conversando com as pessoas e contando os fatos na medida em que vão acontecendo”. (DANIEL SCOLA, 5 jun. 2018). No mesmo sentido, o apresentador Antônio Carlos Macedo considera que o rádio sai fortalecido em meio a essas mudanças, já que as notícias circulam mais rapidamente. Ele cita a popularização das redes sociais e do *WhatsApp*, criando um ambiente de mais agilidade nas transmissões: “Essa participação ao vivo busca justamente mostrar que o rádio continua sendo o meio mais rápido, eficiente, direto e mais instantâneo”. (ANTÔNIO MACEDO, 6 jun. 2018).

Porém, isso nem sempre acontece do local onde o fato está acontecendo. Con-

forme Macedo, nestes casos, há uma instantaneidade que é a do momento em que a informação é obtida:

Porque quando o repórter conversa, por exemplo, com o secretário da Fazenda e descobre, naquele momento, que o salário a ser depositado no dia seguinte atende à faixa de mil e quinhentos reais, ele traz isso instantaneamente aqui. Se ganhou em velocidade, né? Bem diferente do que era no passado, quando o repórter ligava, gravava, montava um texto, preparava e, daqui a pouco, a gente iria chamar e entrava o boletim. Para os padrões da época, era o que a gente tinha, não se discute, mas hoje soa quadrado, soa defasado, né? (ANTÔNIO MACEDO, 6 jun. 2018).

O repórter Cid Martins defende que é preciso adaptar-se à realidade do ao vivo permanente, buscando ser objetivo no ar, considerando a premissa de que é melhor a audiência sentir vontade de ouvir mais, a correr o risco de deixá-la perdida nas informações: “Acho que hoje é outro tempo, e as pessoas, hoje, estão fazendo tantas coisas ao mesmo tempo [...]. Então, tu tens que ser rápido, tens que sintetizar. Se começar a explicar muito, a pessoa vai perder (CID MARTINS, 6 jun. 2018). Macedo (6 jun. 2018) pondera, no entanto, que esta ideia de um **breaking news** permanente faz com que a notícia precise ser corrigida, com frequência, ao longo do dia.

Se leva, em muitos momentos, a notícia em construção. Ela pode ir e voltar, ir e voltar. Quantas vezes a gente é obrigado a modificar uma informação? Mas é uma informação de fundamento. Delegado, de repente, diz: “olha, acho que chegamos a um suspeito”. Depois: “olha, não chegamos em um suspeito”. Esse vai e vem, até chegar na notícia definitiva é comum. (ANTÔNIO MACEDO, 6 jun. 2018).

Dentro dessa rotina sem gravações, Giane Guerra relata que abandonou as regras básicas de elaboração de um boletim de rádio. O uso de sonorais, por exemplo, foi praticamente descartado pela profissional. O recurso seria utilizado em alguma situação considerada relevante, como por exemplo uma eventual declaração do ministro da Fazenda anunciando a queda do preço da gasolina. Neste caso, talvez, a sonora fosse utilizada, segundo a profissional, se houvesse tempo de fazer a edição. A repórter entende que esta orientação, de que se faça tudo ao vivo, facilita o trabalho. “Tu gravas toda uma sonora, aí tem que ouvir a entrevista de 5 minutos e depois selecionar lá os 15 segundos. Isso aí demandava muito trabalho”. (GIANE GUERRA, 4 jun. 2018).

Por outro lado, Eduardo Matos (7 jun. 2018) apresenta uma posição crítica quanto ao abandono das sonorais. “A gente está deixando de polir aquela entrada no rádio, então acho que isso aí, na minha opinião, acabou ficando um pouco pior”. Ele cita um exemplo

hipotético de uma cobertura na Assembleia Legislativa:

As pessoas não estão podendo falar ao vivo, porque elas estão no plenário, os deputados, tá? Aí você chama um, chama outro e chama outro. Pega três posições legais, uma do governo, uma da oposição e outra de quem está indefinido. E coloca elas no ar no momento que você entra no ar. Hoje em dia, não dá para fazer isso, porque não dá tempo de cortar essas sonoras. Porque tu estás toda hora nas redes sociais abastecendo. Então não há mais tempo para isso, como se tinha antes. (EDUARDO MATOS, 7 jun. 2018).

Outro elemento básico da reportagem, a cabeça lida pelo apresentador para chamar o boletim, que se configura, como já dito, na introdução do assunto a ser desenvolvido, também é deixada de lado pelos profissionais da Gaúcha. O apresentador Antônio Carlos Macedo (6 jun. 2018) afirma que busca ser objetivo e, muitas vezes, diz que chama o repórter com uma ou duas palavras, apenas. “Antigamente, tudo tinha que ter uma frase com começo, meio e fim. Para os padrões da época, era uma coisa normal”.

Com as participações ocorrendo predominantemente ao vivo, aventa-se a possibilidade de que se estabeleça um ambiente de coloquialidade na transmissão das notícias. Macedo (6 jun. 2018) entende que isso, de fato, esteja ocorrendo. “Hoje é conversa. Estamos conversando com as pessoas, e essa conversa é que realimenta o processo. Se eu fizer uma coisa distanciada do público não vai chegar nas pessoas”. Scola (5 jun. 2018) considera o tom de informalidade importante, porém faz uma ressalva: “O nosso desafio aqui é modular. É não ser tão formal que possa significar um distanciamento, uma frieza em relação à notícia, mas não tão informal que possa significar, assim, uma mensagem de desprezo que a gente está fazendo”. Sobre a elaboração de um boletim utilizando os elementos básicos, como cabeça, sonora e assinatura, Scola considera algo ultrapassado.

Nós temos que ter o desprendimento que as coisas mudaram. Que aquilo que foi feito lá atrás era o modelo, era o formato, foi assim que a Gaúcha cresceu. Só que, ao mesmo tempo, nós temos profissionais com perfis completamente diferentes agora, com uma demanda completamente diferente, com uma geração de conteúdo editorial completamente diferente e uma distribuição que é completamente diferente também. Trata-se, apenas, de dois modelos diferentes. Não que aquele modelo não serviu, muito pelo contrário, foi fantástico. Só que a forma como a gente fazia jornalismo comparada com agora é completamente diferente. (DANIEL SCOLA, 5 jun. 2018).

Nessa lógica de transmitir a notícia de improviso, o repórter de trânsito, Eduardo Paganella (7 jun. 2018) afirma que não escreve texto para as participações ao longo da

programação: “99% das vezes que eu entro no ar, eu entro sem papel, sem escrever, entro com as informações que a gente acaba guardando na cabeça”. O colega Eduardo Matos (7 jun. 2018) também não escreve, quando é uma pauta que ele domina: “eu faço algumas anotações para lembrar, apenas, o que eu preciso falar. Mas é uma coisa absolutamente conversada”. Apesar de concordar, de forma geral, com as mudanças na forma de trabalhar do repórter na fase da convergência, Matos questiona o fato de as reportagens especiais, também, serem feitas ao vivo.

Por que uma reportagem especial que você levou seis meses para fazer precisa entrar sempre ao vivo, porque o formato é conversado? Por que isso? Existe uma pesquisa que diga que o ouvinte prefere o conversado? Bom, se existe, tudo bem, eu estou errado e abro mão dessa observação. Mas eu ainda acho que é muito melhor você usar três minutos bem editados, com uma boa trilha que atraia o ouvinte, com sonoridades mais pensadas, mais elaboradas, trechos que chamem a atenção e até *sobe som* de uma sirene, um barulho de caminhão de lixo. Então, prende o ouvinte muito mais do que ficar 10 minutos falando com o apresentador ao vivo

No entanto, a regra do ao vivo vale, inclusive, para as reportagens especiais, conforme o gerente de jornalismo da emissora, Daniel Scola:

As pessoas não param mais para ouvir uma série durante cinco dias. Tu não podes mais correr o risco de o cara falhar um dia e não acompanhar toda a tua série. E no ritmo que a gente vive, no ritmo que a gente produz conteúdo, no ritmo que a gente implementou a nossa rotina aqui, tu não podes mais te dar ao luxo de concentrar esforços monumentais em cima de uma série, e eu não estou desmerecendo série de reportagens, está aqui alguém que fez muitas séries de reportagens [...]. Eu acredito que trazer o repórter para contar a história é mais importante, do que ele ficar horas dentro de um estúdio bolando o quão bonitinho vai ser a matéria. (DANIEL SCOLA, 5 jun. 2018).

O repórter Cid Martins (6 jun. 2018), que tem uma longa experiência em produzir reportagens especiais, alega que foi convencido de que gravar esse tipo de material é algo ultrapassado. Admite, porém, que não foi uma aceitação simples. “Eu tive uma dificuldade para aceitar isso, mas aí é uma questão jornalística. O jornalista que já está fechado para algo, então larga a profissão [...]. A rádio é ao vivo, hoje, cada vez mais ao vivo”.

Para confirmar as declarações dos profissionais e o que foi verificado na observação feita na redação da Gaúcha, optou-se, como já explicado, por fazer uma contagem das participações de repórteres ao longo da programação, dividindo-as, primeiro, entre as que são ao vivo e as gravadas. O período, reitera-se, é entre os dias 4 e 8 de junho de

2018. Após escuta de, aproximadamente, 52 horas, com acompanhamento dos roteiros de cada programa, o estudo chegou a este resultado:

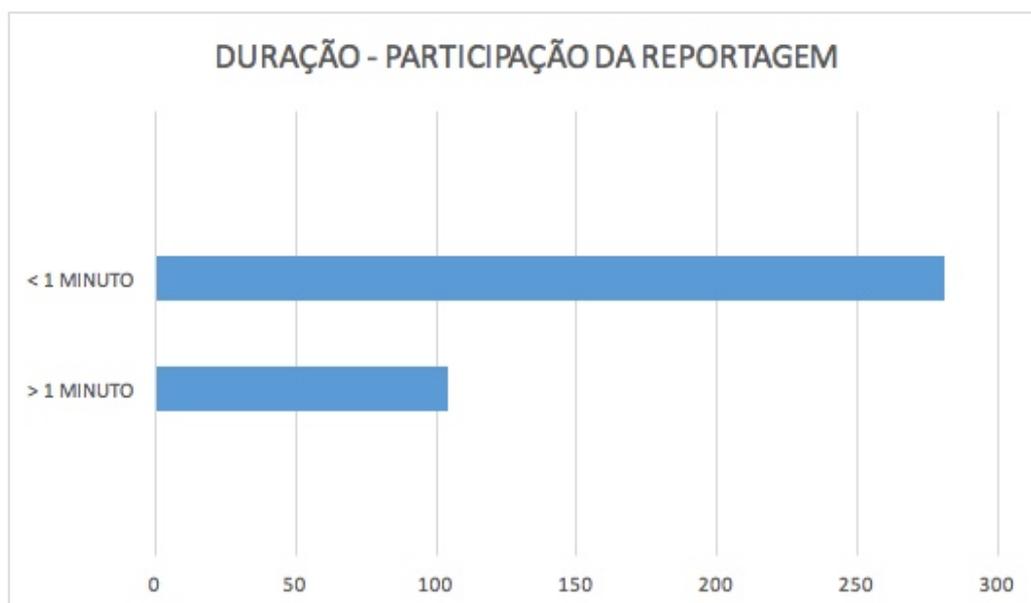
GRÁFICO 2: participações de repórteres ao vivo x gravado



Fonte: elaboração própria.

Confirma-se que, de fato, há um predomínio absoluto das participações ao vivo da reportagem da Gaúcha, ao longo da programação. No período, foram contabilizadas 385 inserções de repórteres, sendo que 342 foram ao vivo e 43, gravadas. O detalhamento sobre essas participações em cada programa será feito a seguir. A coleta dos dados inclui, ainda, a duração dessas participações. Optou-se por dividir entre as que duraram mais de um minuto e as que tiveram até um minuto. Tem-se o seguinte resultado:

GRÁFICO 3: duração das inserções de repórteres

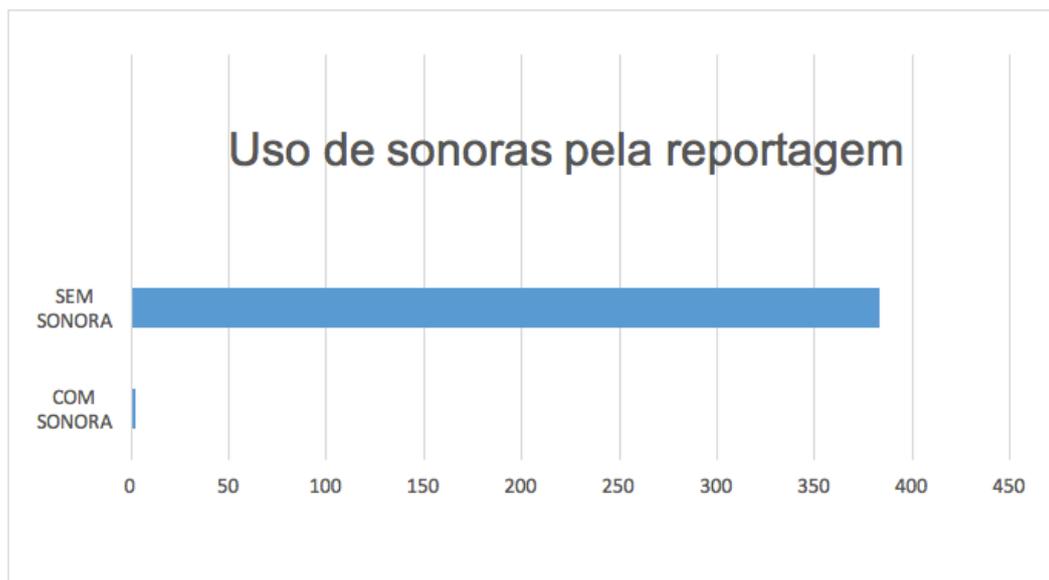


Fonte: elaboração própria.

Verifica-se que, no período, a maioria das inserções da reportagem não ultrapassou um minuto: foram 281, contra 104 que tiveram mais que um minuto de duração.

Uma terceira análise mostra outro ponto de destaque abordado no contato com os profissionais: o uso de sonoras. O gráfico a seguir ilustra a confirmação de que, na Gaúcha, este elemento, considerado em outros tempos como básico na reportagem, caiu em desuso. Das 385 participações de repórteres, em apenas duas foram usadas sonoras. Em um terceiro caso, a repórter entrou no ar com um entrevistado, ao vivo. A descrição desta, e de outras participações da reportagem da Gaúcha, será feita ao longo do trabalho.

GRÁFICO 4: Uso de sonoras pela reportagem



Fonte: elaboração própria.

Constatou-se, ainda, pela escuta das gravações, que a assinatura do repórter, também considerada um elemento básico do boletim de rádio, foi deixada de lado. Com a dispensa do gráfico, neste caso, registra-se que, das 385 participações, em apenas dois casos gravados, houve a assinatura.

Ressalta-se, porém, que as transformações identificadas nesta pesquisa não ocorreram imediatamente na passagem para a fase da convergência, como já referido. Apenas para ilustrar como exemplo, buscou-se a gravação de um programa *Chamada Geral* de 28 de fevereiro de 2007, já na fase da convergência, porém 11 anos atrás. A maioria das inserções de repórteres, como se vê no quadro, é apresentada da forma gravada e com uso de assinatura, conforme regras que apontam os elementos básicos da reportagem de rádio:

TABELA 3

CHAMADA GERAL – 28 de fevereiro de 2007.				
INSERÇÕES	GRAVADAS	AO VIVO.	SONORA.	ASSINATURA
14	11	3	3	13

Fonte: elaboração própria

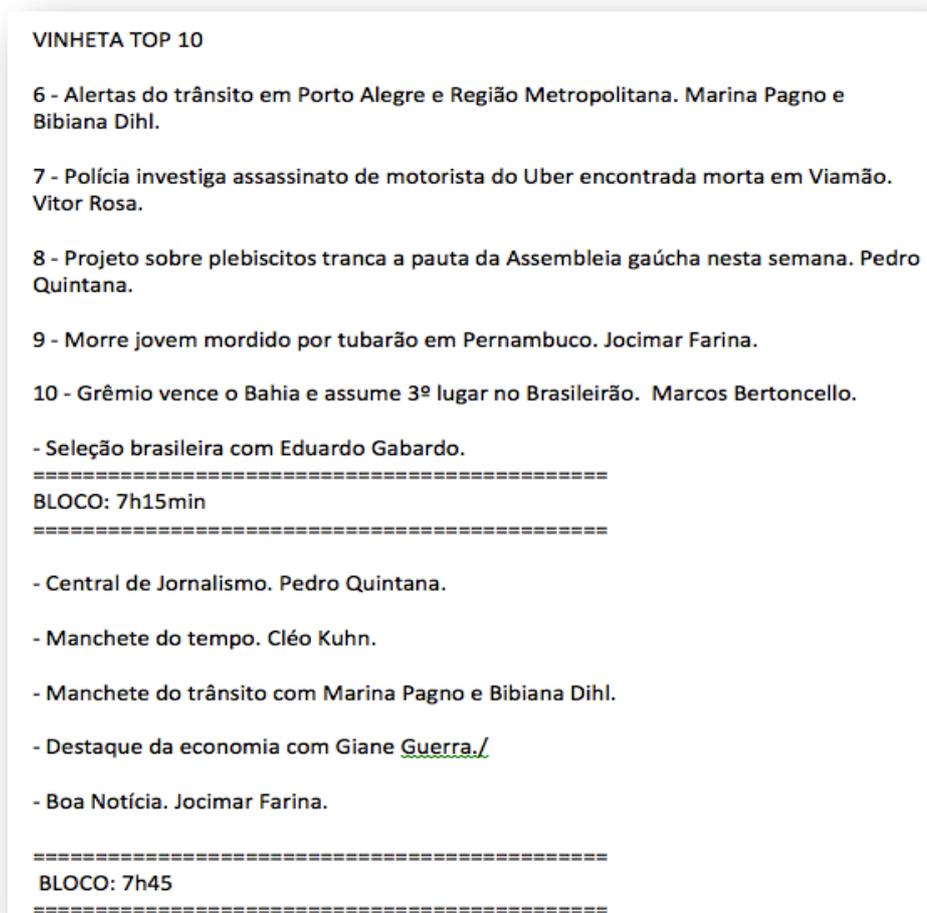
A partir da exposição dos resultados, de modo geral e resumido, parte-se, agora, para o detalhamento do conjunto de participações da reportagem da Gaúcha, programa a programa, com a descrição e transcrição de fragmentos e reportagens na íntegra obtidos

pelas gravações feitas ao longo do período.

4.3.2.1 *Gaúcha Hoje*

De segunda a sábado, o *Gaúcha Hoje* vai ao ar das 5 às 8h da manhã e tem como apresentador principal Antônio Carlos Macedo. São integrantes fixos, também, no estúdio, o repórter Jocimar Farina e o meteorologista Cléo Kuhn. Tem constante participação de repórteres ao vivo e leitura de mensagens enviadas pelos ouvintes por *WhatsApp*. Ao longo do programa, de nove blocos, destacam-se as informações de trânsito, dadas por profissionais que circulam nas ruas durante todo o tempo. As participações da reportagem costumam ser rápidas, principalmente a partir das 6h da manhã, como serão mostradas a seguir. As notícias não são dadas somente pelos repórteres, mas também por editores e produtores.

FIGURA 16: Fragmento de roteiro do *Gaúcha Hoje*



Fonte: Rádio Gaúcha

As poucas participações gravadas são verificadas na abertura do programa, entre

5 e 5 h 30 min da manhã. São breves destaques deixados pelos repórteres na noite anterior. Porém, após este horário, é tudo ao vivo. Outra característica a ser ressaltada é o ritmo acelerado do programa, ditado, principalmente, pela trilha agitada, mesmo antes das 6 h da manhã. Na edição do dia 4 de junho de 2018, às 5 h 23 min, o apresentador Antônio Carlos Macedo aciona a repórter de trânsito Marina Pagno:

- Tem um acidente de trânsito que deixa parte de Porto Alegre sem luz, vamos saber onde é com a Marina Pagno. Bom dia, Marina!

A repórter responde, em tom de conversa:

- Oi, Macedo, muito bom dia. Bom dia a todos do *Gaúcha Hoje*. Uma baita semana, que seja uma semana de paz, só coisas boas para todo mundo. Já estamos aqui nas ruas da cidade, eu e a motorista Ana Cristina. Neste momento, 11 graus e meio aqui no termômetro do estúdio móvel da *Gaúcha*. A gente está agora, Macedo, aqui, no trecho entre a zona leste e a zona sul da capital, na rua Intendente Alfredo Azevedo. Aqui, mais cedo, por volta das quatro horas e meia da manhã, uma caminhonete Mitsubishi, com placas aqui de Porto Alegre, uma caminhonete prata, bateu em um poste aqui da rua, bem próximo do cruzamento com a rua São Miguel, bairro Glória, esse ponto aqui. O poste é de madeira e, por isso, ele ficou totalmente destruído, e o acidente acabou gerando uma queda de luz em parte, aqui, da região dos bairros Glória, coronel Aparício Borges e, também, afeta alguns locais no bairro Partenon [...]. (RÁDIO GAÚCHA, 4 jun. 2018).

Como havia uma ocorrência de acidente em andamento e ainda estava no começo do programa, foi uma participação que chegou a 2 min 15 s de duração. No entanto, no restante do programa, a maior parte das inserções não dura mais que 1 min, como esta da repórter Bibiana Dihl, às 6 h 15 min. Ela acompanha a movimentação do trânsito de veículos na região metropolitana de Porto Alegre. Foram apenas 20 s, transcritos na íntegra:

- A semana começa sem ocorrências nas principais rodovias aqui da região metropolitana, também sem pontos de manifestação³³. Conforme a PRF e, também, o Comando Rodoviário da Brigada Militar, não houve acidentes graves durante a madrugada e, aos poucos, começa a aumentar o número de veículos em algumas rodovias, principalmente na RS 040, em Viamão. Região metropolitana sem pontos de neblina nesta manhã.

³³ A reportagem destacou a não ocorrência de manifestação em razão do ambiente vivido poucos dias do encerramento da greve de caminhoneiros que havia afetado fortemente o abastecimento de combustível nos postos.

(RÁDIO GAÚCHA, 4 jun 2018).

No programa do dia 6 de junho de 2018, o repórter Vitor Rosa entrou no ar ao vivo, da redação, com informações, apuradas por colegas, sobre um incêndio. A participação dele ocorre apenas 15 min depois de chegar à emissora, algo corriqueiro, segundo depoimento dado durante a entrevista já apresentada neste trabalho. Eram 6h 14 min:

- O corpo de bombeiros trabalha, desde a última noite, para extinguir um incêndio em um depósito de reciclagem, em Alvorada, na região metropolitana. O local atingido pelas chamas fica na rua Luciana de Abreu, bairro Intersul. Não há registro de feridos. Até às 5 h da manhã, pelo menos, oito caminhões já tinham saído do corpo de bombeiros de Alvorada, cada um com 5 mil litros d'água. (RÁDIO GAÚCHA, 6 jun. 2018).

A transcrição é de toda a inserção, que durou apenas 20 segundos. O repórter participa, ainda, outras três vezes ao longo do programa, com mais dois assuntos diferentes. Os dois na área policial. Às 6h 38 min, 24 min depois da primeira entrada, o apresentador chama:

- Teve tiroteio ao lado de estação do Trensurb, na região metropolita. Onde, Vitor Rosa?

O repórter responde:

- Em São Leopoldo, Macedo, exatamente ao lado da estação São Leopoldo do Trensurb. A gente acabou de receber a informação da Brigada Militar de que houve um homicídio lá no local. Como é bem próximo da estação do trem, as pessoas que estavam aguardando o trem para vir, para se deslocar, acabaram ouvindo esses disparos e acabaram, também, ligando para a Brigada Militar e nos avisando do que ocorreu lá. Foram cerca de 10 tiros, e foram disparados por um homem contra a vítima deste homicídio, que ocorreu ao lado da estação do Trensurb. A vítima não foi identificada ainda. A Brigada Militar está enviando viaturas para o local agora, para tentar ver se vai conseguir prender este suspeito do crime. A gente tem informações que foi ao lado da estação do trem, em São Leopoldo, Macedo. (RÁDIO GAÚCHA, 6 jun. 2018).

Nesta participação, de 48 s, a notícia foi repassada de improviso, sem texto escrito. Por este motivo, supõe-se, há a repetição de informações, como a citação do local do crime. Priorizou-se, aqui, a agilidade, o que vai ao encontro do dito nas entrevistas feitas neste trabalho.

No dia 7 de junho de 2018, às 6h 9 min, o repórter Cid Martins entra no ar, ao vivo, com informações de uma pauta que foi trabalhada dentro do GDI, o Grupo de Investigação da RBS. Mesmo sendo um assunto exclusivo, foram usados apenas 50 s para a participação, chamada assim pelo apresentador:

- Vigias aplicaram mais de 100 multas de trânsito irregulares em Sapucaia do Sul, Cid Martins.

Da redação, o repórter entra:

- Ao todo, foram 137 autos de infração que o GDI, Grupo de Investigação da RBS, conseguiu confirmar e que foram emitidos por servidores que não estavam habilitados para atuarem na fiscalização de veículos. Os vigias de patrimônio, mesmo sem concurso e, apenas, com uma lei municipal, passaram a ter uma nova designação, o que tornou os autos de infração irregulares [...]. (RÁDIO GAÚCHA, 7 jun. 2018).

Por enquanto, não se busca, nesta parte do trabalho, detalhar os gêneros jornalísticos em que se enquadram as participações da reportagem. Procura-se demonstrar, agora, com exemplos, as participações ao vivo que se apresentam de forma curta e, como já referido, com até um minuto de duração. No *Gaúcha Hoje* do dia 8 de junho de 2018, o repórter Gabriel Jacobsen é acionado, às 6h 13 min, para falar sobre o pagamento do funcionalismo:

- A secretaria da Fazenda do estado projeta quitar uma nova faixa do salário de maio do funcionalismo até segunda-feira, diante da perspectiva de ingresso de grandes valores relativos ao ICMS, da substituição tributária e de combustíveis. (RÁDIO GAÚCHA, 8 jun. 2018).

A participação de Jacobsen durou 53 s. Tanto nesta inserção, quanto nas outras aqui exemplificadas, não foram usadas sonoras. A propósito, ao longo de toda a semana pesquisada, a reportagem do programa *Gaúcha Hoje* não utilizou nenhuma sonora.

Após apresentar gráficos que ilustraram, de modo geral, a reportagem ao longo de toda a programação de jornalismo da Gaúcha, faz-se, a partir de agora, um detalhamento de cada programa, através de tabelas, correspondentes a cada um dos dias pesquisados.

TABELA 4

SEGUNDA-FEIRA – 31 inserções de repórteres.				
AO VIVO	GRAVADA	ATÉ 1 MIN.	+ DE 1 MIN.	SONORA
31	0	26	5	0

Fonte: elaboração própria

TABELA 5

TERÇA-FEIRA – 34 inserções de repórteres.				
AO VIVO	GRAVADA	ATÉ 1 MIN.	+ DE 1 MIN.	SONORA
27	7	29	5	0

Fonte: elaboração própria

TABELA 6

QUARTA-FEIRA – 29 inserções de repórteres.				
AO VIVO	GRAVADA	ATÉ 1 MIN.	+ DE 1 MIN.	SONORA
23	6	26	3	0

Fonte: elaboração própria

TABELA 7

QUINTA-FEIRA – 31 inserções de repórteres.				
AO VIVO	GRAVADA	ATÉ 1 MIN.	+ DE 1 MIN.	SONORA
23	8	27	4	0

Fonte: elaboração própria

TABELA 8

SEXTA-FEIRA – 28 inserções de repórteres.				
AO VIVO	GRAVADA	ATÉ 1 MIN.	+ DE 1 MIN.	SONORA
24	4	25	3	0

Fonte: elaboração própria

Reitera-se, a partir dos dados apresentados, que foram consideradas, apenas, inserções de repórteres, excluindo da análise, portanto, as falas de editores e produtores. Apenas na segunda-feira, conforme as tabelas, não há registro de participação de repórteres gravados, tendo em vista que o dia anterior foi um domingo, cuja programação é diferenciada, com menos profissionais no departamento de jornalismo, que se dividem em escalas de plantão nos finais de semana.

4.3.2.2 *Gaúcha Atualidade*

O *Gaúcha Atualidade* vai ao ar de segunda a sexta-feira, das 8 h 10 min às 10 h. São três apresentadores, sendo dois em Porto Alegre, Daniel Scola e Rosane de Oliveira, e uma em Brasília, Carolina Bahia. A participação da reportagem é eventual, exceto para fornecer as informações de trânsito, que são permanentes. Estruturado em entrevistas, o programa trata, prioritariamente, de assuntos de política. No entanto, pautas gerais, do cotidiano, também têm ganhado espaço ao longo dos cinco blocos em que é dividido.

FIGURA 17: Fragmento de roteiro do *Gaúcha Atualidade*³⁴

GAÚCHA ATUALIDADE
SEGUNDA-FEIRA, 4 DE JUNHO DE 2018

=====

BLOCO 8h15

=====

+ ENTREVISTA: Ministro da Segurança, Raul Jungmann nega possibilidade de nova greve de caminhoneiros
TAGS: gaucha gaucha-atualidade daniel-scola rosane-de-oliveira carolina-bahia
PLAYLIST: Atualidade + Notícias
TEC: VIVO

=====

BLOCO 8h40

=====

* Trânsito.// MARINA PAGNO
TEC: VIVO ACCESS

+ ENTREVISTA: Secretário da Fazenda do RS, Luiz Antônio Bins fala sobre impacto da greve dos caminhoneiros
TAGS: gaucha gaucha-atualidade daniel-scola rosane-de-oliveira carolina-bahia
PLAYLIST: Atualidade + Notícias
TEC: VIVO 9 859

* Tempo.// CLÉO KUHN
TEC: VIVO

* Teaser do Esporte.// PEDRO ERNESTO DENARDIN
TEC: VIVO

=====

NHC 9h + INTERVALO

=====

- Virada da Hora - o que já foi notícia e o que ainda vem por aí!

* Daniel Scola
TEC: VIVO ESTÚDIO

Fonte: Rádio Gaúcha

No programa do dia 4 de junho de 2018, às 9h 51 min, o apresentador Daniel Scola aciona o repórter André Fiedler, da Gaúcha Serra, para informar sobre suspeitas de irregularidades no Plano Diretor de Bento Gonçalves.

- Vamos à serra, tem operação do Ministério Público Estadual na serra gaúcha. E é uma devassa na Câmara de Vereadores, hein, André Fiedler? Bom dia!

³⁴ Neste, e em outros roteiros aqui publicados, os números de telefones foram suprimidos parcialmente, para evitar a divulgação inapropriada dos contatos utilizados pela produção dos programas.

Responde o repórter, em tom informal:

- Isso, Scola, bom dia, bom dia a todos. É a operação um meia cinco, com o objetivo de cumprir mandados de busca e apreensão, principalmente para colher provas, né, sobre possíveis crimes na análise do plano diretor de Bento Gonçalves. Essa investigação começou a partir de denúncias de cidadãos, inclusive um deles entregou uma gravação para o Ministério Público, em que um vereador diz ter recebido uma proposta em dinheiro [...].

Na sequência, Scola faz novas perguntas ao repórter, estabelecendo um diálogo, com a finalidade de esclarecer alguns pontos:

- O Plano Diretor está em discussão na Câmara de Vereadores, é isso?

- Fiedler responde:

Está em discussão desde o ano passado, e foram apresentadas muitas emendas [...]. (RÁDIO GAÚCHA, 4 jun. 2018).

A Giane Guerra é uma das repórteres mais frequentes no *Gaúcha Atualidade*. Setorista de economia, suas participações costumam fugir ao padrão de boletins curtos. Com autoridade de quem conhece em profundidade os assuntos da área econômica, ela contextualiza as notícias com detalhes. No dia 5 de junho de 2018, às 9h 18 min, o apresentador chama-a, genericamente, sem a leitura de uma cabeça:

- Vamos para a economia. Fala Giane Guerra, bom dia!

- Bom dia. Depois de um março decepcionante, a produção da indústria teve um avanço importante em abril, um crescimento de 0,8% sobre março, um avanço que veio acima do projetado pelo mercado, inclusive. Março tinha registrado queda, tinha sido pior do que fevereiro, o que é bem difícil de ocorrer [...]. (RÁDIO GAÚCHA, 5 jun. 2018).

No dia 6 de junho de 2018, tem-se um exemplo de como as notícias são atualizadas constantemente. Às 9h 9 min, O repórter Vitor Rosa é chamado para trazer novas informações sobre um homicídio noticiado no programa anterior, no *Gaúcha Hoje*. O caso foi usado anteriormente, neste trabalho, como um dos exemplos na transcrição da participação da reportagem naquele programa. Desta vez, o repórter entra no ar com a identificação da pessoa assassinada ao lado de uma estação do Trensurb:

- Jessé Lentino Andrade, 49 anos. Ele, que era detento do sistema semiaberto do Instituto Penal do município de São Leopoldo. O delegado Vinícius do Valle ainda não

tem a motivação para este crime, não identificou a motivação. Assassinato que chamou muito a atenção, porque aconteceu às seis e meia da manhã na estação São Leopoldo, que fica dentro do município do Vale do Sinos. (RÁDIO GAÚCHA, 6 jun. 2018).

Ao todo, o *Gaúcha Atualidade* teve, na semana pesquisada, 28 participações da reportagem, divididas conforme os quadros a seguir:

TABELA 9

SEGUNDA-FEIRA – 7 inserções de repórteres.				
AO VIVO	GRAVADA	ATÉ 1 MIN.	+ DE 1 MIN.	SONORA
7	0	4	3	0

Fonte: Elaboração própria

TABELA 10

TERÇA-FEIRA – 5 inserções de repórteres.				
AO VIVO	GRAVADA	ATÉ 1 MIN.	+ DE 1 MIN.	SONORA
5	0	2	3	0

Fonte: Elaboração própria

TABELA 11

QUARTA-FEIRA – 6 inserções de repórteres.				
AO VIVO	GRAVADA	ATÉ 1 MIN.	+ DE 1 MIN.	SONORA
6	0	5	1	0

Fonte: Elaboração própria

TABELA 12

QUINTA-FEIRA – 4 inserções de repórteres.				
AO VIVO	GRAVADA	ATÉ 1 MIN.	+ DE 1 MIN.	SONORA
4	0	3	1	0

Fonte: Elaboração própria

TABELA 13

SEXTA-FEIRA – 6 inserções de repórteres.				
AO VIVO	GRAVADA	ATÉ 1 MIN.	+ DE 1 MIN.	SONORA
6	0	4	2	0

Fonte: Elaboração própria

Nenhum repórter participou com material gravado no *Gaúcha Atualidade*, durante a semana pesquisada. Também, nenhuma sonora foi utilizada. Houve maior equilíbrio entre as inserções com mais de 1 min e as com até 1 min. Ainda assim, as participações mais curtas predominaram: 18 contra 10, que ultrapassaram 1 min de duração.

4.3.2.3 Timeline

Com três participantes, o programa tem duração de cerca 1 h, começando pouco depois das 10 h da manhã. Kelly Matos e Luciano Potter ficam no estúdio em Porto Alegre, e David Coimbra entra de sua casa em Boston, nos Estados Unidos. Dos programas analisados, é o que menos utiliza repórteres. Normalmente, é chamada apenas a repórter de trânsito. O programa divide-se em dois blocos e resume-se, basicamente, em entrevistas e bate-papos entre os apresentadores.

As participações costumam ocorrer de forma mais coloquial, como se observa no programa do dia 4 de junho de 2018, quando a repórter Marina Pagno entra no ar com as informações de trânsito:

- E aí, povo, tudo bem? Tudo beleza? Muito bom dia a todos. Uma baita semana pra todo mundo. Estamos já com sol aqui nas ruas da capital, temos 18 graus, temperatura subindo na capital gaúcha. Em relação ao trânsito, tá tudo um pouco mais calmo; hoje a gente teve um início de manhã bem movimentado, acidentes, ocorrências, pessoal voltando do feriadão. Gerou uma movimentação bem carregada da Rodoviária, Legalidade, mas, agora, uma situação bem mais tranquila [...]. (RÁDIO GAÚCHA, 4 jun. 2018).

FIGURA 18: roteiro do programa *Timeline*

#TimelineGaucha
 Luciano Potter, Kelly Matos e David Coimbra
 Segunda-feira, 04 de junho de 2018

=====

10h07 - ABERTURA

=====

+ ENTREVISTA: Apresentadora da Globonews, Leilane Neubarth, fala sobre os memes após ligação ao vivo durante jornal
 TAGS timeline gaucha leilane-neubarth globonews leilane
 TEC - VIVO 21 9-9

=====

10h40 - INTERVALO

=====

+ Marina Pagno e o trânsito
 TEC - VIVO 9-96

=====

10h56 - ENCERRA

=====

Fonte: Rádio Gaúcha

Apesar de poucas participações da reportagem, é durante o *Timeline* que se verifica uma situação considerada inusitada ao longo da pesquisa. Foi neste programa, a única vez que um repórter entrou no ar com um entrevistado ao vivo. No dia 6 de junho de 2018, às 10h 34 min, a repórter Francine Silva participa, da prefeitura de Porto Alegre, com informações sobre a apresentação da nova lei geral dos táxis. Ela está ao lado do diretor-presidente da EPTC, Empresa Pública de Transporte e Circulação da capital gaúcha, Marcelo Soletti.

- Bom dia, Potter, Kelly e David. Nós estamos aqui na prefeitura de Porto Alegre, onde foi feito o anúncio, enfim, o detalhamento dessa nova lei geral dos táxis, onde foi explicado como vai ser a metodologia para renovar o táxi aqui em Porto Alegre. E nós estamos com o presidente da EPTC, o Soletti, que vai nos falar, exatamente, o que traz de novo essa...eu vou, eu vou fazer a primeira pergunta, depois eu passo a entrevista pra

vocês, ele tá aqui nos escutando...o que muda, o que traz de novo essa nova lei geral dos táxis? (RÁDIO GAÚCHA, 6 jun. 2018).

De fato, como referido pela repórter, a entrevista foi conduzida pelos apresentadores no estúdio. Toda a participação durou 13 min. No entanto, neste caso, a profissional perguntou apenas duas vezes e serviu como uma ponte para que a entrevista fosse realizada de dentro do estúdio.

Como referido anteriormente, o número de participação de repórteres no *Timeline* é reduzido. Durante a semana pesquisada, foram apenas quatro inserções. Em razão disso, dispensa-se a separação dos dados em tabelas. As quatro participações foram ao vivo e, três delas, ultrapassaram 1 min de duração. Em nenhuma, houve a utilização de sonora gravada, apenas, como detalhado, uma entrevista ao vivo, feita, majoritariamente, pelos apresentadores do estúdio, por intermédio da repórter. Na edição de quinta-feira, sequer houve participação da reportagem no programa.

4.3.2.4 Chamada Geral, 1ª edição

Tradicionalmente, considerado o principal espaço da reportagem da Gaúcha, o *Chamada Geral* tem cerca de 1 h de duração e possui duas edições ao longo do dia, de segunda a sexta-feira³⁵. A primeira edição vai ao ar pouco depois das 11 h da manhã e é apresentada por Antônio Carlos Macedo. São quatro blocos com participação constante da reportagem, predominantemente, ao vivo.

³⁵ Também há uma edição aos sábados, às 11 h da manhã. Entretanto, ela ficou fora do período analisado na pesquisa.

FIGURA 19: fragmento do roteiro do *Chamada Geral*, 1ª edição

CHAMADA GERAL PRIMEIRA EDIÇÃO - COM ANTONIO CARLOS MACEDO
 DATA: 7 de JUNHO 2018 - QUINTA-FEIRA
 Produção: Central de Jornalismo
 Edição: Mariana Ceccon

LOC - Dólar começa o dia em alta e bate os TRÊS REAIS e 90 centavos. Giane Guerra.
 TEC - VIVO

LOC - Ministério Público Federal denuncia mais de 60 pessoas, incluindo doleiro e o ex-governador do Rio Sérgio Cabral, na Operação Câmbio Desligo. Francine Silva.
 TEC - VIVO

LOC - Supremo paga 374 mil por ano para alugar área reservada para ministros no aeroporto de Brasília. Pedro Quintana.
 TEC - VIVO

LOC - Supremo prevê julgamento hoje de ação sobre uso de condução coercitiva para interrogatórios. Matheus Schuch.
 TEC - VIVO LINHA BSB

LOC - Prefeitura de Porto Alegre vai contratar empresa para fazer diagnóstico da Carris e tentar reverter rombo milionário da empresa. Bibiana Dihl.
 TEC - VIVO ACCESS

LOC - Após causar confusão em motoristas, sinalização é apagada na saída do Túnel da Conceição, em Porto Alegre. Marina Pagno.
 TEC - VIVO ACCESS

LOC - Estragado há 11 meses, veículo do aeromóvel não tem previsão de voltar a operar. Jocimar Farina.
 TEC - VIVO

LOC - Tiroteio e incêndio em Torres expõem avanço de facções de Porto Alegre para o Litoral Norte. Vítor Rosa.
 TEC - VIVO

Fonte: Rádio Gaúcha

Nos cinco programas analisados, o apresentador busca manter interação com a reportagem seja por meio comentários seja pela forma de acionar os repórteres. Na edição de 7 de junho de 2018, por exemplo, Macedo chama, às 11h 41 min, o repórter Matheus Schuch, que está em Brasília, para falar da expectativa em relação à divulgação de uma

nova tabela para cobrança de fretes pelos caminhoneiros:

- Um dos pontos da negociação entre governo e caminhoneiros, durante a greve, Macedo. A ANTT, Agência Nacional de Transportes Terrestres, disse que deve divulgar ainda hoje esta nova tabela, porque o governo publicou, por meio de uma Medida Provisória, uma tabela para agradar aos caminhoneiros em meio às negociações, mas o governo, agora, diz que houve uma série de erros nesta publicação [...]. (RÁDIO GAÚCHA, 7 jun. 2018).

Em seguida, o apresentador faz uma interrupção, comentando o caso, de modo que se estabelece um diálogo:

- Ô, Schuch!

- Pois, não.

- Esse bando de incompetentes aí em Brasília não consegue nem fazer conta?

- Pois é, na pressão, né, Macedo?

- Sim, na pressão, na pressão. Na pressão tu tens que resolver as coisas com a tranquilidade necessária de quem olha a planilha e faz contas, né? Agora, fazer em cima da perna? Isso aí é um absurdo!

O repórter retoma a palavra:

- É, disso aí gerou uma reação forte do setor empresarial, também do agronegócio, e o governo criou mais um desgaste entre os caminhoneiros e os empresários [...]. (RÁDIO GAÚCHA, 7 jun. 2018).

Nesse ambiente de conversa, percebe-se, com frequência, a informalidade no repórter, que não fica, necessariamente, dependente de um texto pronto para entrar no ar. Tal situação pode ser exemplificada como nestas duas participações da repórter Bibiana Dihl. A primeira, do dia 7 de junho de 2018, às 11h 11 min, sobre a contratação pela prefeitura de Porto Alegre de uma empresa para fazer um diagnóstico do prejuízo financeiro da Carris, a empresa pública de ônibus da cidade:

- [...] inclusive o prefeito Nelson Marchezan já falou algumas vezes sobre privatização da Carris, inclusive em entrevistas aqui na Gaúcha, e eu perguntei pra ele, de novo, Macedo, se, dessa vez, a ideia é privatizar novamente. Ele disse, dessa vez, que é apenas uma das opções, porque essa não seria uma atividade fim da prefeitura, mas que,

pessoalmente, acha difícil que seja mantido um formato público. Portanto, a gente vai ter que aguardar aí essa auditoria pra ver o que pode ser feito nos próximos anos, no próximo ano, aí, com a Carris, Macedo. (RÁDIO GAÚCHA, 7 jun. 2018).

No dia 8 de junho, às 11h 16 min, a mesma repórter é chamada pelo apresentador, para um outro assunto:

- Após polêmica, prefeito Nelson Marchezan tranquiliza...polêmica sobre a Feira do Livro, e garante que evento não será prejudicado. Fala, Bibiana Dihl!

A repórter responde, conversando com o apresentador:

- É, Macedo, polêmica envolvendo a cobrança de 180 mil reais da Câmara Rio-grandense do Livro pro uso da praça da Alfândega pra Feira do Livro. E aí, depois disso, né, o prefeito Nelson Marchezan se manifestou. Hoje, deu entrevista ao *Timeline* e esclareceu que, como foi feito no ano anterior, vai haver, sim, uma cobrança, mas uma cobrança simbólica da Câmara pro evento que, no caso, é a taxa de recolhimento de lixo pra limpeza do espaço [...]. (RÁDIO GAÚCHA, 8 jun. 2018).

Nessas duas participações, da mesma repórter, chama atenção, além do tom de conversa estabelecido, já referido, outras duas características comuns identificadas. A não utilização de sonoras, mesmo que toda a notícia seja em cima de declarações - nestes exemplos, coincidentemente do prefeito. Coube à repórter descrever aquilo que foi dito pela autoridade, em vez de utilizar a gravação de um trecho editado da manifestação. Outro ponto que merece destaque é a frequência com que a repórter cita o nome do apresentador - consequência, notoriamente, do ao vivo e do improvisado. Somadas as duas participações, a repórter citou oito vezes o nome *Macedo*.

Percebe-se também que, nas participações ao vivo fora da redação, o repórter costuma repetir o local onde está, ou simplesmente reforça o uso de expressões que remetem ao momento em que estão falando, como “aqui” e “agora”. Na edição de 8 de junho de 2018, às 11h 37 min, o repórter Gabriel Jacobsen entra, ao vivo, do Palácio Piratini. É chamado assim pelo apresentador:

- Governador Sartori reúne secretariado para definir próximos passos após derrota na Assembleia sobre plebiscito para venda de estatais. Gabriel Jacobsen.

- E já está reunido por cerca de uma hora e meia o governador do estado, José Ivo

Sartori e todo seu secretariado *aqui* no Palácio Piratini pra definir, em especial, se o governo ingressa, ou não, com uma ação no STF para discutir a necessidade, que hoje existe no Rio Grande do Sul, de realização de plebiscito para que haja a venda de estatais da área de energia [...]. Oficialmente, a pauta desta reunião *aqui* no Piratini é tratar de regime de recuperação fiscal [...]. Deve durar mais, pelo menos, meia hora e, aí, teremos algum secretário se manifestando sobre o tema *aqui* no Palácio. (RÁDIO GAÚCHA, 8 jun. 2018).

O repórter citou três vezes a expressão *aqui*, com sutis diferenças: “*aqui* no Palácio Piratini”, “*aqui* no Piratini” e “*aqui* no Palácio”. Outro elemento a se destacar nesta participação é o fato de que ainda não havia um resultado concreto da reunião. Mesmo assim, utilizando de improviso e contextualização, o repórter sustentou sua entrada no ar, não se restringindo apenas a descrever o que estava ocorrendo, mas avançando em análise e expectativas sobre o assunto. Entradas no ar desse tipo, antes mesmo da definição de um determinado fato, são comuns. Outro exemplo é este de Vitor Rosa, no dia 5 de junho de 2018, às 11h 43 min. O repórter traz informações sobre a Câmara de Vereadores da cidade de Não-Me-Toque, que decidiria, mais tarde, os rumos sobre um processo que investigava o prefeito, suspeito de assédio sexual a servidoras.

- Macedo, acontece hoje, na Câmara de Vereadores de Não-Me-Toque, a sessão da comissão processante que analisa a denúncia envolvendo o prefeito de Não-Me-Toque [...]. Hoje, às seis da tarde, os vereadores lerão o relatório do vereador que analisou o caso e entenderão se devem seguir, ou não, com este procedimento. Depois, haverá mais algumas sessões para, então, definir se haverá, ou não, a cassação do mandato do prefeito [...] (RÁDIO GAÚCHA, 4 jun. 2018).

Neste caso, o repórter restringiu-se a dar as informações a respeito do trâmite do processo em andamento na Câmara de Vereadores, relembando o fato, sem emitir opinião, ou fazer previsões, destacando, apenas, que ocorreria uma ou outra decisão.

Ao compilar os dados do *Chamada Geral, 1ª edição*, tem-se, ao todo, na semana pesquisada, 83 participações da reportagem divididas conforme as tabelas a seguir:

TABELA 14

SEGUNDA-FEIRA – 15 inserções de repórteres.				
AO VIVO	GRAVADA	ATÉ 1 MIN.	+ DE 1 MIN.	SONORA
14	1	8	7	0

Fonte: elaboração própria

TABELA 15

TERÇA-FEIRA – 20 inserções de repórteres.				
AO VIVO	GRAVADA	ATÉ 1 MIN.	+ DE 1 MIN.	SONORA
18	2	10	10	0

Fonte: elaboração própria

TABELA 16

QUARTA-FEIRA – 18 inserções de repórteres.				
AO VIVO	GRAVADA	ATÉ 1 MIN.	+ DE 1 MIN.	SONORA
15	3	13	5	0

Fonte: elaboração própria

TABELA 17

QUINTA-FEIRA – 16 inserções de repórteres.				
AO VIVO	GRAVADA	ATÉ 1 MIN.	+ DE 1 MIN.	SONORA
14	2	9	7	0

Fonte: elaboração própria

TABELA 18

SEXTA-FEIRA – 14 inserções de repórteres.				
AO VIVO	GRAVADA	ATÉ 1 MIN.	+ DE 1 MIN.	SONORA
13	1	5	9	0

Fonte: elaboração própria

4.3.2.5 *Gaúcha* +

Com cerca de 2 h de duração, o *Gaúcha* + tem como apresentadores Leandro Staudt, Kelly Matos e Diogo Olivier. Semelhante ao *Timeline*, é estruturado em cima de bate-papo no estúdio, contextualização e análise de notícias do dia. A participação da reportagem ocorre em alguns momentos ao longo de todo o programa, principalmente, com informações do trânsito.

FIGURA 20: fragmento de roteiro do *Gaúcha* +

+ Eduardo Paganella com trânsito TEC - VIVO ACESS / 9-9695
+ Nicolas Andrade e os destaques de GaúchaZH.com TEC - VIVO ESTÚDIO
+ Eduardo Pinzon: ataques a banco em Santo Expedito do Sul, no Norte do Estado TEC - VIVO ESTÚDIO
+ Previsão do tempo com Cléo Kuhn TEC - GRAVADO
+ Giane Guerra e a economia TEC - VIVO ESTÚDIO
TÉCNICA: Rudinei Raugust, Demétrius Ribeiro, Paulo Fernando Rodrigues e Glademir Menezes./ No live, Felipe <u>Nogs.</u> / Produção, Tiago Boff. //
=====
14H50 INTERVALO
=====
* Matheus Schuch: resultado da reunião do vice-governador Cairolli TEC - VIVO 61 9-9982
=====
15H NHC + INTERVALO
=====
* ENTREVISTA: Alexandre Isbarrola, Superintendente da Polícia Federal no Rio Grande do Sul fala sobre fraudes em bolsas da UFRGS TAGS: alexandre-isbarrola pf policia-federal fraude bolsas ufrgs TEC - VIVO 3235- / AI JULIANO: 9-9717

Fonte: Rádio Gaúcha

Além da reportagem de trânsito, presente em todas as edições do programa, as informações da política também são frequentes, sobretudo quando há votações de projetos na Câmara de Vereadores, ou Assembleia Legislativa. No dia 6 de junho de 2018, Gabriel Jacobsen acompanhava uma sessão plenária na Câmara de Porto Alegre. Às 15h 28 min quando é chamado pela apresentadora Kelly Matos, de improviso, sem leitura de cabeça, em um tom de notícia urgente:

- Tem um chamado, Staudt, do repórter Gabriel Jacobsen, que tá na Câmara de Vereadores de Porto Alegre, que teve um princípio de tumulto lá no início da sessão, porque teve muita gente presente. É a tarde pra analisar, na pauta de votações tem análise do pedido, pedidos de urgência encaminhados pelo prefeito Nelson Marchezan, e o Gabriel Jacobsen tá na linha.

O apresentador Leandro Staudt complementa:

- E aí, Gabriel, qual a situação agora?

O repórter, então, entra no ar:

- Situação é de galerias absolutamente lotadas aqui na Câmara de Vereadores de Porto Alegre, galerias lotadas por municipais, que vieram aqui acompanhar a votação desta tarde. Seis projetos de interesse destes servidores públicos de Porto Alegre. São os recursos aos pedidos de urgência do prefeito Marchezan para projetos daquele pacote enviado há cerca de um mês pelo prefeito à Câmara e que muda aí, entre outras regras, a aposentadoria dos municipais. Bom, o que aconteceu foi o seguinte: esses servidores estavam...havia sido acordado entre o Simpa, Sindicato dos Municipais de Porto Alegre, e a direção da Câmara de Vereadores, que todos deveriam se identificar na entrada para acompanhar a sessão. O que aconteceu é que, nessa entrada, foi muito tumultuada, muita gente querendo entrar, pouco espaço, poucas pessoas pra realizar essa identificação, a fila tava muito lenta e uma série de servidores, municipais ingressaram na câmara e nas galerias sem fazer a identificação. Nisso, a sessão não foi nem iniciada às duas, duas e 15 da tarde, como tradicionalmente acontece e, simplesmente, por uma hora seguida, os vereadores ficavam debatendo como resolver essa questão a portas fechadas. Há pouco, o presidente da Câmara, vereador Valter Nagelstein, retornou ao plenário e anunciou a decisão aos vereadores: todos os municipais devem deixar as galerias da Câmara, se identificar e, depois, podem retornar novamente pra acompanhar, novamente a votação.

Isso não foi bem aceito pelos municipais, teve muita chiadeira nas galerias e, agora, a gente vai acompanhar, em instantes, exatamente, o que que vai acontecer nessa situação. [...]. (RÁDIO GAÚCHA, 6 jun. 2018).

No dia seguinte, Jacobsen volta a acompanhar o cenário político do período da tarde e, desta vez, com repercussões sobre a derrota do governo gaúcho na Assembleia Legislativa sobre a intenção de realizar um plebiscito para venda de empresas estatais. Às 15h 57 min, Leandro Staudt aciona o repórter:

- Gabriel Jacobsen no estúdio conosco. Governador José Ivo Sartori se manifestou publicamente, pela primeira vez, depois da derrota nesta semana na Assembleia Legislativa...não vai conseguir colocar em prática o plano de fazer a consulta popular. Plebiscito lá, junto com a eleição, sobre a privatização das estatais. E o que disse o governador, Jacobsen? Boa tarde!

- Boa tarde, boa tarde a todos. Disse que se trata de uma página triste na história do Rio Grande do Sul e disse que, também, essa decisão da Assembleia Legislativa, no fim das contas, representa o fato de não dar chance para a população decidir sobre a venda, ou não, das estatais. [...] Bom, essa afirmação do governador Sartori aconteceu em uma entrevista que ele concedeu para um programa de rádio do próprio governo que vai ser veiculado sábado. A gente já obteve alguns trechos dessa entrevista, com exclusividade, e já tá no site *GaúchaZH*. Vamos ver um trequinho do que diz o governador. (RÁDIO GAÚCHA, 7 jun. 2018).

Aqui, o maior destaque é para a rara utilização de uma sonora pelo repórter. É uma manifestação do governador, que diz, em um trecho editado:

- Eu posso dizer, apenas, que essa é uma página triste, no sentido de não perceber democraticamente a realidade financeira do estado do Rio Grande do Sul. Acho que é lamentável, muito grave e, especialmente, porque a população não vai ser ouvida, não deram chance para que a população pudesse decidir ela mesma o destino e o futuro dessas empresas...e não é, uns dizem, até, que tem faltado discussão. Isto nós entregamos para a assembleia desde 2016. (RÁDIO GAÚCHA, 7 jun. 2018).

Frisa-se que a gravação não foi feita pelo repórter, e sim cedida pela equipe do governo. A respeito do uso de sonoras, apenas o *Gaúcha* + utilizou esse elemento considerado básico na reportagem radiofônica. Ocorreu em duas oportunidades: a outra foi no

dia 6 de junho de 2018, com o repórter Eduardo Matos. Foi em uma reportagem considerada especial, com uma apuração que levou algumas semanas. Neste ponto, cabe resgatar o que já foi dito sobre a veiculação desse tipo de material. Mesmo nas reportagens especiais, também chamadas de grandes reportagens, a veiculação se dá no modo ao vivo, em tom de conversa com o apresentador. Mesmo que pareça longa, a transcrição desse exemplo será apresentada na íntegra para que se compare com a mesma reportagem publicada no site *GaúchaZH*. O apresentador Leandro Staudt chama o repórter, contextualizando o assunto em um tom de conversa:

- O Eduardo Matos está aqui no estúdio. Na greve dos caminhoneiros, inclusive nas entrevistas que fizemos, era um assunto que entrava à margem, não era o principal da pauta que tinha frete e diesel. O roubo de cargas no Brasil. O Eduardo foi atrás dos dados, conversou com vítimas, com a polícia, com especialistas em segurança, e qual é a realidade hoje, Matos? Boa tarde.

- Tudo bem, Staudt, Kelly, Diogo, ouvintes do *Gaúcha Mais*, pois é, como você destacou, a discussão, nesses 10 dias de greve dos caminhoneiros, ficou voltada ao bolso dos caminhoneiros, mas tem um outro problema que pesa nos bolsos dos caminhoneiros e das transportadoras, que é o roubo e furto de cargas. A gente fez um levantamento de números no país e, em especial, aqui no Rio Grande do Sul, também, falando como você destacou, com as polícias, com caminhoneiros, com transportadoras e, também, com a questão do seguro de cargas, né? Porque isso acaba refletindo na ponta, na gente, no consumidor, no preço final dos produtos. Vamos a alguns números, Staudt. Número de furto e roubo de cargas no país cresceu 80% nos últimos cinco anos. Esse balanço é da Associação Nacional do Transporte de Cargas e Logística, a NTC e Logística. Pra se ter uma ideia, foram 14.400 casos em 2012, contra 25.950 em 2017.

Neste momento, a apresentadora Kelly Matos interrompe:

- 25 mil? Em um ano?

Eduardo responde:

- Em cinco anos. É um crescimento de 80% é um dado nacional esse, porque a NTC e Logística separa por regiões, ela não separa por estados.

O apresentador Diogo Olivier pergunta:

- E tem como saber onde tem mais incidência?

Responde o repórter:

- Tem, aqui no Rio Grande do Sul. Em seguida, a gente vai trazer esse dado com a palavra dos assessores de segurança, tanto da NTC e Logística, quanto do Sindicato das Transportadoras aqui do Rio Grande do Sul, o Setcergs, mas, em especial, já adianto que a BR-386 é a rodovia mais visada pelos ladrões de carga. O prejuízo com as mercadorias roubadas também cresceu; passou de 960 milhões de reais para um bilhão, 570 milhões. Um salto de 63%. A região sudeste lidera o ranking de roubo de cargas e, pra se ter uma ideia, de tudo que é roubado no país, 85%, são roubados na Região Sudeste do país. Os outros 15 é dividido em todo o resto do Brasil.

Leandro Staudt comenta:

- São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo...

Eduardo interrompe:

- São Paulo e Rio de Janeiro, em especial, lideram disparado, assim, em especial, o Rio de Janeiro. Os produtos mais visados, de acordo com o levantamento da NTC e logística: alimentos, cigarros, eletroeletrônicos, medicamentos, combustíveis, bebidas, autopeças, têxteis e confecções e produtos químicos. E agora a gente vai ouvir algumas dessas vítimas. A gente conversou com um gerente de uma das maiores transportadoras de medicamentos e cosméticos do Rio Grande do Sul. Um empresário que preferiu não se identificar, conta que nos últimos 15 anos foram mais de 15 assaltos. A empresa atende mais de 200 cidades e, até agora, ele só conseguiu recuperar uma carga, entre todas as levadas pelos criminosos. Segundo ele, a cada assalto, os prejuízos são enormes, vamos ouvi-lo.

Neste momento, a sonora é acionada pelo operador da mesa de áudio que senta à frente do estúdio, com visão através de um vidro. O trecho separado da entrevista é o seguinte:

- Isso fica tudo com o transportador. Nenhuma empresa mais, pelo nosso tipo de trabalho, de porta em porta em farmácia, quer fazer o seguro da carga, então a gente acaba fazendo a indenização às distribuidoras. Outro problema que a gente tem é referente aos motoristas. A gente acaba perdendo eles pela insegurança, eles não querem mais trabalhar com medo do assalto, medo do...eles ficam rendidos por um tempo, até conseguirem fazer a baldeação da carga, ou são levados para outras cidades, como já aconteceu várias vezes.

Com o fim da sonora, volta o repórter Eduardo Matos:

- Pois é, Staudt, essa é a palavra desse transportador, desse empresário do ramo, que pediu para não ser identificado, mas que já sofreu aí 15 assaltos e recuperou, apenas, uma carga. Lá no final dessa nossa reportagem, a gente vai falar sobre o seguro dessas cargas, pra chegar ao ponto que algumas seguradoras não querem nem fazer seguro da carga, porque sabem que a carga é muito visada. Bom, a gente falou com outras vítimas, e foi em São Paulo que o caminhoneiro gaúcho, Elias Ricardo de Oliveira, que trabalha no ramo há 20 anos, passou momentos bastante tensos. Ele teve o caminhão, que estava carregado de material de construção, roubado pelos criminosos. Vamos ouvi-lo.

O operador volta a acionar a sonora:

– Subiram por trás da carreta com o caminhão em movimento, aí tiraram as mangueiras que abastecem um lado da carreta, que faz ter a frenagem, né? E o caminhão se freia, daí. Aí houve toda aquela abordagem, aquela gritaria, com armas e tudo, né? “Não reage, senão a gente te mata”. Aquela primeira pressão psicológica que existe, né? E aí me levaram pra dentro do mato. O caminhão seguiu viagem com outro motorista, e eles me levaram pro meio do mato, aí me amarraram. Passei uma noite amarrado e, durante a noite toda, sofrendo aquela pressão psicológica: “Se não der certo, a gente vai te matar.”

Eduardo Matos retoma a palavra:

– Bom, Staudt, por causa desse assalto, o Elias conta que, até hoje, tem dificuldade para trabalhar, toma remédios de tarja preta, e a gente falou com...

Kelly Matos interrompe:

– Eu ia falar isso aí, Eduardo, porque tem toda uma questão, é verdade, de números, prejuízo econômico, mas um profissional, e os caminhoneiros são profissionais, que têm família, que ficam distante. Aí quando ainda enfrentam esse tipo de coisa, com essa pressão da entrega e, ainda, com a insegurança...coitados.

O apresentador Diogo Olivier complementa:

– São tirados do caminhão, são amarrados, numa árvore, de noite, e nesse caso aqui que a gente tá contando é uma cena de filme, é algo feito por profissionais. Sobe no caminhão, tira a mangueira da frenagem, pra saber que é exatamente ali que o caminhão para. Não é amador que tá fazendo isso.

Eduardo Matos segue:

- E vocês sabem que, nesse levantamento que eu fiz, essa informação eu até não sabia, a grande maioria dos roubos, ocorre em áreas urbanas. E esses roubos em rodovias, ele é 20% do total. Oitenta por cento é o caminhão que está chegando, por exemplo, no supermercado, ou que está chegando, por exemplo, no mercado de bairro. Essas são as cargas mais atacadas...

Kelly Matos o interrompe, falando junto:

- Ah, é na cidade mesmo?

Eduardo responde:

- São nas cidades, nos centros urbanos. E esses 20%, nas estradas...só que o detalhe é o seguinte: os 20% nas estradas são os 20% com os maiores prejuízos, porque a carga, quando está na estrada, são caminhões grandes, com grandes mercadorias, ou seja, o volume é maior, o prejuízo, conseqüentemente, é maior também. Bom, a gente segue aqui, agora, falando com o coronel Paulo Roberto de Souza, que é o assessor de segurança da Associação Nacional de Transportes de Cargas e Logística, a NTC e Logística, que foi quem divulgou esse levantamento pra gente. Ele lembra que o roubo e furto de cargas vêm crescendo nos últimos 20 anos, mas de uma forma mais acentuada nos últimos cinco e, segundo ele, a maioria dos roubos, como a gente destacou, ocorre em áreas urbanas. Isso que os transportadores vêm se cercando de alternativas para evitar o roubo de cargas, intensificando ações preventivas. Vamos ouvi-lo.

A sonora é disparada pelo operador:

- Quando você vê, hoje, as empresas investindo, com rastreamento, escolta, tudo isso é a prevenção. Isso compete às nossas empresas com investimentos próprios, caro, mas é a maneira de evitar de ser roubado e para evitar o pior. Então, esse é o processo que nós temos de investir. Recomendamos às empresas que façam estes investimentos, em termos de tecnologia, em termos de escolta armada, em termos de normas durante o percurso. Por exemplo, não circular à noite, não dar carona, esse tipo de comportamento, associado à gestão da operação.

Volta o repórter no estúdio:

- Bom, o coronel lembra que...agora vai ao nosso bolso, lembra que esse custo, ele é alto, né? Custo de segurança, e chega a 14% do faturamento das empresas, ou seja, de todo o faturamento das empresas, 14% é em segurança pra evitar roubos e furtos de

cargas. Ele destaca que a responsabilidade maior pra evitar esses roubos cabe ao Estado, apesar das ações preventivas das próprias transportadoras. A dificuldade das polícias está na descoberta dos receptadores, que, lembrando, né, são os que fomentam esse crime. Sobre seguros, algumas seguradoras não estão nem querendo fazer o seguro de algumas cargas, no Rio de Janeiro, em especial, e, quando fazem, praticamente inviabiliza o negócio, em razão de várias exigências, que inclui até mesmo, em algumas cargas e em alguns trajetos, caminhões blindados. Ou seja, caminhões blindados não só pra levar dinheiro, mas também pra levar algumas cargas, né, que são consideradas muito valiosas e, se não for assim, a seguradora não fecha negócio.

Kelly volta a falar:

- E isso encarece o custo do produto...é, caminhão blindado.

Eduardo retoma:

- É diferente, lembrando né, do roubo e furto de veículos em que o bem acaba sendo recuperado, se não na maioria, em boa parte dos casos. O roubo de cargas, essa carga acaba sendo indenizada, porque não há recuperação. Dados aqui do estado pra encerrar: no ano passado, ao menos 170 pessoas envolvidas com esse tipo de crime foram presas. Em 2018, o dado mais atualizado da Polícia Civil, de janeiro até maio, o número de criminosos que foi pra cadeia por roubo de cargas chega a 60 no Rio Grande do Sul, só que sempre surgem novos integrantes, e as investigações acabam prosseguindo. Os dados oficiais da Polícia Civil indicam que, em 2017, foram registrados, agora sim, dados do Rio Grande do Sul, 434 roubos de cargas e 226 furtos, totalizando 660 ocorrências. Esses dados e muitos outros...a gente ouviu corretores de seguros que têm dificuldades pra vender seguros, porque é muito caro, né? Ouvimos seguradoras, Polícia Civil, Polícia Rodoviária Federal, tudo isso lá em *GaúchaZH.com*. (RÁDIO GAÚCHA, 6 jun. 2018).

Encerrada a reportagem, após o convite do repórter para que a audiência leia, também, em *GaúchaZH*, o apresentador Leandro Staudt, imediatamente, destaca o recebimento de alguns relatos de caminhoneiros via *WhatsApp*, gerando repercussão imediata entre os apresentadores e o repórter, alongando o bate-papo estabelecido desde o começo da participação de Eduardo Matos no estúdio. Tal situação está de acordo com o verificado ao longo da pesquisa, com relação às orientações em busca da informalidade, do afastamento das gravações e da proximidade com o site. Agora, sugere-se a comparação

da mesma reportagem veiculada no rádio, à que foi publicada no site *GaúchaZH*, conforme figuras 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28 e 29.

FIGURA 21: Manchete da reportagem em *GaúchaZH*

INSEGURANÇA

Passada greve dos caminhoneiros, preocupação dos transportadores volta a ser o roubo de cargas

Número de ocorrências de roubo e furto de cargas no país cresceu 80% nos últimos cinco anos

07/06/2018 - 15h47min
Atualizada em 07/06/2018 - 17h29min

EDUARDO MATOS
FELIPE DAROIT

f
t
e



Publicid
estante



Publicid
MAIS LIDA

Leitura labial mostra
equipe de arbitragem de
Inter x Santos admitid

FIGURA 22: Texto da reportagem em *GaúchaZH*

O dia 21 de maio de 2018 foi marcado pelo [início da greve dos caminhoneiros](#) com maior impacto para a população até hoje. Durante dez dias, a falta do transporte de cargas pela adesão da categoria ou pelo bloqueio de estradas refletiu na saúde, na educação, no transporte, no setor de alimentos e na falta de combustível nos postos, por falta de caminhões para fazer o transporte.

LEIA MAIS

Caminhoneiros do RS decidem aderir à greve nacional contra aumento dos combustíveis



Quais são os impactos da greve dos caminhoneiros na economia gaúcha



Polícia prende suspeito de mais de 20 roubos de carga na Região Metropolitana

A [primeira proposta](#), apresentada em 24 de maio, e rejeitada pela maioria da categoria, previa, entre outros pontos, a promessa do governo de atender 12 reivindicações dos caminhoneiros, entre elas zerar a Cide sobre o diesel e baixar em 10% o preço do combustível nas refinarias por 30 dias. A [segunda proposta](#), apresentada no dia 27 de maio, foi aceita pela categoria. Ela estipula a redução de R\$ 0,46 no litro do diesel, tabela mínima para o frete e isenção de pedágio para eixos suspensos, entre outros itens. A partir desta aceitação, a greve acabou sendo desmobilizada.

Passados os dez dias da greve, no qual as reivindicações estavam voltadas a questões financeiras, a preocupação dos transportadores volta a ser uma dor de cabeça antiga, mas sempre atual do setor: [o roubo e furto de cargas](#).

Publicidade

FIGURA 23: Gráficos da reportagem em *GaúchaZH***Os números**

O número de **ocorrências de roubo e furto de cargas** no país cresceu 80% nos últimos cinco anos, conforme o balanço mais recente da Associação Nacional do Transporte de Cargas e Logística (NTC & Logística). Foram 14,4 mil casos em 2012 contra 25.950, em 2017. Não há levantamento parcial nos primeiros meses de 2018, mas o setor deve registrar queda nesses números, principalmente pela mobilização de dez dias ocorrida em maio.

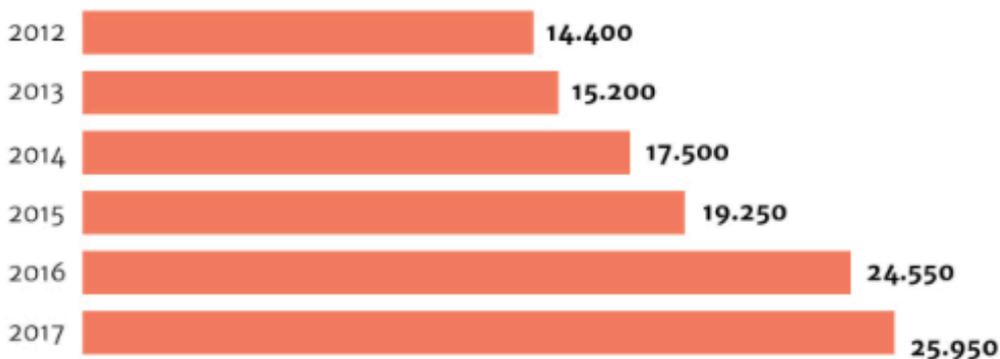
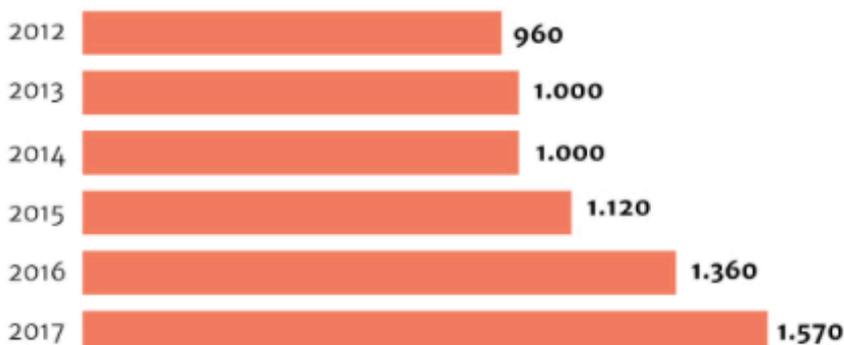
Estatísticas de roubo de cargas***Evolução anual – ocorrências****Evolução anual – valores subtraídos**

FIGURA 24: Texto e mapa de reportagem em *GaúchaZH*

O prejuízo com as mercadorias roubadas também cresceu, passando de R\$ 960 milhões para R\$ 1,57 bilhão — um salto de 63%. A região Sudeste lidera o ranking de roubo de cargas (85,53%), seguida do Nordeste (5,83%), Sul (5,55%), Centro—Oeste (2,46%) e Norte (0,63%). Houve avanço no número de ocorrências nas regiões Sudeste, Nordeste e Sul e leve queda no Norte e Centro—Oeste. Já em relação ao prejuízo dos transportadores, a região Sul foi a única que registrou queda, de R\$ 205,02 milhões para R\$ 152,66 milhões, entre 2016 e 2017.

Roubo de cargas por estado*

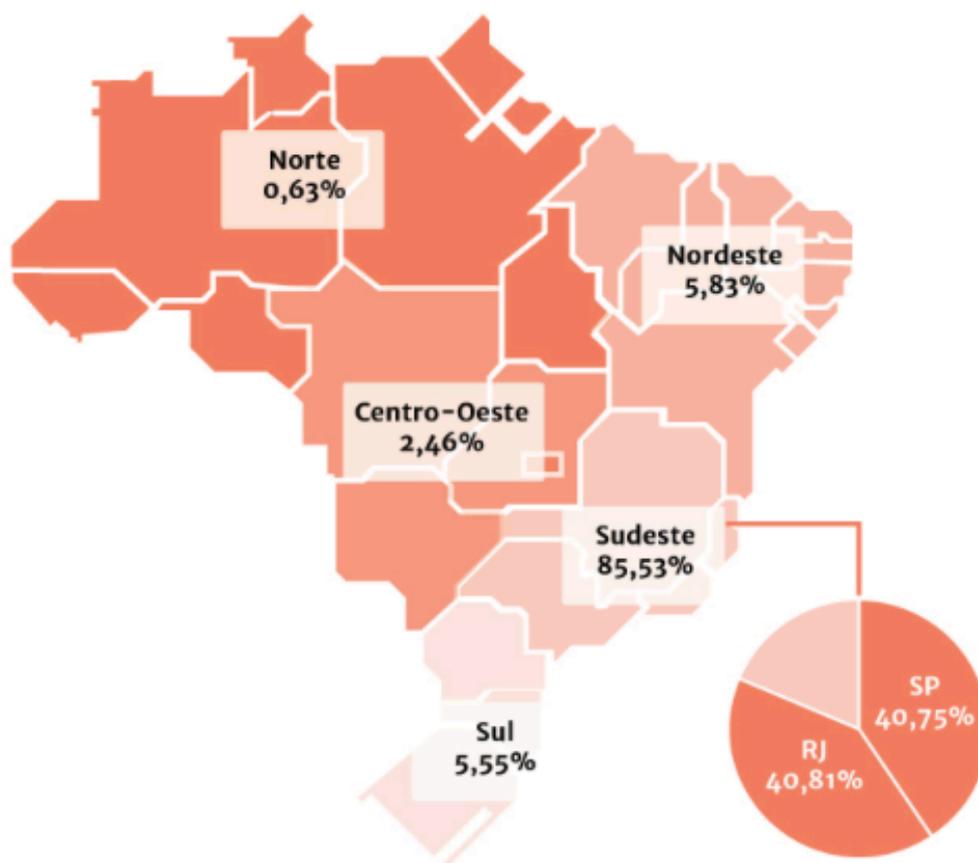


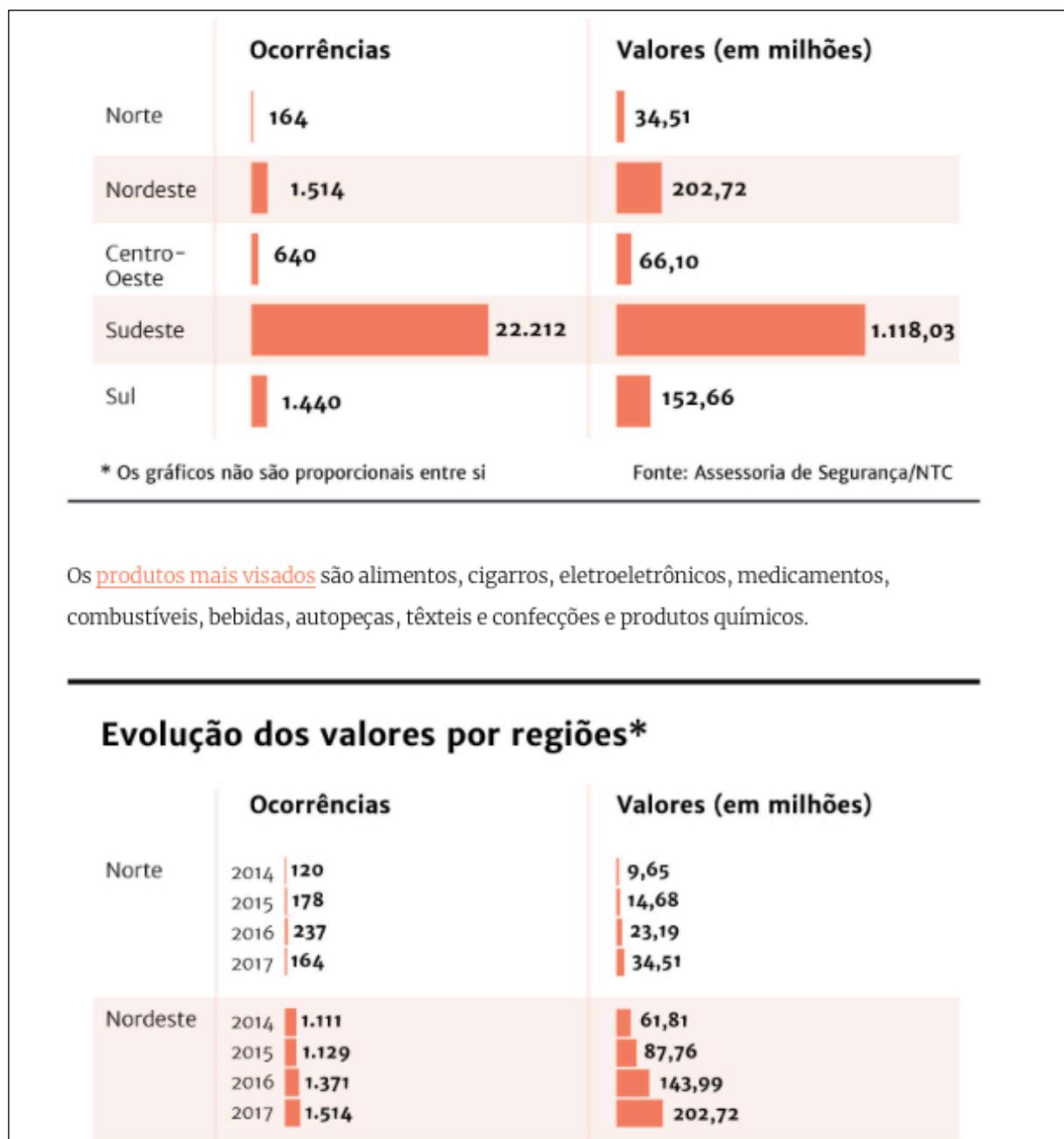
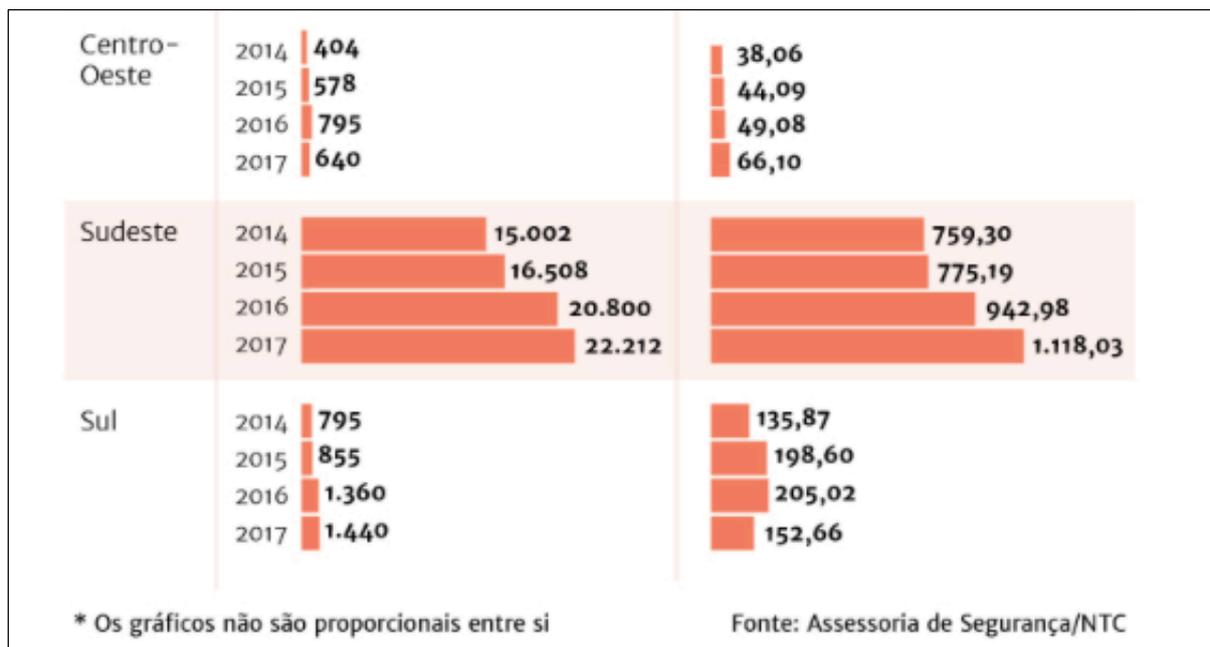
FIGURA 25: Gráficos de reportagem em *GaúchaZH*

FIGURA 26: Gráficos e texto de reportagem em *GaúchaZH*

Vítimas dos criminosos

Gerente de uma das maiores transportadoras de medicamentos e cosméticos do Rio Grande do Sul, um empresário que prefere não revelar o nome conta que nos últimos anos foram mais de 15 assaltos. A empresa atende mais de 200 cidades. Até agora, ele só conseguiu recuperar uma entre todas as cargas levadas pelos criminosos. Segundo ele, a cada assalto os prejuízos são enormes.

— Hoje, na nossa área, o custo fica com a transportadora. Como transportamos medicamentos, nenhuma empresa costuma fazer o seguro. Assim, acabamos fazendo a indenização para as distribuidoras. Caminhoneiros são rendidos e até levados para outras cidades. Além da indenização, tem toda uma burocracia de emissão de documentos por ser carga controlada. Nos casos das cargas recuperadas, muitas vezes as distribuidoras acabam nem querendo receber, pois não sabem como o produto ficou armazenado, após o roubo.

FIGURA 27: Depoimentos em reportagem de *GaúchaZH*

“Outro problema é que perdemos motoristas. Eles não querem mais trabalhar, pois ficam na mira de armas

GERENTE DE UMA DAS MAIORES TRANSPORTADORAS DE MEDICAMENTOS E COSMÉTICOS DO RS QUE PEDIU PARA NÃO SER IDENTIFICADO

nem para meu pior inimigo — afirmou Júnior.

“Mandaram colocar a mão na cabeça e seguimos para a rodovia sob a mira da arma

AJUDANTE DE MOTORISTA – JUNIOR CRUZ

O ajudante Junior Cruz até hoje não esquece os momentos em que ficou na mira de uma arma na BR-386. Ele e o caminhoneiro da empresa em que trabalha foram abordados no momento em que chegavam para entregar embutidos em um estabelecimento de Canoas, na região metropolitana de Porto Alegre. Os criminosos abordaram os dois. Um deles entrou no veículo e mandou o caminhão seguir pela BR-386. Júnior e o colega foram soltos somente uma hora depois do assalto.

— Eram 7h quando a gente chegou no cliente. Eles nos abordaram, mandaram colocar a mão na cabeça e seguimos para a rodovia sob a mira da arma. É muito complicado, uma sensação que eu não desejo

Uso de calmantes após assaltos

Foi em São Paulo que o caminhoneiro gaúcho Elias Ricardo de Oliveira, que trabalha no ramo há 20 anos, passou os piores momentos da sua vida. O motorista teve o caminhão, que estava carregado de material de construção, roubado pelos criminosos.

— Os bandidos me pegaram na Serra do Azeite, no município de Cajati, no estado de São Paulo. Era

FIGURA 28: Depoimento em reportagem de *GaúchaZH*

próximo da meia-noite. Subiram no caminhão em movimento, tiraram as mangueiras que fazem a frenagem do veículo. Houve toda aquela gritaria, com armas, pressão psicológica. Me levaram para o meio do mato e o caminhão seguiu viagem. Passei a noite amarrado e eles falavam que se desse algo errado iriam me matar.

Por causa do assalto, Elias conta que até hoje tem dificuldade para trabalhar e toma remédios controlados.

“Passei a noite amarrado e eles falavam que se desse algo errado iriam me matar

CAMINHONEIRO ELIAS
RICARDO DE OLIVEIRA

carregado com carga de alimentos por três minutos na região do Vale dos Sinos, em um posto de combustíveis, e tudo foi levado.

— Parei no restaurante para comer. Em três minutos, eles conseguiram entrar e levar o caminhão. Aí você vai na polícia e tem que ouvir dos próprios policiais que não tem o que fazer, exceto se o veículo cair em uma barreira. Tempo depois eu achei o caminhão em Campo Bom, abandonado e depenado — declarou o motorista.

— É complicado. Hoje ainda viajo, mas por duas vezes já parei com tudo. A insegurança está pior. Para você pernoitar em um posto não tem segurança. Para pernoitar na frente de uma empresa não tem segurança — afirmou Elias.

Um outro caminhoneiro ouvido pela reportagem, que não quis se identificar, não chegou a ter contato com os criminosos. Bastou ele estacionar o veículo

FIGURA 29: Reportagem na versão gravada publicada no site *GaúchaZH*

Confira os áudios das reportagens:

Matéria 1



The screenshot shows a SoundCloud player interface. At the top left, there is a play button icon and the text 'Gaúcha' and 'Reportagem especial roubo de cargas 1'. At the top right, there is a 'SOUNDCLOUD' logo, a heart icon, and a 'Compartilhar' button. The main area features the word 'GAUÇA' in large white letters on an orange background. Below this is a white audio waveform. The time '0:10' is displayed on the left and '21:04' on the right. At the bottom left, there is a 'Política de Cookies' link.

Matéria 2



The screenshot shows a SoundCloud player interface. At the top left, there is a play button icon and the text 'Gaúcha' and 'Reportagem especial roubo de cargas 2'. At the top right, there is a 'SOUNDCLOUD' logo, a heart icon, and a 'Compartilhar' button. The main area features the word 'GAUÇA' in large white letters on an orange background. Below this is a white audio waveform. The time '0:02' is displayed on the left and '13:33' on the right. At the bottom left, there is a 'Política de Cookies' link.

Ao comparar as duas versões, percebe-se que são equivalentes, em termos de informações e depoimentos, com aprofundamento um pouco maior na publicação em texto, a partir da ampliação de dados, apresentados na forma de gráficos. No entanto, chama a atenção que, na mesma página onde está a versão escrita, foram acrescentadas duas reporta-

gens em áudio, gravadas e editadas com trilhas e sonoras. Estas, sim, com um aprofundamento visivelmente maior que na versão apresentada ao vivo no programa *Gaúcha +*. Quando apresentada do modo ao vivo, a reportagem teve 9 min 24 s. Foi o maior tempo despendido em uma reportagem no período pesquisado, entre aquelas que foram ao ar na *Gaúcha*. Mesmo assim, foi bem menor que o tempo destas versões gravadas apresentadas em *GaúchaZH*, que somaram 34 min 37 s. Além de proporcionar uma alternativa mais detalhada do assunto a quem se interessar, o objetivo dessas versões gravadas é permitir a inscrição do material em prêmios, uma estratégia já citada nesta pesquisa.

Ao compilar os dados das reportagens que foram ao ar no programa *Gaúcha +*, ao longo da semana pesquisada, têm-se as seguintes tabelas:

TABELA 19

SEGUNDA-FEIRA – 3 inserções de repórteres.				
AO VIVO	GRAVADA	ATÉ 1 MIN.	+ DE 1 MIN.	SONORA
3	0	1	2	0

Fonte: elaboração própria

TABELA 20

TERÇA-FEIRA – 4 inserções de repórteres.				
AO VIVO	GRAVADA	ATÉ 1 MIN.	+ DE 1 MIN.	SONORA
4	0	2	2	0

Fonte: elaboração própria

TABELA 21

QUARTA-FEIRA – 7 inserções de repórteres.				
AO VIVO	GRAVADA	ATÉ 1 MIN.	+ DE 1 MIN.	SONORA
7	0	1	6	1

Fonte: elaboração própria

TABELA 22

QUINTA-FEIRA – 6 inserções de repórteres.				
AO VIVO	GRAVADA	ATÉ 1 MIN.	+ DE 1 MIN.	SONORA
6	0	2	4	1

Fonte: elaboração própria

TABELA 23

SEXTA-FEIRA – 3 inserções de repórteres.				
AO VIVO	GRAVADA	ATÉ 1 MIN.	+ DE 1 MIN.	SONORA
3	0	1	2	0

Fonte: elaboração própria

Todas as participações aconteceram ao vivo e, como já dito, apenas neste programa, foram usadas sonoras em reportagens. Além disso, outra particularidade, ao analisar os dados, é o tempo das inserções. Tirando da comparação o *Timeline*, que apresentou apenas quatro inserções de repórteres ao longo da semana, *O Gaúcha +*, com 23 participações, destaca-se pela relação de tempo dessas inserções. Em 16 oportunidades, foi ultrapassada a barreira de 1 min de duração. Em relação a esta constatação, supõe-se que se trata de um programa longo, com um ritmo mais lento, ditado tanto pela trilha, quanto pelos apresentadores, indo ao ar no meio da tarde, em um horário em que as notícias não circulam com a mesma frequência e rapidez, na comparação com a manhã e com o fim da tarde.

4.3.2.6 Chamada Geral, 2ª edição

O *Chamada Geral, 2ª edição* é apresentado por Daniel Scola e começa às 16h 30 min, imediatamente após o *Gaúcha +*, em uma passagem de programa que dispensa, inclusive, intervalo comercial. A transição ocorre em meio a um bate-papo entre os apresentadores. A estratégia, que serve para segurar a audiência, é facilitada pelo fato de não ocorrer em uma hora cheia, portanto não há necessidade de veiculação do noticiário, que é transmitido de hora em hora, tanto que é chamado de *Notícia na Hora Certa*. Dessa forma, entendem os apresentadores, cria-se um ambiente de informalidade com uma ideia de **breaking news** permanente, já referida nesta pesquisa. Isso pode ser observado no

Chamada Geral, 2ª edição, do dia 4 de junho de 2018, quando o apresentador do *Gaúcha* + cumprimenta Daniel Scola, às 16h 29 min:

– Daniel Scola na redação, chegando com o *Chamada Geral*, 2ª edição. Boa tarde, Scola!

– Oi, Staudt, boa tarde. Boa tarde, Kelly, Diogo, boa tarde a todos. Pessoal, 3, 81 o fechamento do dólar hoje. Mais uma vez, apesar da interferência do Banco Central, o dólar lá em cima. Tem repercussões sobre isso, tem o ministro da Fazenda afirmando que o governo não está discutindo programa de subsídio para a gasolina. Ele já havia sinalizado com esse assunto na semana passada, teve que reforçar hoje. Enfim, tem muito assunto pra gente tratar hoje no *Chamada Geral*, 2ª edição.

Kelly Matos complementa:

– O ministro da Casa Civil disse, aqui na Rádio Gaúcha, numa entrevista na semana passada, que não tem de onde tirar pra subsidiar a gasolina, não adianta. Ele falou assim, ó: “Não se iludam, o governo não fabrica dinheiro, então não tem subsídio pra gasolina”, porque muita gente imaginou que a pressão...

– Diogo, o outro apresentador, interrompe:

– Continua a política de preços da nova Petrobras. E aí, daqui a pouco, “ah, não, mas pode ter subsídio”, e assim fica. Pode ser, pode não ser.

Kelly finaliza:

– É, mas não será.

Staudt se despede:

– Tchau, Kelly. Tchau, Diogo.

Kelly se despede:

– Beijo! Beijo pra mãe do PG³⁶, que tá nos ouvindo! Querida, a Ida, beijo, beijo.

Retoma Leandro Staudt:

– É tudo com ele, Daniel Scola, *Chamada Geral*, 2ª edição!

– Valeu, Staudt, Kelly e Diogo. O *Chamada Geral*, 2ª edição, a partir de agora,

³⁶ Apelido do jornalista Paulo Germano, comentarista do programa.

ao vivo [...] (RÁDIO GAÚCHA, 5 jun. 2018).

FIGURA 30: Fragmento de roteiro do programa *Chamada Geral*, 2ª edição

CHAMADA GERAL SEGUNDA EDIÇÃO com DANIEL SCOLA

Quarta-feira, 06/06/18

Produção: Kathlyn Moreira

=====

=====

LOC - Boa tarde! Hora./ Está no ar, Chamada Geral Segunda Edição, programa da reportagem da Rádio Gaúcha./ Temperatura POA / SANTA MARIA /CAXIAS.///

=====

=====

LOC - Governo gaúcho prepara ação e estuda entrar ainda hoje no Supremo contra decisão que impede plebiscito das estatais./ Da RBS Brasília, Matheus Schuch. /
TEC - VIVO

LOC - E outra informação. / Ministro da Casa Civil volta a receber caminhoneiros para discutir pauta da greve./
TEC - VIVO

LOC - Após orientação do governo federal, postos do Estado são orientados a informar preço do diesel antes e depois da greve. / Eduardo Matos./
TEC - VIVO

LOC - Indiciados por fraudes da UFRGS indicavam estudantes sem direito a bolsas de pesquisa. / Lucas Abati./
TEC - VIVO

LOC - Criminosos fazem cordão humano em ataque a duas agências bancárias no norte do Estado. / Eduardo Pinzon./
TEC - VIVO

LOC - Câmara de Vereadores tenta votar hoje análise de regime de urgência de pacote de Marchezan./ Gabriel Jacobsen./
TEC - VIVO 9 9769|

Fonte: Rádio Gaúcha

Como no *Chamada Geral*, 1ª edição, o *Chamada Geral*, 2ª edição dá amplo espaço para a reportagem. Durante todo o programa, que dura uma hora, o apresentador chama os repórteres para participações ao vivo, como esta do dia 4 de junho de 2018. A

repórter Paloma Fleck é acionada pelo apresentador para falar sobre a instalação de câmeras de segurança pela Prefeitura de Capão da Canoa:

– Prefeitura de Capão da Canoa instala mais de 100 câmeras de monitoramento. É a prefeitura de Capão fazendo esse trabalho de segurança pública, também, hein, Paloma Fleck?

Antes da transcrição da repórter, sugere-se a comparação do que disse Daniel Scola com o que estava escrito no roteiro (ver Figura 31). Nota-se a pergunta feita de improviso, sem combinar, dando tom de conversa e informalidade.

FIGURA 31: Fragmento de roteiro do *Chamada Geral*, 2ª Edição

LOC - Prefeitura de Capão da Canoa instala mais de 100 câmeras de monitoramento. /
Paloma Fleck. /
TEC - VIVO

Fonte: Rádio Gaúcha

A repórter responde:

– É, Scola, até esta segunda-feira, a prefeitura de Capão da Canoa conclui a instalação de 82 câmeras espalhadas pela cidade. O objetivo é concluir a instalação de, no total, 107 aparelhos de vídeo-monitoramento até quinta-feira, quando o programa do gabinete de gestão integrada da Polícia Civil e da Brigada Militar será inaugurado. Uma câmera, Scola, com reconhecimento facial já foi instalada na rodoviária, que pode ajudar a polícia a identificar pessoas desaparecidas, ou foragidas. Conforme o secretário de Administração de Capão da Canoa, Rafael Ayub câmeras que reconhecem placas de carros também estão sendo instaladas no acesso ao município e nas principais avenidas da cidade. O objetivo é monitorar carros roubados, ou clonados. O projeto de monitoramento, Scola, foi lançado em novembro do ano passado, com a instalação de sete câmeras na orla da praia e em praças. A previsão era concluir a instalação de todos os equipamentos em dezembro para serem utilizados na temporada de verão. No entanto, o pagamento para a empresa responsável atrasou e, com isso, a conclusão do serviço foi adiada para o primeiro semestre deste ano, Scola.

Como em outros exemplos, influenciada - supõe-se, pelo ambiente de informalidade - há a repetição do nome do apresentador, enquanto transmite a notícia. Neste caso, o sobrenome “Scola” é citado quatro vezes. É perceptível o clima de improvisado e de conversa estabelecido ao longo do *Chamada Geral*, 2ª edição. No dia 5 de junho de 2018, o repórter Matheus Schuch trazia informações de Brasília, sobre as repercussões em torno da pressão exercida na Petrobras para que reajustasse, mensalmente, o preço da gasolina:

– [...] A reclamação muito comum aqui dos parlamentares, Scola - que, é claro, expressam parte do que pensa a população - é que, quando tem um reajuste pra cima, os donos de postos já mexem nos preços no mesmo dia. Quando o reajuste é pra baixo, pra diminuir o preço, aí demora pra haver a atualização na bomba, ou nunca vem...

Scola interrompe:

– Matheus, nunca vem! Quando o reajuste...quando o decréscimo, né, ele é baixo, 1%, 2%, olha, eu duvido que alguém sinta no valor final cobrado na bomba, não tem!

O repórter retoma:

– Se fosse a cada 30 dias, né, Scola, aí poderia haver variações pra cima e pra baixo, que, ao longo desse tempo, nem chegam na bomba...e outra coisa, não sei como vocês perceberam aí no Rio Grande do Sul ... Aqui em Brasília, eu posso dizer - pelo que vejo nas ruas, antes da greve dos caminhoneiros - a gasolina variava de 4,50 a 4,70. Agora, depois da escassez, da corrida aos postos, não se acha a menos 4,90/4,95.

Scola aciona, de surpresa, o repórter Eduardo Matos, que estava na redação no momento. Participação que sequer estava no roteiro.

– É, o Eduardo Matos varreu os postos de Porto Alegre, semana passada, no fim da semana passada, e encontrou uma diferença, né, Eduardo?

Eduardo responde, de improvisado, com o que lembrava da apuração feita dias atrás:

– 36 centavos. Levantamento feito dia 18 de maio, e o outro levantamento feito no dia 31 de maio, se não tô enganado, que foi sexta-feira, né? Uma diferença de até 36 centavos.

Scola corrige:

– Dia 31 foi na quinta.

Eduardo responde:

– Então foi dia primeiro, que foi na sexta-feira: 36 centavos. O valor mais caro da gasolina, do litro, foi encontrado a R\$ 4, 86, mas a gente via, evidentemente, gasolina sendo vendida acima de R\$ 5,00. Mas este foi um levantamento feito pelo Procon, né?

Scola agradece e volta a acionar Matheu Schuch:

– Mais alguma informação de Brasília, Matheus?

– Não. É isso! O assunto aqui no início da semana, ainda, é o combustível, viu, é algo que paralisou, né, o país, foi motivo de reuniões em Brasília nas últimas duas semanas e, ainda, segue sendo discutido. No Congresso, esse assunto, também, é alvo de manifestações e, amanhã, quando chegarem os parlamentares, estará na pauta, também. (RÁDIO GAÚCHA, 5 jun. 2018).

Apenas para ilustrar o que se procura mostrar nesta pesquisa, com a programação predominantemente ao vivo, segue um outro exemplo, para além da reportagem. Destaca-se a participação da colunista de economia, Marta Sfredo, que possui um comentário diário no *Chamada Geral*, 2ª edição. No dia 5 de junho de 2018, ela tem dificuldade em completar o raciocínio, pois fica com a voz rouca, o que provoca sucessivas interrupções na sua fala. Então, decide finalizar antecipadamente a participação:

– Tá difícil hoje, vamos encerrar por aqui.

Scola responde, sorrindo:

– Valeu, Marta. Obrigado! Acontece, né? Ao vivo, sempre ao vivo, acontece. (RÁDIO GAÚCHA, 5 jun. 2018).

Estando sempre ao vivo, também acontece de haver momentos engraçados. O apresentador Daniel Scola entende que, por vezes, esse tipo de situação é aceitável para trazer um pouco de descontração. Foi o que aconteceu no dia 7 de junho de 2018, quando o apresentador decidiu brincar com os nomes dos repórteres:

– Já falamos com o Eduardo Gabardo, agora falamos com o Eduardo Matos e, na sequência, vem Eduardo Paganella... mas é um monte de Eduardo aqui no *Chamada Geral*, hein, Paganella?

O repórter entra na brincadeira:

– É verdade, é verdade, alto nível, alto nível e belo nome também!

Scola segue:

– E nome bonito, viu?

Paganella responde, rindo:

– Obrigado, obrigado. Falo em nome dos outros Eduardos aí. (RÁDIO GAÚCHA, 7 jun. 2018).

Neste momento, os jornalistas da redação caem na gargalhada. Porém, esse áudio não é vazado, já que o microfone do apresentador permanece fechado, enquanto o repórter segue com as informações de trânsito.

Seguindo no mesmo programa do dia 7 de junho de 2018, ainda com Scola e Paganella, demonstra-se outro exemplo comum às transmissões predominantemente ao vivo, que é a falha técnica no equipamento de transmissão:

– *Chamada Geral* de volta com o trânsito, de volta Eduardo Paganella!

A transmissão do repórter não funciona e, por oito segundos, há um silêncio no ar, até que o apresentador volta a falar:

– Cadê o Eduardo Paganella...são cinco e 25 [...];

Daniel Scola resolve, então, ler os patrocinadores do programa, quando, de repente, é interrompido pela fala do repórter, que entra de surpresa já com as informações em andamento. O apresentador busca colocar ordem na situação:

– Segura só um pouquinho, Paganella, opa, segura só um pouquinho. Entrou atravessado aí.

Então, segue com a leitura dos patrocínios, antes de chamá-lo de volta:

– Fala, Paganella:

A dificuldade técnica não é contornada adequadamente, e o repórter volta a entrar com as informações já sendo finalizadas:

– [...] especialmente no cruzamento da região da Terceira Perimetral, a movimentação já é bastante acentuada, Scola.

O apresentador insiste em tentar contornar o problema:

– Repete, porque nós não ouvimos nada, Paganella. Entrou depois e entrou tudo atravessado aí.

– Vamos ver, vamos ver se a gente consegue, de novo, Scola. Tem trânsito bastante carregado, agora, na saída de Porto Alegre, pela Avenida da Legalidade [...]. (RÁDIO GAÚCHA, 7 jun. 2018).

Desta vez, a informação é concluída e repassada de forma completa.

Outra situação verificada no *Chamada Geral*, 2ª edição é um mesmo repórter entrar com dois assuntos diferentes na sequência. No dia 6 de junho de 2018, Matheus Schuch participa na abertura do programa, chamado assim pelo apresentador:

– Governo gaúcho prepara ação e estuda entrar ainda hoje no Supremo Tribunal Federal contra decisão que impede plebiscito das estatais. Vamos a Brasília, Matheus Schuch!

– A Ação Direta de Inconstitucionalidade está sendo elaborada pela PGE, Procuradoria Geral do Estado e está praticamente pronta. Só aguardando uma ordem do governador José Ivo Sartori para que o Estado ingresse no Supremo Tribunal Federal [...].

Terminada esta primeira participação, o apresentador chama-o novamente, na sequência, com outro assunto:

– A propósito, Matheus, há uma informação aí em Brasília que o ministro-chefe da Casa Civil, Eliseu Padilha, vai voltar a se reunir com representantes dos caminhoneiros.

Matheus responde:

– É, é a pauta aqui que mobiliza Brasília já há duas semanas e, hoje, o ministro da Casa Civil, Eliseu Padilha, está conversando com os caminhoneiros em duas reuniões. Uma delas já em andamento, com algumas entidades, e outra marcada para as cinco da tarde. [...]. (RÁDIO GAÚCHA, 6 jun. 2018).

Nos cinco dias pesquisados, foram 82 participações de repórteres no *Chamada Geral*, 2ª edição, todas ao vivo. Apenas 11 destas inserções tiveram mais que 1 min de duração.

TABELA 24

SEGUNDA-FEIRA – 19 inserções de repórteres.				
AO VIVO	GRAVADA	ATÉ 1 MIN.	+ DE 1 MIN.	SONORA
19	0	15	4	0

Fonte: elaboração própria

TABELA 25

TERÇA-FEIRA – 19 inserções de repórteres.				
AO VIVO	GRAVADA	ATÉ 1 MIN.	+ DE 1 MIN.	SONORA
19	0	18	1	0

Fonte: elaboração própria

TABELA 26

QUARTA-FEIRA – 14 inserções de repórteres.				
AO VIVO	GRAVADA	ATÉ 1 MIN.	+ DE 1 MIN.	SONORA
14	0	11	3	0

Fonte: elaboração própria

TABELA 27

QUINTA-FEIRA – 14 inserções de repórteres.				
AO VIVO	GRAVADA	ATÉ 1 MIN.	+ DE 1 MIN.	SONORA
14	0	14	0	0

Fonte: elaboração própria

TABELA 28

SEXTA-FEIRA – 16 inserções de repórteres.				
AO VIVO	GRAVADA	ATÉ 1 MIN.	+ DE 1 MIN.	SONORA
16	0	13	3	0

Fonte: elaboração própria

4.3.2.7 *Estúdio Gaúcha*

O *Estúdio Gaúcha* é apresentado por Marcelo De Bona e vai ao ar das 22 às 24 h. Até às 23 h 30 min, aproximadamente. Trata de assuntos do jornalismo em geral; depois, o espaço é destinado à cobertura esportiva, principalmente, sobre futebol. Como já dito, a este trabalho interessa a primeira parte do programa. Além de participação de repórteres, há entrevistas sobre assuntos que repercutiram ao longo do dia, ou que serão destaque no dia seguinte. No caso deste programa, especificamente, há uma peculiaridade: foram analisados apenas três dias, não cinco como os demais. É que, na terça-feira e na quarta-feira, houve transmissão de jogos de futebol no mesmo horário. Tal medida é comum na emissora que, historicamente, deixa de exibir algumas edições de programas noturnos, para viabilizar a cobertura das partidas, principalmente do Grêmio e do Internacional, que são os principais times de Porto Alegre.

FIGURA 32: Fragmento de roteiro do *Estúdio Gaúcha*

```

=====
* Boa noite, são DEZ horas e _____ minutos./ A temperatura
em Porto Alegre é de xx graus. / Estamos começando o
Estúdio Gaúcha. //

==== PATROCÍNIOS ====
ESCALADA (RODA TRILHA DO GIRO DA NOTÍCIA)

DE BONA com os destaques do dia./

- Dólar fecha em três reais e 92 centavos, mesmo com
intervenção do Banco Central.//

O que mais é destaque no jornalismo, Yasmin Luz?
- A Receita Federal abrirá amanhã a consulta ao primeiro
lote de restituições do Imposto de Renda deste ano./ O
pagamento está previsto para a sexta-feira da semana que
vem, dia 15./ O valor total das restituições é de quatro
bilhões e oitocentos milhões de reais./ Neste primeiro
lote, recebem a devolução do imposto pago a mais os
contribuintes considerados prioritários./ É o caso de
idosos e pessoas com deficiências ou doenças graves./ Os
valores são atualizados com base na taxa básica de juros.//

ENTREVISTA 22h10 - Educador financeiro, da Associação
Brasileira de Educadores Financeiros, Leandro Rodrigues.
PAUTA: Alta do dólar
Tags: estúdio-gaúcha hardnews educador-financeiro dólar
TEC - 51 9831.

Comentário sobre o dólar, Marta Sfredo, boa noite.//
TEC - GRAVADO 2'11"

Previsão do tempo.// CLÉO KUHN
TEC: GRAVADO 1'55"

Prefeitura de Porto Alegre prevê para sábado normalização
da iluminação no Parque da Redenção. / Lucas Abati.//
TEC - VIVO REDAÇÃO

```

Fonte: Rádio Gaúcha

O *Estúdio Gaúcha*, entre os programas analisados, é o que mais apresenta reportagens gravadas. Justifica-se pela menor quantidade de profissionais no período noturno, a partir das 22 h, bem como a frequência, também menor, de acontecimentos que mereçam cobertura ao vivo, em comparação com outros horários. No dia 8 de junho de 2018, às 22h 22 min, uma reportagem de Matheus Schuch é chamada assim pelo apresentador Marcelo De Bona:

– Vamos até à Capital Federal. Ministro do Supremo autorizou novas multas a empresários pela greve de caminhoneiros...e esse valor passa de 500 milhões de reais. Fala Schuch! Matheus Schuch... (RÁDIO GAÚCHA, 8 jun. 2018).

Antes de passar à transcrição do repórter, cabe aqui a referência com relação à busca, mesmo que sutil, do apresentador em dar um tom um pouco mais conversado para a cabeça da reportagem que estava gravada. Compara-se com o que estava escrito no roteiro, conforme figura 33:

FIGURA 33: Fragmento de roteiro do *Estúdio Gaúcha*.

Ministro do Supremo autoriza novas multas a empresários pela greve dos caminhoneiros, o valor passa de 500 milhões de reais./ Da RBS Brasília, Matheus Schuch. //
TEC - GRAVADO 02'02"

Fonte: Rádio Gaúcha.

A seguir, apresenta-se a reportagem gravada, transcrita na íntegra para observação detalhada da estrutura, do texto e das sonoridades utilizadas:

– O ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal autorizou mais multas a empresários que teriam apoiado a greve dos caminhoneiros. Desta vez, 46 empresas foram intimadas a pagarem, em até 15 dias, um total de 505 milhões e meio de reais em multas, em função dos bloqueios de rodovias. O pedido havia sido encaminhado pela Advocacia Geral da União. Até agora, Alexandre de Moraes autorizou multas a 151 empresas, que somam 715 milhões de reais. Cada empresa é destinada a pagar valores milionários que podem passar, individualmente, de 11 milhões. Lembrando que a greve dos caminhoneiros durou 11 dias e gerou uma crise de desabastecimento no país. O ministro considerou que houve abuso no exercício dos direitos de reunião e greve, por conta

da obstrução do tráfego em rodovias e vias públicas. Empresários que teriam, é ... começado a greve, ou incitado a paralisação também respondem é..., segundo investigações da Polícia Federal, por locaute, que é quando a iniciativa da paralisação parte do empresário, o que é proibido por lei. Os caminhoneiros ainda negociam, aqui em Brasília, alguns termos no acordo que foi feito para o encerramento da greve. Nesta sexta, houve uma reunião na ANTT, Agência Nacional de Transportes Terrestres, que durou o dia todo. Os encontros continuarão durante o final de semana. O principal ponto de divergência é na tabela do frete. O governo publicou uma medida criando um tabelamento mínimo, os empresários e o setor do agronegócio disseram que o valor era excessivo, pressionaram o governo, que chegou a trazer um novo modelo de tabela, reduzindo os preços na quinta-feira, mas os caminhoneiros não gostaram, ameaçaram novas paralisações e, por isso, o governo, agora, estuda com mais calma o assunto. Da RBS Brasília, Matheus Schuch. (RÁDIO GAÚCHA, 8 jun. 2018).

Destaca-se, nesta reportagem, o uso da assinatura pelo repórter, ao final das informações, porém sem utilização de sonorais. Além disso, mesmo que a participação tenha sido gravada e lida, em um momento, pelo menos, foi perceptível um grau de improvisação do repórter na parte em que fala sobre a responsabilização dos empresários.

Em outra reportagem gravada, no dia 7 de junho, o repórter Gabriel Jacobsen é acionado assim pelo apresentador:

– Após derrota sobre projeto de plebiscito, governador Sartori afirma que Assembleia não deu chance pra população decidir. Fala, Gabriel Jacobsen.

– O governador Sartori afirmou, nesta quinta-feira, que a Assembleia Legislativa escreveu uma página triste, ao rejeitar a tentativa do governo de realizar um plebiscito para vender a CEEE³⁷, a CRM³⁸ e a Sulgás³⁹. Segundo o governador, os deputados não deram chance para que a população pudesse decidir o destino e o futuro dessas empresas. As afirmações do governador foram feitas ao programa Governo e Comunidade, produzido pela própria secretaria de Comunicação do Estado, e serão veiculadas em rádios do interior neste sábado. Nos trechos da entrevista, aos quais a reportagem de *GaúchaZH* teve acesso, o governador não comenta a proposta de Emenda Constitucional enviada por ele à Assembleia, ainda em 2016, que tinha como objetivo acabar com a consulta à população, o plebiscito, para a venda das três estatais. Essa é a primeira manifestação de Sartori

³⁷ Companhia Estadual de Energia Elétrica.

³⁸ Companhia Riograndense de Mineração.

³⁹ Companhia de Gás do Estado do Rio Grande do Sul.

sobre a derrota amargada pelo governo na terça-feira, quando a maioria dos deputados rejeitou um dos projetos que o Piratini precisaria aprovar para realizar a consulta popular junto das eleições de 2018. Na entrevista, Sartori diz ainda acreditar que o governo do Estado vai assinar, ainda em junho, o pré-acordo de adesão ao regime de recuperação fiscal, proposto pela União [...]. No entanto, no trecho da entrevista obtido pela reportagem, Sartori não se explica se, para aderir ao regime de recuperação fiscal, outros ativos do Estado serão oferecidos à União, no lugar das estatais de energia [...]. Da central de jornalismo, Gabriel Jacobsen. (RÁDIO GAÚCHA, 7 jun. 2018).

A inserção gravada durou dois minutos e 16 segundos. O repórter, a todo instante, faz menção às declarações do governador do Estado, mas, em nenhum momento, é usada alguma sonora. Ressalta-se, no entanto, que o mesmo assunto havia sido abordado no programa *Gaúcha +*, com a utilização da fala do governador, na reportagem apresentada ao vivo, como detalhado anteriormente. Outro ponto a ser destacado é a assinatura ao final da participação. Assim como no exemplo anterior, este elemento básico da reportagem radiofônica foi utilizado. No entanto, reitera-se que, das 385 participações de repórteres contabilizadas na pesquisa, apenas duas vezes houve encerramento com a assinatura.

Apesar de aparecerem mais gravações, em todos os outros programas analisados, as participações ao vivo, mais conversadas, não ficam de fora. Na edição do *Estúdio Gaúcha*, do dia 8 de junho de 2018, por exemplo, o repórter Lucas Abati é chamado pelo apresentador:

– Chegando aqui no estúdio Lucas Abati, tá correndo bastante nessa noite, porque a gente tá tendo...alguns casos já confirmados, outros você tá confirmando, Lucas, uma noite violenta, Lucas. Dá mais detalhes de que ocorrências são essas. Boa noite.

– Isso, De Bona, boa noite. Especialmente na Zona Sul de Porto Alegre, agora à noite já confirmados três mortes, três homicídios em pontos diferentes da Zona Sul de Porto Alegre. O primeiro caso foi na travessa Escobar, no bairro Camaquã. Uma briga que ocorreu dentro de um condomínio.

De Bona interrompe:

– Dentro de um condomínio?

Lucas responde:

– Dentro de um condomínio. Ainda não há informações se as duas pessoas que brigaram eram moradoras do condomínio, mas a confirmação é de que uma pessoa acabou sendo atingida por dois disparos e morreu no local. A identidade dessa vítima ainda não foi divulgada pela polícia, que esteve lá no local. O corpo, inclusive, já foi removido e,

agora, apura as circunstâncias do crime. E agora há pouco, De Bona, confirmadas outras duas ocorrências. Uma que fica na estrada dos Batanilha. Um homem que foi encontrado morto por lá, isso fica no bairro Cascata. E a outra morte que aconteceu, também, não faz mais que meia hora. Aconteceu na rua Marechal Mesquita. Uma pessoa que foi assassinada por lá, no bairro Teresópolis. Em todos os casos, a polícia está no local levantando mais informações. Ainda não temos muitos detalhes sobre o que aconteceu.

O apresentador diz:

– Então, a gente tá falando em cinco mortes em...pouco mais de ...cinco, né?

O repórter corrige:

– Não. Três, três mortes em pontos diferentes da Zona Sul de Porto Alegre. São todos casos acontecidos agora à noite. A gente não tem muitos detalhes ainda, mas as primeiras informações, De Bona, dão conta que são casos de execução, que essas pessoas eram alvos de ataques de criminosos e acabaram sendo assassinadas, mas ainda não há nenhuma informação, também, de relação entre os casos.

– Tá certo, obrigado, Lucas. Tá monitorando e, qualquer nova informação, volta aqui ao Estúdio Gaúcha. (RÁDIO GAÚCHA, 8 jun. 2018).

As três edições do *Estúdio Gaúcha* analisadas apresentam-se, no âmbito da reportagem, assim distribuídas:

TABELA 29

SEGUNDA-FEIRA – 1 inserção de repórter.				
AO VIVO	GRAVADA	ATÉ 1 MIN.	+ DE 1 MIN.	SONORA
1	0	1	0	0

Fonte: elaboração própria

TABELA 30

QUINTA-FEIRA – 6 inserções de repórteres.				
AO VIVO	GRAVADA	ATÉ 1 MIN.	+ DE 1 MIN.	SONORA
2	4	4	2	0

Fonte: elaboração própria

TABELA 31

SEXTA-FEIRA – 5 inserções de repórteres.				
AO VIVO	GRAVADA	ATÉ 1 MIN.	+ DE 1 MIN.	SONORA
1	4	1	4	0

Fonte: elaboração própria

4.4 - Os gêneros jornalísticos na reportagem da Gaúcha

Diversos são os estudos que abordam os gêneros jornalísticos no Brasil, com diferentes classificações e conceitos. O que se busca nesta pesquisa é um recorte direcionado para o rádio, especificamente, para o trabalho do repórter na Gaúcha. Para tal, tem-se como referência principal considerações a respeito de gêneros jornalísticos categorizados por José Marques de Melo (In: MELO; ASSIS, 2010, p. 23-41), a partir de uma leitura para o meio radiofônico (FERRARETTO, 2014a, p. 95-98). Antes deste detalhamento, no entanto, citam-se, aqui, outros estudos sobre o tema direcionados para o rádio. Entre eles, apresenta-se a classificação proposta por Janine Marques Passini Lucht (In: MELO; ASSIS, 2010, p.269-290), que, apesar de não servir como referência principal para a classificação, que será apresentada aqui, é baseada, também, na categorização de Marques de Melo. Para a autora, os gêneros radiojornalísticos estão divididos da seguinte forma:

TABELA 32: Proposta de classificação dos gêneros radiojornalísticos

Gênero	Formatos
Informativo	Nota Notícia Reportagem Boletim <i>Flash</i> Manchete Entrevista
Opinativo	Editorial Comentário Resenha (cultural, esportiva, etc.) Crônica (informação dos correspondentes) Testemunhal Debate Painel Caricatura/ charge eletrônica Carta/ e-mail do ouvinte/ participação por telefone Rádio-conselho
Interpretativo	Coberturas especiais (eleições, Copa do Mundo, etc.) Perfil Biografia Documentário radiofônico Enquete Divulgação técnico-científica
Utilitário	Indicador Previsão do tempo Trânsito Roteiro Cotação Serviço/ utilidade pública Necrologia
<u>Diversional</u>	<i>Feature</i> radiofônico (história de interesse humano) <i>Fait divers</i> História de vida

Fonte: Passini Lucht (In: MELO; ASSIS, 2010, p.269-290).

Diferentemente de Passini Lucht, André Barbosa Filho (2009, p.89-144) apresenta um estudo mais amplo de gêneros, que alcança o campo radiofônico como um todo, não direcionado especificamente ao radiojornalismo.

(1) *Gênero Jornalístico*: nota, notícia, boletim, reportagem, entrevista, comentário, editorial, crônica, radiojornal, documentário jornalístico, mesas-redondas ou debates, programa policial, programa esportivo e divulgação técnico-científica.

(2) *Gênero educativo-cultural*: programa instrucional, autobiografia, documentário educativo-cultural e programa temático.

(3) *Gênero de entretenimento*: programa musical, programação musical, programa ficcional, programete artístico, evento artístico e programa interativo de entretenimento.

(4) *Gênero publicitário*: esporte, jingle, testemunhal e peça de promoção.

(5) *Gênero propagandístico*: programas eleitorais e programa religioso.

(6) *Gênero de serviço*: notas de utilidade pública, programete de serviço e programa de serviço.

(7) *Gênero especial*: programa infantil e programa de variedades.

Neste trabalho, contudo, como já dito, busca-se amparo na adaptação para o meio radiofônico indicada por Ferraretto (2014a, p. 95-98), tendo como base a classificação dos gêneros jornalísticos feita por Marques de Melo (In: MELO; ASSIS, 2010, p.23-41). Dessa forma, usa-se a seguinte divisão, com as explicações sobre como os gêneros podem ser identificados durante a programação (FERRARETTO, 2014a, p.96-98):

(1) *Gênero informativo*: limita-se a narrar o assunto a ser noticiado com o mínimo de detalhes necessários à sua compreensão. Por se adaptar às necessidades de concisão do texto radiofônico, é o gênero preponderante em informativos como sínteses noticiosas e edições extras. Aparece também em reportagens, embora estas tendam, pela adição da impressão pessoal do jornalista ou radialista, a invadir o terreno do jornalismo interpretativo. O mesmo acontece com informativos especializados, radiojornais e toques informativos.

(2) *Gênero interpretativo*: representa uma ampliação qualitativa do tratamento dos assuntos a serem repassados ao público. O objetivo é situar o ouvinte em relação à narrativa. Está presente em alguns boletins, nos quais o repórter situa o objeto da notícia em um quadro amplo, podendo englobar aspectos sociais, econômicos, históricos e culturais.

(3) *Gênero opinativo*: Englobando um julgamento próprio (pessoal ou da empresa de radiodifusão) a respeito de determinado assunto. Interpretação e opinião incluem, em certa medida, a inter-relação com outros acontecimentos, opiniões e mesmo serviços, mas representam tratamentos bem diversos. Especificamente em rádio, torna-se essencial diferenciar para o ouvinte o que é notícia e o que é conteúdo opinativo. Em rádio, o gênero opinativo está presente nos comentários, nos editoriais, em algumas intervenções dos âncoras e na participação do ouvinte.

(4) *Gênero utilitário*: incluem-se informações sobre aeroportos, indicadores do mercado financeiro, pagamento de impostos, previsão do tempo, recebimento de aposentadorias e pensões, roteiro cultural, trânsito etc. Dependendo do porte da emissora e/ou da praça em que atua, são veiculados ainda avisos sobre animais perdidos ou veículos roubados, notas - pagas ou gratuitas - sobre falecimentos, pedidos de doação de sangue e recados. Em rádio, pode-se citar também a constante indicação da hora e da temperatura ao longo da programação e, ainda, os programas em que ocorre intermediação na resolução de problemas da população. O ouvinte entra em contato, a emissora contata a situação relatada e, no ar, os órgãos públicos responsáveis manifestam-se a respeito.

(5) *Gênero diversional*: próximo da literatura, o jornalismo diversional corresponde ao que, décadas atrás, era conhecido como **New Journalism**, ou seja, a tendência à incorporação de técnicas de narrativa ficcional na descrição de fatos reais. Conforme o autor, é campo pouquíssimo explorado no radiojornalismo brasileiro. Aparece, de forma assistemática, na abordagem adotada em alguns documentários.

Isso posto, parte-se para proposição de classificação desses gêneros no trabalho desenvolvido pela equipe de reportagem da Gaúcha, no período observado. Tem-se consciência da tênue linha que pode existir entre um gênero e outro, ao propor uma categorização desse tipo. Porém, assumindo essa dificuldade, é possível traçar um panorama a partir da escuta atenta das 385 participações de repórteres ao longo dos cinco dias pesquisados. Para a elaboração do gráfico que atenda ao que se pretende, dois gêneros foram descartados: o opinativo, que não foi identificado em nenhuma participação de repórter, e o diversional, que apareceu apenas uma vez. A propósito, sobre este gênero, Francisco de Assis lembra que se leva em conta a criatividade do jornalista e que não existem modelos formatados. Ainda conforme o autor, “o texto correspondente ao gênero diversional pode ser identificado não apenas no jornal impresso ou na revista. Em veículos eletrônicos e digitais também é possível localizar narrativas dessa natureza (In: MELO; ASSIS, 2010, p.157).

Mesmo que tenha aparecido apenas uma vez nos cinco dias de pesquisa da reportagem da Gaúcha, o exemplo do gênero diversional identificado, aqui, cabe destaque. Foi no dia 6 de junho de 2018, no programa *Gaúcha Hoje*. A repórter de trânsito, Marina Pagno, é chamada assim pelo apresentador Antônio Carlos Macedo:

– Vamos às ruas com a repórter Marina Pagno.

Marina responde:

– Bom dia! Bom dia, Macedo, muito bom dia a todos do *Gaúcha Hoje*. A gente tá aqui como a minha xará, hoje, Marina Lima, aquela música, né, clássica...

A partir deste momento, a repórter canta:

– Chove lá fora e aqui faz tanto frio.

Em seguida, emenda:

– Que bom que eu sou repórter, não sou cantora, né? Desculpa, gente.

No estúdio, todos riem. O meteorologista Cléo Kuhn sugere:

– Liga o ar quente do carro.

A repórter responde:

– E tu acha que as coisas se resolvem assim, Cléo Kuhn? Liga o ar quente, liga o ar condicionado, é assim? Aí acontece alguma coisa fora do estúdio móvel, que tenha que sair, aí eu saio e fico com a boca torta, né?

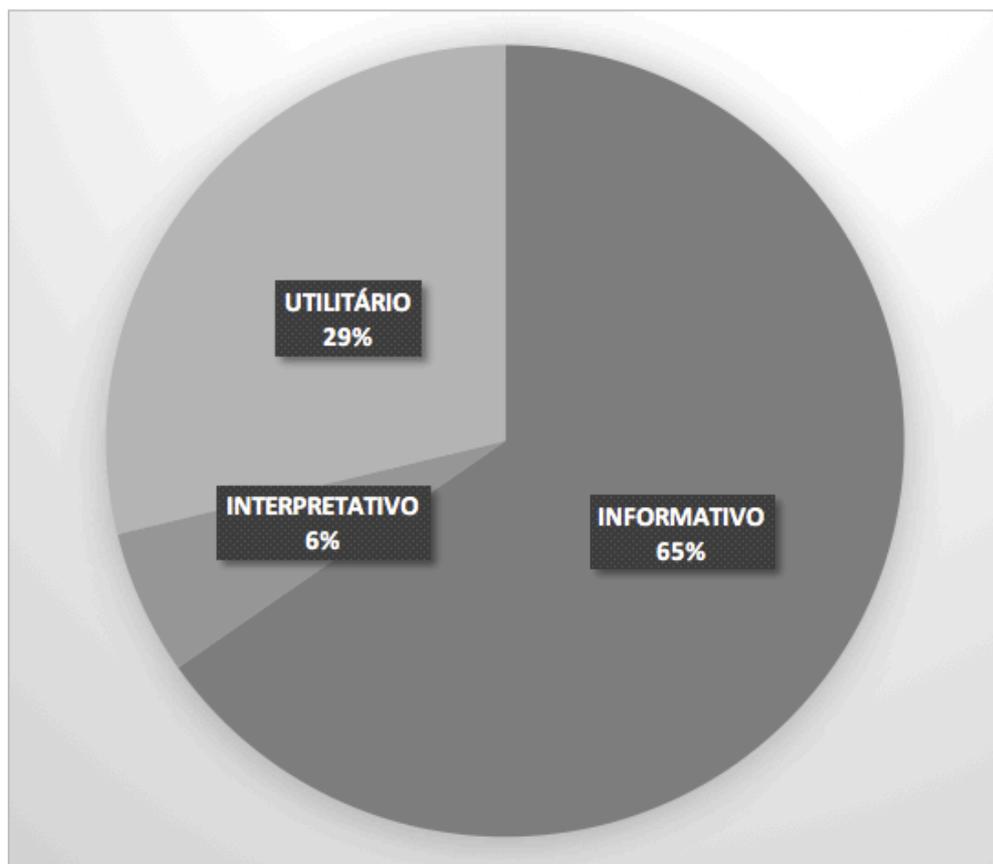
Enquanto todos caem na gargalhada, a repórter completa:

– Deus tá vendo, Deus tá vendo essas tuas artimanhas aí.

A partir deste momento, a brincadeira cessa, e a repórter passa as informações sobre o trânsito normalmente. Considerando o entendimento de que a profissional se utilizou de artifícios literários, apropriando-se de recursos ficcionais (MELO; ASSIS, p.75), sugere-se a classificação desta participação como um gênero diversional, que foi identificada, reitera-se, apenas uma vez ao longo de todo o trabalho.

Antes do detalhamento da classificação encontrada em cada um dos programas analisados, tem-se, de modo geral, assim divididos os gêneros jornalísticos na reportagem da *Gaúcha* no período observado:

GRÁFICO 5: Gêneros jornalísticos na reportagem da Gaúcha



Fonte: elaboração própria.

Importante reiterar que o gráfico representa apenas as participações da reportagem da Gaúcha, excluindo da contagem as informações levadas ao ar por outros profissionais, como produtores e editores. Essa ampliação elevaria a quantidade de participações inseridas no gênero utilitário, com informações, por exemplo, de previsão do tempo e mercado financeiro, que não costumam ser transmitidas pela reportagem. Ressalta-se, também, que uma mesma participação de um repórter pode transitar em mais de um gênero, como será exemplificada a seguir.

4.4.1 Gêneros na reportagem do *Gaúcha Hoje*

O *Gaúcha Hoje* é o programa em que mais aparecem participações que se enquadram no gênero utilitário. Ao todo, são 62. Ainda assim, este número está abaixo das 83 inserções classificadas como pertencentes ao gênero informativo, hegemônico em toda a programação. A análise dos dias 4, 5, 6, 7 e 8 de junho de 2018 resultaram na seguinte tabela:

TABELA 33

GAÚCHA HOJE	INFORMATIVO	INTERPRETATIVO	UTILITÁRIO
Segunda-feira	15	2	14
Terça-feira	14	3	17
Quarta-feira	20	3	10
Quinta-feira	20	2	9
Sexta-feira	14	2	12
TOTAL	83	12	62

Fonte: elaboração própria.

São diversos os exemplos de participações da reportagem classificada como gênero informativo. No dia 5 de junho de 2018, o repórter Vítor Rosa entra no ar com informações sobre o assassinato de três pessoas em Porto Alegre:

– O crime ocorreu na última noite, na avenida Adelino Ferreira Jardim, no bairro Rubem Berta, na Zona Norte. Conforme a Brigada Militar, as vítimas estavam em uma praça, quando os criminosos passaram pelo local atirando. Três pessoas morreram na hora e duas pessoas foram para o hospital. A Polícia Civil informou que os mortos teriam entre 25 anos e 30 anos. (RÁDIO GAÚCHA, 5 jun. 2018).

Observa-se que o repórter se limitou a narrar o assunto com o mínimo de detalhes necessários à sua compreensão. (FERRARETTO, 2014a, p.96).

No gênero utilitário, as participações mais comuns estão nas informações de trânsito, atualizadas ao longo de todo o *Gaúcha Hoje*. Esse tipo de prestação de serviço já foi mostrado ao longo deste trabalho e voltará a aparecer em seguida. Importante destacar, contudo, que o gênero utilitário abrange outros assuntos, como este, no dia 4 de junho de 2018, com o repórter Vítor Rosa:

– Junho começa com mais de 240 vagas abertas em concursos públicos no Rio Grande do Sul. Há oportunidades em 18 prefeituras, duas câmaras municipais, duas universidades federais, entre outros. O maior salário é de R\$ 16 396,00. É oferecido pelo Tribunal de Contas do Estado com 18 vagas para auditor público externo. Informações sobre inscrições e todas as vagas em GaúchaZH. (RÁDIO GAÚCHA, 4 jun. 2018).

Entre as participações incluídas no gênero interpretativo, há esta do dia 5 de junho de 2018, em que a Giane Guerra traz informações sobre a venda da Walmart Brasil pelo

fundo de investimento americano Adevent:

– Sobre a compra do Walmart Brasil pelo fundo de investimento Advent, que é dono, também, entre outras empresas, da rede Quero-Quero, aqui do Rio Grande do Sul, uma fonte que participou de parte da negociação contou pra Gaúcha que o investimento forte deve ser nas operações chamadas de *atacarejo*, que são lojas que misturam características de atacado com varejo. Elas têm uma loja mais simples e, com isso, podem ter uma equipe menor e o objetivo é oferecer preços mais acessíveis, muitas vezes com a possibilidade de a pessoa comprar tanto por unidade, quanto em fardos maiores e aí com preços diferenciados. E pra ter uma ideia, no ano passado, aqui no Rio Grande do Sul, a venda dos *atacarejos* teve um crescimento de 13%, segundo a Associação dos Supermercados, enquanto a média do setor geral foi um avanço de 2,4%. Esse tipo de venda, esse tipo de produto, esse tipo de loja ganhou muito espaço na crise econômica, quando as pessoas buscaram, de alguma forma, economizar. Então, são os *atacarejos*. E há possibilidade também de um investimento maior, nas lojas de vizinhança, Macedo. (RÁDIO GAÚCHA, 5 jun. 2018).

Percebe-se a intenção da repórter em oferecer ao ouvinte uma ampliação qualitativa do assunto, situando o ouvinte em relação à narrativa, contextualizando, situando o objeto da notícia. (FERRARETTO, 2014, p.96).

4.4.2 Gêneros na reportagem do *Gaúcha Atualidade*

No *Gaúcha Atualidade*, a divisão dos gêneros na reportagem, na semana pesquisada, apresenta-se assim:

TABELA 34

GAÚCHA ATUALIDADE	INFORMATIVO	INTERPRETATIVO	UTILITÁRIO
Segunda-feira	3	1	3
Terça-feira	1	1	3
Quarta-feira	4	0	2
Quinta-feira	1	1	2
Sexta-feira	4	0	2
TOTAL	13	3	12

Fonte: elaboração própria.

Um dos exemplos da participação da reportagem dentro do gênero informativo no *Gaúcha Atualidade* está na edição do dia 6 de junho de 2018, em que o apresentador

Daniel Scola chama o repórter Frederico Feijó:

– Deixa eu ir lá pra Pelotas com o Frederico Feijó e essa operação da Polícia Federal na Câmara de Vereadores da cidade, Frederico, bom dia!

– Bom dia, bom dia, Scola, bom dia a todos. É isso mesmo, a Polícia Federal está aqui na Câmara de Vereadores desde às oito da manhã, cumprindo mandados de busca e apreensão no gabinete de dois vereadores daqui de Pelotas. [...]. Segundo informações obtidas pela nossa reportagem, essa operação tem relação, então, com atos ilícitos praticados pelos vereadores na obtenção de votos nos pleitos de 2012 e 2016 em troca de moradia, em Pelotas, Scola.

– Obrigado. É só mandado de busca e apreensão, né? Não tem prisão?

– Exatamente, exatamente, só dois mandados de busca e apreensão. (RÁDIO GAÚCHA, 6 jun. 2018).

No gênero interpretativo, a maioria das participações é da repórter Giane Guerra. Por acumular a função de colunista de economia, a profissional demonstra amplo domínio dos assuntos relacionados à editoria, como já visto no exemplo do *Gaúcha Hoje*. No dia 5 de junho de 2018, Giane traz informações, ao vivo do estúdio, sobre a produção da indústria:

– Bom dia, depois de um março decepcionante, a produção da indústria teve um avanço importante em abril, um crescimento de 0,8% sobre março, um avanço que veio acima do projetado pelo mercado, inclusive. Março tinha registrado queda, tinha sido pior que fevereiro, que é bem difícil de ocorrer. Na comparação com abril do ano passado, alta maior ainda de quase 9%. As principais influências do setor, do segmento de produtos derivados do petróleo e biocombustíveis, neste caso, destaque para a produção de álcool que cresceu bastante, puxando principalmente o resultado do sudeste do país, provavelmente. E também um crescimento forte no segmento de veículos automotores, reboques e carrocerias, que é possível que tenha impacto também aqui no resultado do Rio Grande do Sul, que será divulgado na semana que vem pelo IBGE. Abril, então, fez o segundo trimestre começar bem na indústria brasileira, mas o receio fica no dado de maio, que terá, com força, o impacto da greve dos caminhoneiros, porque muitas fábricas pararam a produção por falta de insumos e, também, pela impossibilidade de escoar o estoque durante a paralisação. Os analistas estão, inclusive, revendo as suas projeções para o PIB, como falamos ontem aqui no *Gaúcha Atualidade*, Scola. (RÁDIO GAÚCHA, 5 jun.

2018).

Fica clara, nesta participação da Giane Guerra, a intenção de situar o objeto da notícia para o ouvinte, em um amplo quadro, recuperando dados e projetando cenários dentro da pauta específica de economia que estava sendo levada ao ar pela repórter.

4.4.3 Gêneros na reportagem do *Timeline*

Assim como ocorreu na análise anterior do *Timeline*, com relação à quantidade de participações ao vivo, opta-se pela dispensa de tabela, tendo em vista a simplificação dos dados decorrente da reduzida inserção de repórteres ao longo do programa. Nos cinco dias pesquisados, foram apenas quatro participações de repórteres, sendo três no gênero utilitário, com informações de trânsito, e uma no gênero interpretativo.

4.4.4 Gêneros na reportagem do *Chamada Geral, 1ª edição*

Com predomínio absoluto das participações classificadas no gênero informativo, o *Chamada Geral, 1ª edição* apresenta a seguinte tabela:

TABELA 35

CHAMADA GERAL, 1ª EDIÇÃO	INFORMATIVO	INTERPRETATIVO	UTILITÁRIO
Segunda-feira	13	1	1
Terça-feira	19	0	1
Quarta-feira	17	0	1
Quinta-feira	15	0	1
Sexta-feira	13	0	1
TOTAL	77	1	5

Fonte: elaboração própria.

São comuns, no *Chamada Geral, 1ª edição*, notícias de crimes e atualizações de casos policiais, como prisões, decisões judiciais, investigações e golpes. Para ilustrar, toma-se como exemplo o dia 5 de junho de 2018, em que, apenas nesta edição, foram 10 notícias deste tipo:

FIGURA 34: Compilado de fragmentos do *Chamada Geral, 1ª Edição*

LOC - Pelo menos 19 pessoas que solicitaram visto americano em Porto Alegre são vítimas de golpe. Prejuízo é superior a 20 mil reais. Cid Martins.

TEC - VIVO

LOC - Após Justiça negar prorrogação de prisão, empresário gaúcho preso por suspeita de locaute é solto. Cid Martins.

TEC - VIVO

LOC - Policial civil da Serra é investigado por fornecer dados de vítimas de acidentes a empresa de seguro DPVAT. André Fiedler.

TEC - VIVO FONE 54 99942

LOC - Carro é roubado enquanto motorista aguardava a chegada da EPTC após acidente de trânsito na zona norte de Porto Alegre. Marina Pagno.

TEC - VIVO ACCESS

LOC - Justiça arquiva processo que investigava "farra do pó" no Presídio Central. Bibiana Dihl.

TEC - VIVO

LOC - Diretor da TV Câmara de Rio Grande é preso após oferecer propina para prorrogar contrato. José Finckler.

TEC - GRAVADO

LOC - Câmara de Vereadores de Não-Me-Toque decide hoje se dá sequência a processo contra prefeito suspeito de oferecer emprego em troca de sexo a servidoras. Vitor Rosa.
TEC - VIVO

LOC - Prefeito de Porto Alegre vetará emenda aprovada pela Câmara que permite taxistas com antecedentes de agressão a mulher. Gabriel Jacobsen.
TEC - VIVO

LOC - Motorista de aplicativo é preso com espingarda dentro de carro em Viamão. Cid Martins.
TEC - VIVO

LOC - Preso último suspeito de espancar técnica de enfermagem em assalto em Porto Alegre. Vitor Rosa.
TEC - VIVO

Fonte: Rádio Gaúcha

Na maioria dos casos, essas notícias inserem-se no gênero informativo, como esta participação de Vitor Rosa, no dia 5 de junho de 2018, chamado assim pelo apresentador, às 11 h 17 min:

– Preso último suspeito de espancar técnica de enfermagem em assalto em Porto Alegre, Vitor Rosa.

– É a investigação, Macedo, da décima nona delegacia de polícia sobre o assalto seguido de espancamento de uma técnica de enfermagem, de 31 anos, no bairro São José, Zona Leste de Porto Alegre, no dia 2 de fevereiro de 2017. Ontem à noite, foi preso o último suspeito, dos três que participaram do crime. Conforme a Polícia Civil, a vítima deste ataque, até hoje, Macedo, sofre com síndrome do pânico e faz fisioterapia para tentar

recuperar totalmente o movimento do corpo, já que foi espancada pelos assaltantes. Detido no bairro Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre, o criminoso foi identificado pela polícia em outros quatro roubos, também, na Zona Leste de Porto Alegre. Este caso, Macedo, que ocorreu em fevereiro do ano passado...ela voltava pra casa depois do trabalho, quando na frente de uma escola foi abordada pelos três homens que desceram de um carro. Eles pediram a bolsa dela, ela segurou a bolsa, de acordo com a Polícia Civil, e os bandidos forçaram para levar a bolsa. Quando perceberam que ela tentou reagir, ao não entregar a bolsa, esses criminosos começaram a agredi-la e chegaram a bater com a cabeça da vítima no meio-fio, desta rua, em frente a uma escola, na Zona Leste. (RÁDIO GAÚCHA, 5 jun. 2018).

Mesmo que, neste caso, o repórter traga informações sobre o estado de saúde da vítima e alguns antecedentes do homem preso, ainda assim entende-se que a notícia, da forma como foi veiculada, insere-se no gênero informativo. Os detalhes, como foram postos, não chegam a configurar, como diz Ferraretto (2014a, p.96), uma ampliação qualitativa do assunto repassado ao público. Considera-se, neste exemplo, que foram transmitidos detalhes mínimos necessários para a compreensão.

4.4.5 Gêneros na reportagem do *Gaúcha* +

Assim como verificado no *Gaúcha Hoje*, o gênero interpretativo apareceu em todos os dias pesquisados, principalmente, com a repórter Giane Guerra, conforme já demonstrado aqui. Além de noticiar um fato, a profissional oferece ao ouvinte uma ampliação qualitativa do assunto, com aprofundamento, contextualização e projeções. No dia 6 de junho de 2018, a repórter entra no ar com informações sobre uma portaria do governo federal que determinava a fixação, nos postos de combustíveis, de cartazes com preços do óleo diesel antes e depois da greve dos caminhoneiros:

– Eu tinha solicitado um posicionamento para o Sulpetro, o Sindicato dos Postos de Combustíveis, hoje mais cedo, e acabei de receber. A orientação do Sulpetro aos postos é trazer a informação. Colocar nos postos um informativo, que pode ser em forma de faixa, placa ou cartaz com o valor de revenda do diesel para o consumidor final no dia 21 de maio, e o preço do produto a partir do dia primeiro de junho...

A apresentador Kelly Matos interrompe:

– Porque o ministro Marun tinha dado uma entrevista dizendo que o posto tinha que colocar faixa, porém a diretora do Procon, a Sophia veio aqui conosco, diretora do Procon, e não tinha especificação nenhuma. Agora, vem a especificação.

Giane retoma:

– Aí foi publicada ontem no Diário Oficial a determinação e, agora, tem a determinação do Sulpetro para os postos. E o Sulpetro ainda oriente que o comunicado seja feito especificamente ao lado da bomba de diesel. E, se houver preços diferenciados na venda do combustível, isso é uma questão que a gente já vinha abordando desde o ano passado. A lei, que foi publicada no ano passado, que é ter um preço diferente pra venda à vista, pra venda a prazo, que isso também esteja no cartaz. Nós tivemos vários problemas com relação a isso, eu recebi relatos de ouvintes que chegavam, abasteciam o carro, achavam que era aquele preço e, na hora de pagar, o posto dizia que este era o valor em dinheiro, se fosse pagar com o cartão de crédito tem que ser outro. Isso não pode, tá? Pode cobrar valor diferente, sim, mas tem que informar bem direitinho. E muito menos depois de a pessoa já ter colocado combustível no tanque, né? Então o Sulpetro aproveitou, né, deu essa orientação em relação aos preços diferentes do diesel antes da greve, e já reforçou essa orientação de que é preciso diferenciar no cartaz, bem claro para o consumidor, preços diferentes em dinheiro, ou a prazo. (RÁDIO GAÚCHA, 6 jun. 2018).

Neste exemplo, a intervenção de Kelly Matos na conversa com a repórter reforça o gênero interpretativo, na medida em que esta participação de quem apresenta o programa, conforme Ferraretto (2014a, p.96) auxilia na contextualização.

No dia 7 de junho, às 14h36, o repórter Eduardo Paganella entra no ar com informações sobre as condições de trânsito, dentro do gênero utilitário.

– Boa tarde, Staudt, boa tarde, Andressa, boa tarde também para os ouvintes ligados aqui na Gaúcha. Estamos com o estúdio móvel da Rádio Gaúcha circulando por Porto Alegre. Agora, estou na região na Lima e Silva, que tem o fluxo bastante tranquilo, mas o trânsito tá muito lento, agora, Staudt, na região da João Pessoa. O alerta principal para os nossos ouvintes é esse, a João Pessoa tem um trânsito muito lento, porque tem obras sendo realizadas no corredor de ônibus, e nos dois sentidos da João Pessoa os coletivos estão passando para a pista dos carros leves. Isso tá provocando bastante retenção nos dois sentidos da João Pessoa, as obras vão ser realizadas ao longo desta tarde por ali, tem agentes da EPTC orientando o fluxo, mas mesmo assim aquela confusão, tem bastante trânsito por ali. [...] (RÁDIO GAÚCHA, 7 jun. 2018).

Em seguida, ainda na mesma participação, percebe-se a informalidade e a descontração, consequência do ambiente de conversa estabelecido pelas participações ao vivo. O apresentador Leandro Staudt, que assiste do estúdio às imagens transmitidas pelo repórter, comenta:

– Paganella, só com uma camisa social e um suéter...pra quem tá nos acompanhando em imagens lá em *GaúchaZH*...a Marina Pagno, pela manhã, parecia *Game of Thrones*⁴⁰, né?

Andressa interrompe:

– Um fiasco.

Staudt retoma:

– Na neve, assim, um capuz, todo cheio de pelúcia.

Volta Andressa:

– Eu falei que tava um fiasco, mas a Marina sai de casa às quatro e pouca da manhã. O Paganella dorme, tranquilamente, aí vem de camisa, suéter, mas tinha mais um casaco, né, Paganella?

– Tinha mais um casaco, mas eu já tirei, porque no sol tá esquentando bastante.

Leandro Staudt fala:

– É isso que eu iria te perguntar, tá bem mais agradável no sol agora, né?

– Muito agradável, muito agradável! Tem um friozinho, viu, mas é aquele frio seco, então, a gente começa até sentir um pouquinho de calor, mas é bom trazer o casaco, quem não saiu de casa ainda, porque de noite vai esfriar bastante.

Neste momento, ouve-se um espirro *ao fundo* da fala do repórter. Andressa, sorrindo, pergunta:

– O que que aconteceu aí?

Staudt completa:

– Foi um espirro aí?

Paganella responde, rindo:

– [risos] O nosso motorista aqui, o Flávio...dá um oi aqui pro pessoal, Flávio.

Todos falam e riem ao mesmo tempo. Paganella completa:

– É, acho que ele não trouxe o casaco.

Andressa diz, rindo:

⁴⁰ Série de televisão estadunidense que tem as baixas temperaturas como uma das principais características.

– Eu acho que vocês se assanharam nesse sol aí. É melhor botar o casaquinho mesmo, seguindo o concelho do Cléo Kuhn. (RÁDIO GAÚCHA, 7 jun. 2018).

Mesmo que tenha havido a conversa, seguida de brincadeira, após as informações de trânsito, não se considera, aqui, a necessidade de incluir um outro gênero nesta participação, permanecendo, portanto, apenas classificado como utilitário.

A categorização dos gêneros jornalísticos no programa *Gaúcha +*, na semana pesquisada, apresenta-se assim:

TABELA 36

GAÚCHA +	INFORMATIVO	INTERPRETATIVO	UTILITÁRIO
Segunda-feira	0	1	2
Terça-feira	0	2	2
Quarta-feira	3	2	2
Quinta-feira	2	1	3
Sexta-feira	1	1	1
TOTAL	6	7	10

Fonte: elaboração própria

4.4.6 Gêneros na reportagem do *Chamada Geral*, 2ª edição

Assim como no *Chamada Geral*, 1ª edição, na 2ª edição, o predomínio é do gênero informativo. Há, porém, uma diferença significativa com relação ao gênero utilitário. Enquanto na 1ª edição foram identificadas apenas cinco participações deste gênero, na 2ª edição, foram 21. Tal diferença explica-se pela quantidade de informações sobre condições de trânsito. No fim da tarde, são mais necessárias, considerando o maior movimento de veículos nas ruas e avenidas da cidade.

TABELA 37

CHAMADA GERAL, 2ª EDIÇÃO	INFORMATIVO	INTERPRETATIVO	UTILITÁRIO
Segunda-feira	14	0	5
Terça-feira	14	0	5
Quarta-feira	11	0	3
Quinta-feira	10	0	4
Sexta-feira	13	0	3
TOTAL	62	0	21

Fonte: elaboração própria

No dia 8 de junho de 2018, Eduardo Paganella, dentro do gênero utilitário, informava as condições de trânsito em nove locais diferentes, em apenas um minuto:

– Acompanhando a movimentação de trânsito, trânsito carregado agora na avenida da Legalidade, a saída para o túnel da Conceição, aliás, do túnel da Conceição para a Legalidade já está bem congestionada, trânsito bem carregado agora. O acesso também pela Mauá tem movimento bastante intenso, falamos dessa região da rodoviária agora e, por aqui, o fluxo é bastante complicado. Não tem relato de acidente em Porto Alegre, segundo a EPTC. Tem trânsito intenso, também, na região da Sertório, no cruzamento com a Souza Reis, esse trecho geralmente congestiona no fim da tarde e hoje não é diferente, tem movimentação bastante intensa neste momento. Além disso, na Wenceslau Escobar, a movimentação já aumentou também no deslocamento para a Zona Sul. A Edvaldo Pereira Paiva está fluindo bem até o momento para aqueles motoristas que trafegam pela região do Gasômetro e descem também para a Zona Sul. Na Zona Leste, Bento Gonçalves com trânsito acentuado, mas sem lentidão, e o mesmo ocorre na avenida Ipiranga, que começa a ter aumento no fluxo, Scola. (RÁDIO GAÚCHA, 8 jun. 2018).

Nem sempre as participações do repórter de trânsito estão classificadas no gênero utilitário. Como está sempre circulando pelas ruas, ele é constantemente acionado para outros tipos de pautas, como neste exemplo no *Chamada Geral, 2ª edição*, do dia 8 de junho de 2018. Eduardo Paganella entra no ar com informações de uma perseguição policial com troca de tiros:

– Foi uma ação que ocorreu nesta tarde, Scola. Policiais civis suspeitaram de duas pessoas que estavam em um Chevrolet Onyx, no cruzamento da Perimetral com a Avenida Ipiranga. Eles começaram, tentaram abordar o veículo, não conseguiram, e teve aí o início de uma perseguição. Uma viatura da Brigada Militar se juntou aos policiais civis na busca a esse Chevrolet Onyx. Os criminosos, né, que estavam nesse Onyx, que era roubado, eles acabaram entrando na Travessa Alberto Ramos, que fica ao lado da Avenida Plínio Brasil Milano, Bairro Higienópolis. Houve troca de tiros entre policiais militares e criminosos. Inclusive um dos tiros acertou uma outra viatura da Brigada Militar, que estava apenas passando pela região. Os dois homens acabaram presos com o veículo roubado, que acabou recuperado pelas autoridades. (RÁDIO GAÚCHA, 8 jun. 2018).

Em algumas situações, ainda pegando o exemplo de Eduardo Paganella, a mesma

participação oscila do gênero utilitário para o informativo. Foi o que aconteceu no *Chamada Geral*, 2ª edição, do dia 7 de junho de 2018. O repórter foi chamado para entrar no ar com informações de trânsito, começando assim:

– É, Scola, tem problemas no trânsito e também na coleta de lixo. Tem um protesto de catadores de lixo, agora, que provoca lentidão na Estrada Afonso Lourenço Mariante, na Lomba do Pinheiro. Isso provoca uma retenção muito grande, aqui, curiosamente, o congestionamento é de caminhões de lixo. (RÁDIO GAÚCHA, 7 jun. 2018).

A partir deste momento, o foco da participação sai do alerta relacionado a questões meramente de trânsito, dentro do gênero utilitário, e se expande para a informação do protesto em si, que envolve um problema relevante para a vida das pessoas, que é a coleta de lixo. Passa, portanto, para o gênero informativo, na mesma participação, ainda que tenha dados, apenas, preliminares:

– É um protesto de catadores de lixo, que está bloqueando centros de triagem aqui de Porto Alegre e também a unidade de transbordo de lixo da Lomba do Pinheiro. Desde a uma da tarde, os caminhões de coleta seletiva domiciliar não estão conseguindo acessar a unidade de transbordo [*ouvem-se gritos da manifestação ao fundo*]. A informação que a gente tem é que os manifestantes estão posicionados, a todo momento, gritando, fazendo críticas, e a crítica é à prefeitura. Segundo as informações repassadas pelos manifestantes, a prefeitura não estaria repassando recursos para as associações de catadores de lixo. Por conta disso, essas associações não teriam como dar equipamentos suficientes para todos os catadores e, também, por exemplo, dinheiro pra pagar luz. Assim, o serviço do lixo, da coleta, e também os catadores de lixo estão sendo prejudicados. Segundo eles mesmos, estão conseguindo desenvolver e separar uma quantidade menor de lixo e, por conta disso, há transtorno nessa região. A gente ainda não conseguiu contato com a Prefeitura de Porto Alegre para esclarecer se há prejuízos na coleta de lixo, em função desse bloqueio na unidade de transbordo de lixo aqui da Lomba do Pinheiro.

O apresentador Daniel Scola fala:

– Essa informação é importante, até pra saber se o serviço vai ser normalizado. Paganella, assim que tiver a informação pode chamar aí, tá?

Paganella responde:

– Perfeito. (RÁDIO GAÚCHA, 7 jun. 2018).

Vinte e dois minutos depois, o repórter entra no ar avisando que conversou com um funcionário do Departamento Municipal de Limpeza Urbana, mas que ainda não havia informação sobre eventual prejuízo na coleta de lixo. Dezesesseis minutos depois, o repórter volta a entrar no ar, mais uma vez, somente com orientações sobre congestionamentos.

4.4.7 Gêneros na reportagem do *Estúdio Gaúcha*

Como já explicado, a amostragem do *Estúdio Gaúcha* conta com apenas três programas. Por esse motivo e pela simplificação dos dados referentes aos gêneros, dispensa-se o recurso da tabela. São 12 repórteres nos três programas, todos classificados no gênero informativo, como esta participação do repórter Lucas Abati, no dia 7 de junho de 2018. Ele é chamado pela produtora Yasmin Luz, que por sua vez foi acionada pelo apresentador Marcelo De Bona:

– Vamos até à redação, Yasmin Luz?

– Isso, De Bona, Lucas Abati nos traz um destaque que a prefeitura de Porto Alegre prevê para o sábado a normalização da iluminação do Parque da Redenção.

De Bona complementa:

– Fala, Lucas...

– Boa noite, De Bona, Yasmin...a prefeitura de Porto Alegre iniciou hoje o conserto de um sistema de iluminação do Parque da Redenção. Há cerca de uma semana, 25% dos pontos de iluminação estão fora de funcionamento. Ainda nesta semana, eu circulei pelo parque, De Bona, e dá pra ver que por lá, está todo um lado, trecho bem próximo ao Auditório Araújo Vianna, na avenida Osvaldo Aranha até a rua José Bonifácio, bem próximo ao Monumento ao Expedicionário. Todo esse trecho completamente às escuras. De acordo com a secretaria Municipal dos Serviços Urbanos, a previsão é terminar esse conserto no próximo sábado. Essa demora é devido à antiguidade da rede de energia, que possui cerca de 40 anos. E uma das hipóteses para a falha desse sistema é de uma ação de vandalismo. (RÁDIO GAÚCHA, 7 jun. 2018).

Ao analisar a pesquisa até este ponto, avançando, portanto, para além da análise dos gêneros jornalísticos em cada um dos programas, identifica-se, na reportagem da *Gaúcha*, como se projetavam, duas características convergentes: a primeira delas é a *instantaneidade*, com foco no sentido de tempo presente, conforme categorização de Francisato na análise do processo de formação do jornalismo. (2005, p.112). A segunda é o *jornalismo de comunicação*, uma das quatro formas de jornalismo, segundo classificação

de Jean Charron e Jean de Bonville, em que “o presente é o tempo do jornalismo de comunicação: presente do ao vivo, da informação contínua, do comentário sobre o acontecimento recente ou em curso. (2016, p.194).

Os dados mostram ainda que, de fato, a Gaúcha está priorizando as participações ao vivo, dentro dos gêneros informativos e utilitários. O movimento contrasta com o que Nivaldo Ferraz (2016) defende em sua tese de doutorado. O pesquisador, que tem como objeto de estudo as reportagens gravadas e editadas, critica as empresas jornalísticas que concentram esforços em formar um grande grupo de funcionários para, prioritariamente, informar o tempo todo.

O apelo principal para que se crie alternativas de formatos de enunciação da notícia, para além do que há no tradicional radiojornalismo, reside no fato de que o rádio possui muito mais possibilidades sonoras do que a explorada como meio por onde transita a construção e difusão do produto jornalístico. Pousado há quase um século em cima da ideia do rádio discursivo, com seu excessivo palavreado cartesiano, o discurso do tradicional radiojornalismo brasileiro não explora as mesmas formas que são aprofundadas por emissoras em algumas partes do mundo. (FERRAZ, 2016, p.174)

Ferraz defende a exploração de recursos sonoros possibilitados pelo rádio, além de uma narração impressionista por parte do repórter. Ele cita os documentários como alternativas de produção para o rádio, afirmando que são comuns em muitas redes públicas e privadas na Europa. (2016, p.174-176).

Tal ideia, de manter as reportagens gravadas, mais elaboradas, com sonoras e aprofundamento de assuntos, ainda é defendida por alguns profissionais dentro da Gaúcha. A maioria, no entanto, parece concordar com a proposta de priorização do ao vivo, não só para a notícia urgente, mas, também, para que se tenha mais informalidade, agilidade e otimização do trabalho, considerando as outras atribuições que o repórter deve desempenhar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

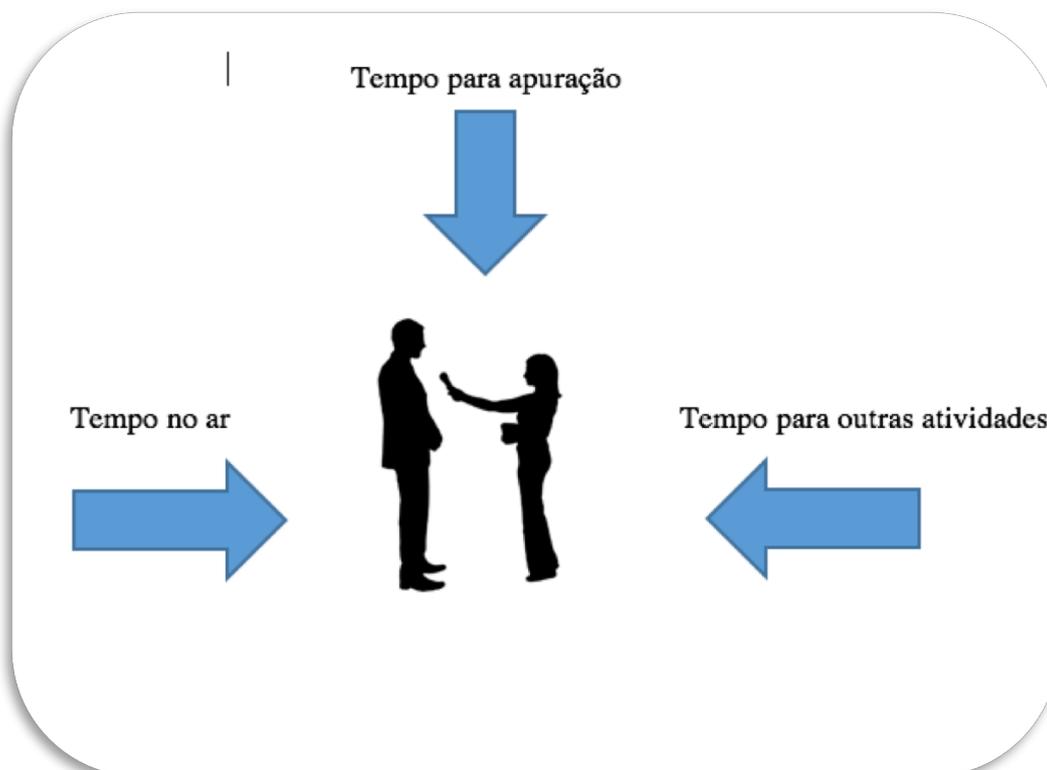
Parte da responsabilidade de um jornalista, conforme pontuam Kovach e Rosenshtiel (2003, p.226) não é só fornecer informação, mas fornecê-las de uma maneira que as pessoas se sentirão inclinadas a ouvi-la. É considerando esta afirmação como uma premissa importante que se parte para as considerações finais deste trabalho. Ainda, segundo os autores:

Jornalismo é contar uma história com uma finalidade. A finalidade é fornecer às pessoas informação que precisam para entender o mundo. O primeiro desafio é encontrar a informação que as pessoas precisam para tocar suas vidas. O segundo desafio é tornar essa informação significativa, relevante e envolvente. (KOVACK; ROSENSTIEL, 2003, p.226).

Mais que analisar o que está sendo dito pelos repórteres da Gaúcha, esta pesquisa preocupou-se em retratar, primeiro, o modo como está sendo transmitido. Confirmou-se a primeira hipótese de que este modo é ao vivo, com 88,8% das participações. Como já destacado, foram contabilizadas, no período, 385 inserções de repórteres ao longo da programação, sendo que 342 foram ao vivo. A maioria curta, com até um minuto de duração, dentro do gênero informativo, em que, conforme Ferraretto (2014, p.96), o repórter limita-se a narrar o assunto com o mínimo de detalhes para a sua compreensão. O gênero utilitário também se destacou nas participações analisadas, principalmente com informações sobre as condições de trânsito. Tal conclusão vai ao encontro do que Klöckner e Bragança (In: MOREIRA; DEL BIANCO, 2001, p. 163) projetaram 17 anos atrás, quando se via o futuro do rádio não restrito, somente, ao avanço da tecnologia, mas também com o que eles chamaram de rádio-serviço, que surgiria como uma tendência forte do rádio no país, o que acaba se confirmando no caso da Gaúcha.

No entendimento da gerência de jornalismo da Gaúcha, como já dito, há uma necessidade de se criar um ambiente de permanente **breaking news**. De fato, esta foi a sensação encontrada durante a semana em que se visitou a redação da emissora. Há uma movimentação constante de repórteres participando da programação, sem que, necessariamente, estejam no palco de ação dos fatos. A apuração das notícias pela redação é uma rotina comum à maioria dos profissionais observados, que são pressionados pelo tempo. Seja na pressa em entrar no ar, pela duração da participação, seja por outras atividades que devem ser desenvolvidas.

FIGURA 35: Representação da pressão do tempo no trabalho do repórter



Fonte: Elaboração própria

O *tempo de apuração* aparece como destaque na medida em que é preciso entrar no ar o mais rápido possível, sob pena de que as redes sociais repercutam um determinado assunto antes da emissora, ou até mesmo que o próprio assunto já tenha sido superado, tornando-se, como diz o jargão jornalístico, um assunto *velho*. O *tempo no ar* é referente à duração da participação do repórter. Como já visto aqui, é uma inserção curta e objetiva, para que, na visão dos gestores e profissionais, o ouvinte não se canse, ou se disperse. E o *tempo para outras atividades* está ligado a questões referentes ao profissional que desempenha outras funções além de, somente, entrar no ar. Como descrito ao longo da pesquisa, é preciso, por exemplo, publicar no site versões em texto das reportagens que foram ao ar na rádio, tirar fotos durante a pauta, gravar vídeos e fazer transmissões, ao vivo, em imagem.

Como um ramo particular de investimento e reprodução do capital, sob a ótica da Economia Política da Comunicação, a Gaúcha apresenta uma lógica de produção que visa ao lucro. A partir disso, estabelece aos profissionais uma série de orientações que resultam num tipo de emissão de notícias retratada ao longo do trabalho, com algumas características específicas já detalhadas, sendo a principal delas a exigência de estar sempre ao

vivo. Se essa agilidade imposta aos profissionais reflete-se em bons índices de audiência, é importante a ressalva de que, dentro deste contexto de aceleração de notícias, como destaca Moretzsohn (2012, p.70), o repórter acaba sofrendo algumas consequências como, por exemplo, a divulgação de informações sobre as quais não tem certeza. Além disso:

[...] reduz, quando não anula, a possibilidade de reflexão no processo de produção de notícia, o que não apenas aumenta a probabilidade de erro, como, principalmente e mais grave, limita a possibilidade de matérias com ângulos diferenciados de abordagem, capazes de provocar questionamentos no leitor; e, talvez mais importante, praticamente impossibilita a ampliação de repertório de fontes, que poderiam proporcionar essa diversidade. (MORETZOHN, 2012, p.70).

Conforme Franciscato (2005, p.119), esta ênfase à velocidade e à aceleração dos processos produtivos não é uma novidade nas organizações jornalísticas, transformadas em empresas que operam sob ritmos industriais. O que se buscou, neste trabalho, foi um retrato desta ênfase no trabalho específico do repórter da Gaúcha na contemporaneidade. Os resultados mostraram que, do ponto de vista organizacional, este profissional está inserido em um modelo que mescla características fordistas e pós-fordistas. Por um lado, o repórter desempenha a função em uma rotina de flexibilização de tarefas, com novas tecnologias, com ênfase na multifuncionalidade e na polivalência, com mais qualificação, indo ao encontro do período pós-fordista. Por outro lado, há um rigor na carga horária desses profissionais, para que não excedam a jornada de trabalho estabelecida em contrato, enquanto lhes é exigida velocidade na produção, aproximando-se, portanto, do fordismo.

Ao mesmo tempo em que há uma rotina de mais funções no trabalho do repórter, sobretudo na integração com outros meios e redes sociais, há de se considerar, reiterando o que disse Del Bianco (2012, p.35), a necessidade de sobrevivência do próprio rádio atrelado a outros meios e suportes, buscando não se isolar, sob risco de não ter sustentabilidade.

Com a reportagem apresentando-se do modo como vimos - curta, sem sonoras e sem edição - torna-se necessário o questionamento sobre a reportagem especial, feita em profundidade. Independentemente da aceleração das notícias verificada na rotina diária, esse tipo de material fornece ao ouvinte uma riqueza de informações, mais consistentes

na comparação com as breves participações que o trabalho mostrou. No entanto, a fórmula do sempre ao vivo, com inserções curtas, ao que parece, não será desfeita. Diante dessa dicotomia, a alternativa para que essas reportagens elaboradas pudessem ainda sobreviver seria o **podcasting**, “modalidade de radiofonia sob demanda, assíncrona, que vai além da oferta de conteúdos em websites de emissoras”. (KISCHINHEVSKY, 2016, p.68). Tal estratégia já é debatida dentro da Gaúcha, conforme afirma o gerente de jornalismo da emissora:

O podcast a gente ainda está explorando, o Brasil está explorando, que é muito disso, sentar, escrever um texto, editar, trazer uma sonora aqui e tal, mas é o podcast. E o podcast, no meu entendimento, é tudo aquilo que a gente não faz no ar, que a gente pode fazer em áudio, num outro formato. Me chegam inúmeras ideias e eu sempre digo o seguinte: Cara, essa tua ideia é muito boa, mas isso a gente já faz no ar. Por que o ouvinte vai acessar o podcast e não vai ouvir o *Gaúcha Hoje* todos os dias? Eu não posso entregar o mesmo conteúdo no ar no podcast. Tem que ser algo diferente. Então, isso nos instiga a criar mais. (DANIEL SCOLA, 5 jun. 2018).

Levando em conta resultados desta pesquisa, abre-se a possibilidade, ainda, de que seja realizado um estudo detalhado sobre convergência de profissionais da Gaúcha e da *Zero Hora*. As duas redações uniram-se fisicamente para facilitar a produção conjunta de conteúdo a ser veiculado no rádio, publicado no jornal impresso e, principalmente, no site *GaúchaZH*, citado com frequência neste trabalho, porém não aprofundado.

Em meio a tantos apontamentos, tabelas e detalhes em torno do trabalho da reportagem de uma grande emissora de rádio, fica evidente que, tanto do ponto de vista acadêmico quanto do de mercado, há aspectos que devem servir como objetos de reflexão. A aceleração não está apenas nas notícias, mas no modo de fazer jornalismo e, especificamente, no trabalho de repórter. Diante disso, sugere-se que o mercado se mantenha vigilante na ideia de que o repórter, apesar de acompanhar os avanços tecnológicos, não é uma máquina e que, por trás dos smartphones e microfones, há um profissional que depende de um bom ambiente para desenvolver seu trabalho da melhor forma possível. Ao mesmo tempo, mantendo a visão crítica, como deve ser, é desejável que a universidade entenda essas mudanças e busque preparar o aluno da maneira mais completa possível, evitando que o estudante aprenda aspectos práticos, apenas, quando estiver na rotina *alucinante* de uma redação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. A Indústria Cultural. In: COHN, Gabriel (Org.). **Comunicação de Massa e Indústria Cultural**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

ALSINA, Miquel. **A construção da Notícia**. Petrópolis. Vozes: 2009.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmerd, 2009.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de radiojornalismo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas de áudio**. São Paulo: Paulinas, 2009.

BECKER, Maria Lúcia. Convergente por formação: o novo paradigma e os desafios para as futuras gerações profissionais e os cursos de jornalismo. **Revista Latino-americana de Jornalismo**, João Pessoa, 2016, p. 100-124.

BOLAÑO, César R. S. Considerações sobre a economia política do rádio no Brasil. **Eptic – Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y de la Comunicación**. Aracaju, v. XIV, n. 2, maio-ago. 2012.

_____; BRITTOS, Valério Cruz. Capitalismo e política de comunicação: a TV digital no Brasil. In: HAUSSEN, Doris Fagundes; BRITTOS, Valério Cruz (Orgs). **Economia política, comunicação e cultura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009, p. 19-36.

BRITTOS, Valério Cruz. A televisão no Brasil, hoje: a multiplicidade da oferta. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, ano 20, n. 31, p. 9-34, 1999.

_____. O rádio brasileiro na fase da multiplicidade da oferta. **Verso & Reverso**, São Leopoldo: Editora da Unisinos, ano 16, n. 35, p. 31-54, jul.-dez. 2002.

BRITTOS, Valério Cruz; KALIKOSKE, Andres. Economia Política da Comunicação. In: CITELLI, Adilson et al. (Org.). **Dicionário de comunicação: escolas, teorias e autores**. São Paulo: Contexto, 2014.

CARVALHO, André, coord. **Manual de jornalismo em rádios Rádio Itatiaia**. Belo Horizonte: Armazém das Ideias, 1998.

CEBRIÁN HERREROS, Mariano. **Información radiofónica. Mediación técnica, tratamiento y programación**. Síntesis, Madrid, 1994.

_____. **Lo radio em la convergência multimídia**. Barcelona: Gedisa, 2001.

CHARRON, Jean; BONVILLE, Jean de. **Natureza e transformação do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2016.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração**. São Paulo: Campus, 2003.

DE FELICE, Mauro. **Jornalismo de rádio**. Brasília: Thesaurus, 1981.

DEL BIANCO, Nélia. (Org.). **O rádio brasileiro na era da convergência**. São Paulo: Intercom, 2012.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio e capitalismo no Rio Grande do Sul**: as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20. Canoas: Editora da Ulbra, 2007.

_____. Alterações no modelo comunicacional radiofônico: perspectivas de conteúdo em um cenário de convergência tecnológica e multiplicidade da oferta. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 32, 2009, Curitiba. **Anais...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2009.

_____. Comunicador radiofônico. In: ENCICLOPÉDIA INTERCOM DE COMUNICAÇÃO. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010. v. 1, p. 312-3 (Dicionário Brasileiro do Conhecimento Comunicacional). CD-ROM.

_____. Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil. **Eptic – Revista de Economia Política das Tecnologias da Informação e Comunicação**, Aracaju: Observatório de Economia e Comunicação da Universidade Federal de Sergipe, v. XIV, n. 2, maio-ago. 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/eptic/article/viewFile/418/332>>.

_____. Do golpe de 1964 à redemocratização do país, a segmentação em jornalismo na Rádio Gaúcha. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 9, 2013, reto. **Anais...** Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-sonora/do-golpe-de-1964-a-redemocratizacao-do-pais-a-segmen-tacao-em-jornalismo-na-radio-gaucha/view>>.

_____. **Rádio – Teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

_____. Da segmentação à convergência, apontamentos a respeito do papel do comunicador de rádio. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, v. 36, n. 1, 2014, p. 59-84. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/4705>>.

_____. Estruturação da mercadoria das emissoras comerciais sob a convergência: apontamentos para uma economia política da indústria radiofônica. **Revista Famecos**, Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, v. 21, n. 3, p. 943-965, set./dez., 2014.

_____. Inquietudes e tensionamentos: pistas para a compreensão do rádio comercial em sua fase de convergência. **Intexto**, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n. 34, p. 214-235, set.-dez. 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/58408/35426>>.

_____. A autenticação da realidade pelo radiojornalismo: pistas para a compreensão do papel do âncora, do comentarista e do repórter no século 21. In: ROSÁRIO, Nísia Martins do; SILVA, Alexandre Rocha da (Org.). **Pesquisa, comunicação, informação**. Porto Alegre: Sulina, 2016. p. 147- 163.

FERRARETTO, Luiz Artur; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio e convergência: uma abordagem pela economia política da comunicação. In: Encontro da Compós, 19, 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, 2010. CD-ROM.

FERRAZ, Nivaldo. **Reportagem no rádio: realidade brasileira, fundamentação, possibilidades sonoras e jornalísticas a partir da peça radiofônica reportagem**. São Paulo, 2016. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. **O jornalismo no conglomerado de mídia. Reestruturação produtiva sob o capitalismo global**. Porto Alegre, 2005. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. São Cristóvão: Editora UFS, 2005.

GUERRA, Giane. Repórter e colunista de economia. Entrevista pessoal em 4 de junho de 2018.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação: hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação**. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JORNALISTAS & COMPANHIA. **Eliane Brum e Miriam Leitão entram 2017 como as +Premiadas Jornalistas da História**: 11 jan. 2017. Disponível em <<http://www.jornalistasecia.com.br/edicoes/jornalistasecia1084fb11.pdf>>. Acesso em: 4 set. 2017

JOST, François. **La télévision du quotidien: entre réalité et fiction**. Bruxelas: De Boeck, 2001.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. Notas para uma economia política do radiojornalismo. **Brazilian Journalism Research**. Brasília: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, v. 6, p. 70-82, 2010.

_____. **Rádio e mídias sociais – Mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.

KLÖCKNER, Luciano. **A notícia na Rádio Gaúcha: orientações básicas sobre texto, reportagem e produção**. Porto Alegre: Sulina, 1997.

_____. A edição radiofônica no Brasil: aspectos históricos e técnicos. In: FELIPPI, Ângela; SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiane (Org.). **Edição em Jornalismo: ensino, teoria e prática**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

_____. **Nova retórica e rádio informativo: Estudo das programações das emissoras TSF-Portugal e CBN-Brasil**. Porto Alegre: Evangraf, 2011.

KLÖCKNER, Luciano; BRAGANÇA, Maria Alice. **Radiojornalismo de serviço: AM e FM em tempo de Internet**. In DEL BIANCO, Nélia Rodrigues; MOREIRA, Sônia Virgínia (Org.). **Desafios do rádio no século XXI**. São Paulo: Rio de Janeiro: Intercom UERJ, 2001. p. 151-168.

KOVACH, Bill.; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. São Paulo: Geração, 2003.

LARANGEIRA, Sônia M. G. Fordismo e Pós-fordismo. In: CATTANI, Antônio David (Org). **Trabalho e tecnologia**: dicionário crítico. Porto Alegre: Vozes, 1997.

LARRONDO URETA, Ainara. Convergencia y transformación estructural de los medios en Europa: oportunidades y riesgos ante la crisis del negocio tradicional. In: LIMA DOURADO, Jaqueline et al. (Org.). **Economia Política do Jornalismo**: Tendências, Perspectivas e Desenvolvimento Regional. Teresina: Edufpi, 2016.

LIMA, Zita de Andrade. **Princípios e técnicas de radiojornalismo**. Brasília: Icinform, 1970.

LOPEZ, Débora Cristina. **Marcos tecnológicos do radiojornalismo no Brasil: uma revisão histórica**. In: KLÖCKNER, Luciano; PRATA, Nair (Org). A história da mídia sonora: experiências, memórias e afetos de norte a sul do Brasil. Porto Alegre: Edipucrs, 2009, p. 466-482

_____. **Radiojornalismo hipermidiático**: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. Covilhã: Labcom-Books, 2010.

LUCHT, Janini Passini. Gêneros no radiojornalismo. In: MELO, José Marques; ASSIS, Francisco. (Org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2015. p.269-290.

MACEDO, Antônio Carlos. Apresentador. Entrevista pessoal em 6 de junho de 2018.

MATTELART, Armand.; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

McLEISH, Robert. **Produção de rádio. Um guia abrangente de produção radiofônica**. São Paulo, Summus, 2001.

McLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 4.ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco. (Org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MARTINS, Cid. Repórter. Entrevista pessoal em 6 de junho de 2018.

MARTINS, Cyro. Gaúcha: muito mais que uma rádio. **Case Studies – Portal Brasileiro de Management**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 20 mar. 2017. Disponível em: <[http:// casestudies.com.br/gaucha-muito-mais-que-uma-radio/](http://casestudies.com.br/gaucha-muito-mais-que-uma-radio/)>. Acesso em: 30 set. 2018.

MATOS, Eduardo. Repórter. Entrevista pessoal em 7 de junho de 2018.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação**: teoria e técnica do novo radiojornalismo. Florianópolis, Editora da UFSC / Editora Insular, 2001.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em “tempo real”**: o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Revan, 2012.

MORGADO, Fernando. O futuro do rádio. **Observatório de Imprensa**. São Paulo: Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo, 29 mar. 2011. Disponível em: <http://www.observatorioda-imprensa.com.br/news/view/o_futuro_do_radio>. Acesso em:

23 set. 2018.

MOSCO, Vincent. **The political economy of communications: rethinking and renewal**. Londres: Sage, 1996.

_____. Economia política da comunicação: uma perspectiva laboral. **Comunicação e sociedade 1 – Cadernos do Nordeste**, Braga, v. 12, n. 1-2, p. 97-120, 1999.

_____. Repensando e renovando a economia política da informação. **Perspectivas em ciência da informação**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, v. 3, n. 2, p. 97-114, jul.-dez.1998.

MOTTA, Luiz Gonzaga Motta. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.

PAGANELLA, Eduardo. Repórter. Entrevista pessoal em 7 de junho de 2018.

PORCHAT, Maria Elisa. **Manual de radiojornalismo (Jovem Pan)**. São Paulo, Brasiliense. 1986.

_____. **Manual de radiojornalismo Jovem Pan**. São Paulo, Ática, 1989.

PRADO, Emilio. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo. Summus. 1989.

PRATA, Nair. A fidelidade do ouvinte de rádio. **Conexão: Caxias do Sul**, v. 2, n. 3, p. 133-147, 2003.

PRIEST, Susanna Hornig. **Pesquisa de mídia: introdução**. Porto Alegre: Penso, 2011.

RÁDIO GAÚCHA. **Normas de produção, redação e apresentação**. Porto Alegre, 1987.

_____. **Chamada Geral – Primeira Edição**. Porto Alegre, 27 nov. 1986. Fragmento de programa de rádio.

_____. **Chamada Geral – Primeira Edição**. Porto Alegre, 26 fev. 1993. Fragmento de programa de rádio.

_____. **Chamada Geral – Primeira Edição**. Porto Alegre, 4 jun. 2018. Programa de rádio.

_____. **Chamada Geral – Primeira Edição**. Porto Alegre, 5 jun. 2018. Programa de rádio.

_____. **Chamada Geral – Primeira Edição**. Porto Alegre, 6 jun. 2018. Programa de rádio.

_____. **Chamada Geral – Primeira Edição**. Porto Alegre, 7 jun. 2018. Programa de rádio.

_____. **Chamada Geral – Primeira Edição**. Porto Alegre, 8 jun. 2018. Programa de rádio.

_____. **Chamada Geral – Segunda Edição**. Porto Alegre, 4 jun. 2018. Programa de rádio.

_____. **Chamada Geral – Segunda Edição**. Porto Alegre, 5 jun. 2018. Programa de rádio.

_____. **Chamada Geral – Segunda Edição**. Porto Alegre, 6 jun. 2018. Programa de rádio.

- _____. **Chamada Geral – Segunda Edição.** Porto Alegre, 7 jun. 2018. Programa de rádio.
- _____. **Chamada Geral – Segunda Edição.** Porto Alegre, 8 jun. 2018. Programa de rádio.
- _____. **Estúdio Gaúcha.** Porto Alegre, 4 jun. 2018. Programa de rádio.
- _____. **Estúdio Gaúcha.** Porto Alegre, 7 jun. 2018. Programa de rádio.
- _____. **Estúdio Gaúcha.** Porto Alegre, 8 jun. 2018. Programa de rádio.
- _____. **Gaúcha Atualidade.** Porto Alegre, 4 jun. 2018. Programa de rádio.
- _____. **Gaúcha Atualidade.** Porto Alegre, 5 jun. 2018. Programa de rádio.
- _____. **Gaúcha Atualidade.** Porto Alegre, 6 jun. 2018. Programa de rádio.
- _____. **Gaúcha Atualidade.** Porto Alegre, 7 jun. 2018. Programa de rádio.
- _____. **Gaúcha Atualidade.** Porto Alegre, 8 jun. 2018. Programa de rádio.
- _____. **Gaúcha +.** Porto Alegre, 4 jun. 2018. Programa de rádio.
- _____. **Gaúcha +.** Porto Alegre, 5 jun. 2018. Programa de rádio.
- _____. **Gaúcha +.** Porto Alegre, 6 jun. 2018. Programa de rádio.
- _____. **Gaúcha +.** Porto Alegre, 7 jun. 2018. Programa de rádio.
- _____. **Gaúcha +.** Porto Alegre, 8 jun. 2018. Programa de rádio.
- _____. **Gaúcha Hoje.** Porto Alegre, 4 jun. 2018. Programa de rádio.
- _____. **Gaúcha Hoje.** Porto Alegre, 5 jun. 2018. Programa de rádio.
- _____. **Gaúcha Hoje.** Porto Alegre, 6 jun. 2018. Programa de rádio.
- _____. **Gaúcha Hoje.** Porto Alegre, 7 jun. 2018. Programa de rádio.
- _____. **Gaúcha Hoje.** Porto Alegre, 8 jun. 2018. Programa de rádio.
- _____. **Timeline.** Porto Alegre, 4 jun. 2018. Programa de rádio.
- _____. **Timeline.** Porto Alegre, 5 jun. 2018. Programa de rádio.
- _____. **Timeline.** Porto Alegre, 6 jun. 2018. Programa de rádio.
- _____. **Timeline.** Porto Alegre, 7 jun. 2018. Programa de rádio.
- _____. **Timeline.** Porto Alegre, 8 jun. 2018. Programa de rádio.

RÁDIO GUAÍBA. **Normas de redação.** Porto Alegre, 197-.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

ROSA, Vitor. Repórter. Entrevista pessoal em 4 de junho de 2018.

RÜDIGER, Francisco. **Ciência social crítica e pesquisa em comunicação.** São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2002.

SABALLA JR., Léo Henrique; FERRARETTO, Luiz Artur. Alterações no formato da reportagem no programa Chamada Geral, da Gaúcha, de Porto Alegre: dos anos 1980 até a contemporaneidade. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 41, 2018,

Joinville. **Anais...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018. Disponível em: < <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0126-1.pdf> >.

SANTOS, Suzy. Convergência. In: MARCONDES FILHO, Ciro. (Org.). **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009. p.79-80.

SCHNEIDER, Sérgio.; SCHIMITT, Cláudia Job. **O uso do método comparativo nas Ciências Sociais**. Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998.

SCOLA, Daniel. Gerente executivo de jornalismo da Rádio Gaúcha. Entrevista pessoal em 5 de junho de 2018.

SILVEIRA, Mauro (Org.). **Manual de redação: Sistema Globo de Rádio**. Rio de Janeiro: Sistema Globo de Rádio, 1997.

SMYTHE, Dallas. Las comunicaciones: agujero negro del marxismo occidental. In: RICHERI, G. (Org.). **La television: entre servicio público y negocio**. México: Gustavo Gili, 1983.

SOARES, Fernando. **Cid Martins é o +Premiado em número de conquistas**. São Paulo: Jornalistas&Cia. 16 jan. 2017. Disponível em: <<http://maispremiados.com.br/cid-martins-e-o-premiado-em-numero-de-conquistas/>>. Acesso em 4 set. 2017

STRELOW, Aline. **Análise global de processos jornalísticos. Uma proposta metodológica**. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

TENÓRIO, Fernando G. **A unidade dos contrários: fordismo e pós-fordismo**. Rio de Janeiro: Revista de Administração Pública, 2011.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004.

VIZEU, Alfredo. O newsmaking e o trabalho de campo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Org.). **Metodologia da pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ZALLO, Ramón. **Economía de la comunicación y la cultura**. Madri: Akal, 1988.